

M 8694

BT 23



D240 036564

MANIOC.org

Université Toulouse - Jean Jaurès
Service Commun de la Documentation

MANIOC.org

Université Toulouse - Jean Jaurès

Service Commun de la Documentation

9 8694

MANIOC.org

Université Toulouse - Jean Jaurès

Service Commun de la Documentation

MANIOC.org

Université Toulouse - Jean Jaurès

Service Commun de la Documentation

Pe
Doze Leveis anos de Regencia
INFORMAÇÕES

E

FRAGMENTOS HISTORICOS

DO PADRE

Joseph de Anchieta, S. J.

(1584 - 1586)

FACULTÉ DES LETTRES DE
— TOULOUSE —
BIBLIOTHÈQUE
BRÉSILIENNE

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1886

MANIOC.org

Université Toulouse - Jean Jaurès
Service Commun de la Documentation



FR.

unseren gesammten Erkenntnissen
wir zuvörderst auf die Quellen unser
merk zu richten, nächstdem aber auch
den Plan ihrer Anordnung. "

J. Kant.

MATERIAES E ACHÊGAS

PARA A

HISTORIA E GEOGRAPHIA

DO

BRASIL

PUBLICADOS POR ORDEM

DO

MINISTERIO DA FAZENDA

N.º I

Fulho de 1886

RIO DE JANEIRO
IMPrensa NACIONAL

1886

INFORMAÇÕES

FACULTÉ DES LETTRES DE
— TOULOUSE —
BIBLIOTHÈQUE
BRÉSILIANNE

E

BT 23

FRAGMENTOS HISTORICOS

DO PADRE

Joseph de Anchieta, S. J.

(1584 - 1586)



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1886

A 4 de Abril do corrente anno, iniciamos no *Diario Official* uma serie de publicações relativas á historia e á geographia do Brasil.

O Sñr. Conselheiro Francisco Belisario Soares de Sousa, em quem as preocupações administrativas e politicas não conseguiram amortecer o gosto pelas letras, entendeu que além da vida ephemera do jornalismo mereciam estes documentos a fórma permanente do livro. D'ahi a origem d'esta collecção, exclusivamente devida ao espirito elevado e patriotico de S. Ex.

E' nosso plano dividil-a em tres secções: a primeira comprehenderá chronicas, que serão publicadas conforme for mais commodo, sem levar em conta a ordem chronologica; a segunda comprehenderá documentos reunidos em ordem chronologica; a terceira constará de monographias e trabalhos originaes.

Estas publicações não terão epocha certa: fal-as-hemos á medida que os nossos trabalhos ou os do *Diario Official* e da Imprensa Nacional as forem permittindo.

Rio, 29 de Julho de 1886.

J. B. da Silveira Caldeira.

A. do Valle Cabral.

J. Capistrano de Abreu.

INTRODUCCÃO

As duas *Informações*, agora impressas, existem manuscriptas na bibliotheca de Ev. ra em Portugal, por lettra contemporanea do seculo XVI. A primeira foi escripta em portuguez, e publicada em 1844, na *Revista do Instituto Historico*, conforme a cópia fornecida pelo nosso eminente historiador F. Adolpho de Varnhagen, posteriormente Visconde de Porto Seguro. A segunda foi escripta em hespanhol e apparece agora pela primeira vez. Nenhuma traz nome de autor.

Apezar disto, attribuo-as ao padre Joseph de Anchieta, e publico-as com seu nome, pelos seguintes motivos :

A segunda das *Informações*, intitula-se da *provincia* do Brasil, e é evidentemente escripta pelo Provincial, — em primeiro lugar porque falla em nome della, tanto que em seu nome pede a benção do Geral (p. 56), em segundo porque se refere a *Informação* anterior, que escrevera por força de seu cargo (p. 55). Ora, neste tempo o provincial do Brasil era Joseph de Anchieta (loc. cit.).

Quanto á primeira *Informação* basta ver a minuciosidade com que se refere a S. Paulo, mencionando (p. 6) a guerra de 1562 com os Indios que apenas durou dois dias, alludindo (p. 14) a um *nescio quid* de mais virtude, devoção e affeição á Companhia que se enxerga naquella terra, referindo-se á reedificação da igreja de

Itanhaen (p. 19), á penedia de S. Vicente (p. 28) em que se notam pisadas de homens, — e comparar com estas minucias o modo breve por que se refere ao Norte, para ver que ao autor era muito mais familiar o Sul que o Norte. E' exactamente o caso de Joseph de Anchieta que, chegando a Bahia em 1553, foi mandado para S. Vicente no mesmo anno e ahi ficou até 1576, com um intervallo em 1556 quando por pouco tempo acompanhou na Bahia ao padre Manuel da Nobrega, com outro em 1565 em que acompanhou Estacio de Sá á conquista do Rio de Janeiro, indo depois ordenar-se na cidade do Salvador, e outros menores.

Accrescente-se a isto mais alguns factos a que elle esteve presente e que vêm referidos e outros que só conhecemos por suas cartas, como a fundação do Rio de Janeiro (p. 7); a tomada de uma náó franceza nesta occasião (ib.); a historia dos frades de habito branco (p. 12); a fundação de S. Paulo com as doze aldeias primitivas que a cercavam (p. 19) e com o frio que soffreram os primeiros povoadores tão vividamente pintado (p. 21); a viagem frustrada do padre Manuel da Nobrega ao rio da Prata (p. 22); e a hypothese adquire novos fundamentos.

Accrescente-se, emfim, que em dois logares (pp. 4 e 21) elle falla em informações que manda, — e ver-se-á que ainda aqui, não se trata de um Padre que escreve por commissão de Superior, cujo nome viria declarado; nem de Reitor, porque só teria de dar conta do seu collegio e das residencias a elle annexas, mas de um Provincial, que, como já se disse, era então Anchieta.

Ha ainda uma circumstancia a invocar: a primeira *Informação* traz em mais de uma parte o anno em que foi escripta — 1584, sem trazer o mez. Entretanto (p. 14), diz o Autor que o padre Manuel de Paiva falleceu no Espirito Santo a 21 de Dezembro do mesmo anno. Por conseguinte foi de 21 a 31 de Dezembro que a Informação foi composta. Agora graças a Fernão Cardim (*Narrativa epistolar*, pp. 89 a 97) sabemos que neste tempo Anchieta estava no Rio do Janeiro, onde chegou com o padre Christovam de Gouveia a 20 de Dezembro, depois de viagem accidentada. Foi á vista dos logares em que tantas scenas se desenrolaram importantes, em que

elle representou papel eminente, que suas recordações se avivaram e por isso entrou elle em particulares tão curiosos.

A's pag. 4 e 21, fala-nos o Autor em informações que acompanhavam a que mandava, relativas á conversão dos Indios. Que fim levariam? E' preciso em primeiro logar saber si o papel a que se refere p. 4 é o mesmo a que se refere p. 21. Não é isto bastante claro. Si fôr apenas um, julgo que é um Mssc que está na Bibliotheca Eborense em cujo catalogo figura a pag. 19 do 1.º volume.

Não tem titulo: o Catalogo intitula-o: *Breve noticia historica das missões dos Jesuitas no Brazil*; o Instituto Historico possui uma cópia em que o titulo é *Primeiros trabalhos dos Jesuitas*. Possui tambem uma, que com o mesmo direito baptisei de *Informação dos primeiros aldeamentos da Bahia*.

Este documento ainda está inédito e é de grande interesse por conter factos em grande parte desconhecidos e narrados seguidamente de modo a apresentar uma verdadeira historia parcial. Atribui-o a principio tambem a Anchieta; mas as indicações das pag. 4 e 21 não o implicam e estudo mais detido convenceu-me de que o autor deve ser ou o padre Gregorio Serrão ou o padre Luiz da Fonseca, — mais provavelmente este, á vista do que se lê na p. 75 do presente volume.

Existe igualmente um documento de origem jesuita, escripto em 1584, e procedente provavelmente de Anchieta (*). E' uma

(*) Intitula-se: *Articles touching the dutie of the Kings Maiestie our Lord and to the common good of all the estate of Brasil* e occupa as pag. 132) a 1325 do volume IV de *Purchas his Pilgrimes*, Londres, 1625.

Compare-se o seguinte trecho da pag. 1325 com a pag. 20 do presente volume: The Indians that are brought from the Maino and are in the power of the Portugals, and all that are by the Coast of Brasill as well free as slaues, have no kind of doctrine by obligation, that is imposed upon them; for neither Bishops, nor Curates have any care of it, bearing themselves vpon the Fathers of the Company, and in thirty foure yeeres since that the Company was sent to these parts by the King Don Juan the Third, no Curate in all Brasill did ever say Masse in respect of the Indians, or slaues borne in the Countrey, only they baptize the children with their offerings, and those that are already growne they need no more preparation, then to bring them to be baptized, without giuing them any other knowledge of the faith, so it hapneth by their ignorance, that not only they receive not the grace of Baptisme, but also sometimes not the character. It is pittie to see the little regard that is had in this, being the principal dutie of the King our Lord.

The Fathers of the company since they entered in to Brasill, tooke this matter effectually, and in all places where they haue houses, there is alwaies a particular

informação geral do Brasil, apontando as necessidades mais urgentes, indicando emfim todo um plano de reforma da colônia. Tomado em 1603 a Fernão Cardim, quando piratas ingleses aprisionaram o navio em que vinha este com o Visitador, padre João Madureira, foi elle parar ás mãos de Purchas, que o publicou no quarto volume de seus *Pilgrimes*. Infelizmente não o publicou integralmente, e não se conhecendo o original, nem havendo talvez outra cópia, é muito provavel que só se possa publicar no estado mutilado em que nol-o deixou o laborioso Inglez. Para este fim já o traduzi o mais fielmente que pude, e aproveitarei a primeira occasião para tornar conhecido este documento profundo e que representa fielmente o estado do Brasil n'aquelle tempo.

Além das duas *Informações* de 1584 e 1585, reuni sob o titulo *Fragments Historicos* os trechos que dos *Apontamentos* de Anchieta extrahiu o padre Antonio Franco na sua *Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de Jesu no collegio de Coimbra*. Nesta cidade existiam elles levados por Fernão Cardim, ao tempo em que Franco escrevia, nos começos do seculo passado. Ainda existirão? Mandei pedir a este respeito noticias em Coimbra, mas ainda não chegaram e não posso demorar mais tempo esta publicação.

Entretanto presinto que os *Apontamentos* de Anchieta hão de ser encontrados. Sabemos por um trecho de Simão de Vasconcellos que estes *Apontamentos* eram divididos em livros. Temos noticia que em Roma, na bibliotheca Vittorio Emmanuele, existem escriptos do tempo de Anchieta dois Mss. intitulados :

Historia de la fundacion del colegio da Bahia.

Historia de la fundacion del colegio del Rio de Janeiro.

Sabemos que no Porto existe outro Mss. do mesmo tempo :

Historia de la fundacion del colegio de Pernambuco.

Mass said for the slaves all Sundays, and Feast dayes, catechising them every day, and sometime Morning and Evening. They labour to learne the Countrey Language, and instruct them in the matters of faith, and law of God, they baptize, marrie, and doe shrieve and administer other Sacraments unweariedly. But because they cannot accomplish all, and many doe perish in want for (the Carates take no care of them as if they were not their shoope) it is necessary that his Majestie doe provide in this some more effectuall remedies.

Não serão estes os *Apontamentos* de Anchieta? E' o que se verificará apenas cheguem as cópias perdidas.

A importancia dos *Apontamentos* a julgar pelos fragmentos aqui reunidos, deve ser grande. Anchieta era um grande observador, sabia reunir pequenos factos característicos, desenhar os retratos com grande nitidez, e dar-nos a sua nota pessoal dos documentos humanos que enfeixava. O que elle escreveu sobre o padre Manuel da Nobrega é mais instructivo psychologicamente que muitos volumes.

Das *Informações* ha muito que aprender: a falta de açougues (pp. 34 e 37), a preguiça da terra e a falta de engenho dos estudantes (p. 37), a pintura dos engenhos (p. 47), e muitos outros pontos rasgam perspectivas novas.

Chamarei attenção rapidamente para dois delles: o primeiro é que os primitivos colonos achavam a terra melancholica, e tinham razão por que bastavam as privações descriptas ás pp. 20 e 21 e que não eram privativas dos Jesuitas; as cobras que cahiam dos telhados sobre as camas ou mettiam-se nas botas (p. 51), as formigas que obrigavam os mcradores todas as noites a andarem de facho a catal-as (p. 52); os receios dos inimigos externos que, segundo Gabriel Soares, os trazia n de constante sobresalto, bastavam para produzir uma irritação constante. Ora, segundo a bella expressão de Taine, as sensações fazem a sensibilidade. *Por ser nesta terra*, diz-nos Anchieta, p. 38. E' o que todo mundo dizia então e pensava.

O segundo ponto é que os filhos de Portuguezes nascidos no Brasil eram tratados com desdem: *faltos de engenhos*, diz o Autor p. 37, *afeiçoados aos costumes dos Indios*, diz p. 70. Cousas semelhantes diz elle nas suas cartas, e repetem os contemporaneos.

Este ponto,— o desdem pela terra, o desdem pelos naturaes, *mazombos* como então os chamavam em opposição aos *reinos*,— é capital em nossa historia, e si quizermos definir em poucas palavras o periodo que começa com o descobrimento de Cabral e remata com a conquista do Maranhão, nem um ha tão característico. Neste periodo que se pode chamar *transoceanico*, de nosso ponto de vista

particular ou, segundo a classificação genial de Ratzel, periodo da *distribuição peripherica*, é elle que tudo domina, tudo explica e systematiza *).

A partir de 1614 abre-se novo periodo,—o da exploração do interior. Em S. Paulo começara mais cedo, porque a estreita restinga que separa a cordilheira oriental do Oceano, obrigou a galgala desde logo; no valle do Amazonas o movimento acelerara-se graças á admiravel rede fluvial que o retalha; na Bahia a posição central de S. Francisco serve como de nucleo coordenador; as bandeiras alastram por todo o paiz; os conquistadores estendem os limites da civilisação; a criação de gado alonga-se por espaços immensos. Emfim em 1697 descobre-se o caminho por terra entre a Bahia e Maranhão pelo Piahy e começa a corrente curiosa e até hoje quasi desconhecida da população que vem do interior para o mar, — corrente que liga toda a historia do Norte, e que permite apresental-a como uma unidade. Já então ia desaparecendo o desdem pela terra e pelos mazombos.

Emfim abre-se com os primeiros annos do seculo passado o periodo das minas, e rebenta verdadeira revolução psycologica. Não se precisa ler os dythirambos entusiastas de Rocha Pitta, basta meditar nas paginas de André João Antonil, ou,— para dizer o verdadeiro nome, João Antonio Andreoni, porque Antonil era pseudonymo, — para ver o entusiasmo que a terra dispertava. Basta lembrar as pequenas rugas que havia com os reinos, — a prohibição de serem vereadores aqui no Rio, as guerras contra os

*) « A distribuição geographica dos homens póde, segundo a confermação do territorio que habitam, ser apanhada no seguinte schema :

I. Distribuição em massa : a) distribuição cohesiva, por exemplo os Allomães entre o Rheno e o Elba; b) distribuição central, exemplo os M gyares no Danubie, os Makoloto no Zambese médio; c) distribuição peripherica, exemplo os Somitas ao N. e E. da Africa, os Malaios nas ilhas do Archipelago malaio; d) distribuição transversal, exemplo os Lapões das montanhas Scandinavas; e) distribuição saltada, exemplo os Allemães a E. do March e do Oder, os Indios nos Estados-Unidos, os Yao no territorio do Nyassa, os Chinezes no archipelago malaio.

II. A distribuição isolada, na qual a separação pelo espaço dissolve a cohesão do povo. Os melhores exemplos offerecem em toia a terra as raças commerciaes, como Judeus, Armenios, Arabes na Africa, etc., e os immigrantes que na America e alhuros vivem de mistura com os indigenas. » Ratzel, *Anthropo-geographic oder Grundzuge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte*, p. 414/415 Stuttgart, 1882.

Emboabas em Minas Geraes, as guerras dos Mascates em Pernambuco, para medir a differença que havia deste para o periodo transoceanico, para sentir que os desdenhados não eram mais os mazombes e caboclos.

Cada um destes periodos espero poder estudar em outra occasião — o de 1500 a 1614 na introdução á *Historia do Brasil* de Frei Vicente do Salvador que termina em 1627; o de 1615 a 1700, a proposito da missão de Frei Martim de Nantes, ou da obra inedita de Andreoni, si está em Napoles como supponho, e obtiver cópia, como espero; o das Minas a proposito da *In- formação* de Pedro Taques.

Estas considerações têm-me levado para longe de Anchieta; tornarei a elle, dando ligeiras indicações biographicas. Dou de proposito ligeiras, porque quando fôr publicada a sua *Vida* escripta em 1607 pelo padre Pedro Rodrigues e que até agora tem estado inedita, será a occasião propria para entrar em mais desenvolvimentos.

Anchieta nasceu em Teneriffe a 7 de Abril de 1534, tendo por pae D. João de Anchieta, natural de Guipuscoa, e por mãe D. Mencia Dias de Claviko Llarena, natural da Gran Canaria. Foi mandado para Portugal a estudar na Universidade de Coimbra onde entrou para a Companhia a 1 de Maio de 1551. Motivos de saude levaram seus superiores a mandal-o para o Brasil, em companhia de D. Duarte da Costa, segundo governador: partindo de Lisbôa a 8 de Maio de 1553, chegou a Bahia em 8 de Julho do mesmo anno. Depois de alguns mezes, foi mandado para S. Vicente onde entregou-se ao estudo da lingua brasilica de que em pouco tempo escreveu uma grammatica, e foi egualmente encarregado de ensinar primeiras letras aos filhos dos Portuguezes. Acompanhou o padre Nobrega á Bahia quando este foi para lá em 1556, mas pouco demorou. Assistiu á fundação da cidade do Rio de Janeiro. Em 1569 foi nomeado reitor do collegio de S. Vicente, cargo que desempenhou durante seis annos. Em 1576 foi feito professo dos quatro votos. No anno seguinte eleito provincial, occupou este logar até 1588, em que substituiu-o o padre Marçal Beliarte.

Nomeado o padre Fernão Cardim reitor do Rio de Janeiro, fez-lhe companhia algum tempo. Depois, feito superior da residencia do Espirito Santo, ahí morreu em Rerityba a 7 de Junho de 1597.

Escreveu muitos livros dos quaes foram impressos uma grammatica da lingua geral em 1595; um poema a Virgem em 1663 e 1672 na sua *Vida* e na *Chronica da Companhia* de Simão de Vasconcellos; diversas poesias, em portuguez, latim, hespanhol e tupi, que existem Mss. em Roma e de que o Instituto Historico possui cópia; uma vida de Men de Sá, cujo paradeiro é ignorado; cartas, que tem sido publicadas na *Revista do Instituto* e nos *Annaes da Bibliotheca*; Apontamentos, etc.

Agora algumas explicações pessoais para terminar.

O Instituto Historico publicando a primeira *Informação* em 1844 deu-a com a orthographia e abreviaturas do original. Compreende-se isto na Revista de uma sociedade scientifica: em um trabalho de vulgarisação como este seria inutil e pedantesco. Pelo mesmo motivo traduzi ou antes abraseleirei a segunda *Informação*.

Que a primeira *Informação* era de Anchieta, insinuou Varnhagen na primeira edição de sua *Historia Geral* e procurou demonstral-o antes de mim o finado Senador Candido Mendes de Almeida.

Eis os argumentos de que elle tirou esta conclusão, e que reproduzo textualmente:

« 1.º Pela data em que foi escripta, ultimo anno de seu provincialado, e as *Annuaes* eram escriptas pelos Provinciaes, ou por outro Padre com sua autorização. . .

« 2.º Porque de Anchieta, que já neste tempo enchia com o seu nome Portugal e o Brasil, nesse documento apenas se menciona uma vez a existencia, nestes termos do capitulo que se inscreve: *Da vinda dos Padres da Companhia ao Brasil* (pag. 14 do presente volume): « no anno de 1553 vieram seis da Companhia com o segundo Governador D. Duarte da Costa, Sc.: o padre Luiz da Grã,

o padre Braz Lourenço e o irmão João Gonçalves, o qual morreu depois de sacerdote na Companhia com muita santidade, e os irmãos Antonio Blasques, Gregorio Serrão, José de Anchieta, e *todos cinco ainda vivem, todos sacerdotes.*»

« 3.º Referindo-se aos provinciaes da Companhia, o silencio que guardou acerca do seu nome, no fim ou já terminada a sua administração de 1577 a 1584, era elle o sexto, ainda é mais significativo. Eis as palavras da Annuã (pag. 24 do presente vol.) :

« O quinto Provincial foi o padre Ignacio Tholosa, Hespanhol, no anno de 1571 até o anno de 1577, e *ainda* tem o cargo neste presente de 1584.»

« O ponto em 1577 em que terminára a administração de Tolosa, e as palavras seguintes — « e ainda tem o cargo neste presente de 1584 », esquecendo-se por extrema modestia de seu provincialado de sete annos, bem assignala o homem extremamente escrupuloso e modesto que de si não quer tratar » *).

Sobre estes argumentos, farei apenas dois reparos : o primeiro é que julgo ter demonstrado em uma nota, que o provincialado de Anchieta foi além de 1584 ; o segundo é que a omissão de seu nome na lista dos provinciaes, dá-se com effeito na edição do Instituto, porém nesta não,— feita por uma cópia tirada directamente de Evora.

Candido Mendes não conhecia a segunda das *Informações*, nem os *Fragm.entos historicos*.

Sobre as notas deste volume, direi que procurei fazel-as breves o mais que pude. Certos pontos que mereciam esclarecimentos ficaram assim sem elles, porque haverá melhores enijos de tratál-os mais desenvolvidamente, e não é sensível a necessidade de repetições.

Nestes trabalhos devo agradecimento especial a meu amigo Lino d'Assumpção que de Lisbôa e Evora tem sido incansavel em mandar documentos e fazer as pesquisas que indicamos.

*) Revista do Inst., XLV, parte II, pp. 491 e 492.

Os empregados do *Diario Official* e da Imprensa Nacional foram todos de uma bondade inexgotavel: enumeral-os todos seria um nunca acabâr; singularisarei, pois, os que mais vezes foram incommødados: o Sr. Dr. Pedro de Barros, digno director do *Diario*; os Srs. Nunes Galvão e Cardoso de Barros, da Administração; os Srs. João Paulo, Balbino, J. Gomes e em geral todo o corpo typographico.

Rio, 13 de Julho de 1886.

CAPISTRANO DE ABREU.

INFORMAÇÕES

DO

BRASIL.

Informação do Brasil e de suas capitánias.

Os primeiros Portuguezes que vieram ao Brasil foram Pedro Alvares Cabral com alguma gente em uma nau 1) que ia para a India Oriental no anno de 1500 e aportou a Porto Seguro, ao qual poz este nome porque achou o porto que se diz Santa Cruz muito seguro e bom para as naus. E toda a provincia ao principio se chamava Santa Cruz; depois prevaleceu o nome de Brasil por causa do pau que nella ha que serve para tintas.

Tem a provincia do Brasil sete capitánias nomeadas, *scilicet*: Pernambuco, Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente. Posto que em Pernambuco ha outra que chamam Tamaracá, é cousa pequena por agora e não é mais que uma ilha pequena, em que está uma pequena villa, ainda que sua repartição é de 50 leguas, como as outras 2). Da mesma

1) Aliás trese, o nome de cujos commandantes com pequenas divergencias trazem Castanhêda, Gaspar Correia, Barros e outros.

2) Que a doação de Pedro Lopes, donatario das capitánias de Itamaracá e Santo Amaro, toi de 86 leguas demonstra o Dr. M. Lopes Machado na *Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pernamb.*, Recife, 1884, IV, pp. 107/126.

maneira está em S. Vicente outra que é outra ilha chamada Guaibe ou de Santo Amaro, que também tem a mesma repartição de leguas. Foi a principio povoada com seu capitão e moradores e um engenho de assucar, mas com a perseguição continua dos Tamoyos, Indios do Rio de Janeiro, se despovoou, nem tem justiça particular, tudo se reputa por S. Vicente. Nella fez agora Diogo Flores de Valdez, general da armada que Sua Magestade mandou ao estreito de Magalhães, um forte com gente e artilharia, por que está da outra banda do rio que é a barra de S. Vicente onde podem entrar naus grossas. Nesta barra estiveram o anno passado de 1583 dois galeões inglezes que queriam contractar com os moradores e, vindo da arribada tres naus da dita armada mal tratadas das tormentas, metteram os Inglezes uma dellas no fundo com morte de alguma gente e se foram acolhendo.

A Bahia e Rio de Janeiro são d'Elrei e cidades e todas as mais capitancias são de senhorios e villas. De Pernambuco que é a primeira capitania, que está em oito graus, até S. Vicente, que é a ultima e está no tropico de Capricornio quasi em 24.º, pôde haver 350 leguas por costa correndo-se de Norte-Sul, Nordeste-Sudoeste, e de S. Vicente até a lagôa dos Patos, onde começa a nação dos Carijós que sempre foram da conquista de Castella, pôde haver 90 leguas pelo mesmo rumo.

Todo este gentio desta costa, que também se derrama mais de 200 leguas pelo sertão, e os mesmos Carijós que pelo sertão chegam até às serras do Perú, têm uma mesma lingua que é grandissimo bem para sua conversão. Entre elles pelos mattos ha diversas nações de outros barbaros de diversissimas linguas a que estes Indios chamam Tapuyas, que quer dizer escravos, porque todos os que não são de sua nação têm por taes e com todos têm guerra. Destes Tapuyas foi antigamente povoada esta costa, como os Indios affirmam e assim o mostram muitos nomes de muitos logares que ficaram de suas linguas que ainda agora se usam; mas foram se recolhendo para os mattos e muitos delles moram entre os Indios da costa e do sertão. Estes, posto que tem alguma maneira de aldeias e roçarias de mantimentos, é contudo muito menos que os Indios e o principal de sua vida é manterem-se de caça e por isso têm uma natureza tão inquieta que nunca podem estar muito tempo em um logar, que é o principal impedimento para sua conversão, porque *alioquin* é gente bem inclinada e muitas nações delles não comem carne humana e mostram-se muito amigos dos Portuguezes, dizendo que são seus parentes e por meio delles têm pazes com os Indios que tractam com elles, de que antes eram inimigos. Só uma nação destes que chamam Guaimurê, que ao principio foram amigos dos Portuguezes, são agora cruelissimos inimigos, andam sempre pelos mattos e têm posto em grande aperto a capitania do Porto Seguro e Ilheos, e já quasi chegam á Bahia.

DOS GOVERNADORES E CAPITÃES.

O primeiro capitão da Bahia e senhorio della foi Francisco Pereira Coutinho. Teve guerras com os Indios até que o fizeram despoovar e acolheu-se a Porto Seguro. Depois tornando à mesma Bahia o acabaram de matar os Indios.

Na era de 1549, veio Thomé de Souza, o primeiro governador geral do Brasil, homem muito temente a Deus e muito inteiro na justiça e devoto da Companhia. Chegou em tempo que toda a terra estava cheia de matos e de aldeias de Indios; haveria até seis ou sete homens Portuguezes, rodeados de todas as partes de contrarios. Desembarcaram na Villa Velha, onde aquelles homens estavam em tanto perigo, e arvoraram uma cruz em um lugar alto e descoberto. Este edificou a cidade da Bahia onde agora está, e trabalhou muito de conservar a paz com os Indios com muita prudencia, como conservou todo o tempo que governou.

Na era de 1553 veio o segundo governador dom Duarte da Costa 3). No seu tempo se levantaram algumas aldeias dos Indios, às quaes deu guerra e tornou a pacificar e em seu tempo se começaram de edificar egrejas entre os Indios e se deu principio mais de proposito à conversão.

Na era de 1557 veio o terceiro governador Men de Sá. Este sujeitou quasi todo o Brasil, teve guerra com os Indios do Paraguaçu fronteiros da Bahia e muito poderosos, em que lhes bucimou 160 aldeias, matando muitos e os mais sujeitou. Amansou os dos Illheos que estavam levantados e tinham destruidas muitas fazendas e posta a capitania em grande aperto. Destes houve muitas insignes victorias até que ficaram sujeitos todos os Indios comarcões da Bahia desde Camamu até o Itapucurú, que são 40 leguas. Sujeitou à lei de Deus e os fez ajuntar e fazer egrejas e desta maneira foi em grandissimo augmento a conversão que foi começada em tempo de dom Duarte da Costa.

Na era de 1560 foi ao Rio de Janeiro e destruiu a torre fortissima dos Francezes, que tinham ali edificada em uma ilha com muita artilharia e gente, e d'alli por diante perderam os Francezes a esperança de poderem levar adiante seus propositos que

3) Na collecção de S. Vicente, que existe manuscrita em Lisboa, encontrou Lino de Assumpção o seguinte apontamento inedito:

« Armada em que foi D. Duarte. — Na armada em que foi D. Duarte foram quatro vellas, scilicet: uma nau e tres caravellas em que foram 260 pessoas.

« E são mais no Brazil dous navios armados, um em que foi o Bispo e outro em que foi Manoel da Fonseca e levaram ambos 100 pessoas.»

eram pousar alli e fazerem-se senhores daquella terra e dalli esperarem as naus da India na altura do cabo da Boa Esperança ou da ilha de Santa Helena.

Na era de 1566 tornou outra vez ao Rio de Janeiro que se começava a povoar por seu sobrinho Estacio de Sá, e com sua chegada se destruíram duas aldeas fortissimas que eram fronteiras e toda a confiança dos Tamoyos e com essas victorias se começaram a entregar e fazer pazes os outros que estavam espalhados por todo o Rio de Janeiro, sua terra possuida de tantos annos.

No anno de 1572 morreu na Bahia, e em 14 annos que governou o Brasil sempre se confessou e commungou na Companhia e quatro ou cinco annos antes de sua morte o fazia cada oito dias e o mesmo dia que morreu se confessou geralmente com um dos nossos. Resava o Officio Divino, e todos os dias da semana por muitas tormentas e chuvas que fizessem, não deixava de vir ao Collegio á ouvir missa ante manhã. Fez á sua custa a igreja do Collegio, na qual foi sepultado, e além disto lhe fez doação das suas terras do Camamú, que são 12 leguas em quadra com oito aguas para engenhos de assucar.

A Men de Sá succedeu Luiz de Brito de Almeida que foi no anno de 1573. Este nunca consentiu fazerem-se vexações notaveis ás aldeas de doutrina que estão a cargo dos Padres, nem deixava tirar dellas alguns Indios que lá se acolhiam dos que os Portuguezes traziam enganados do sertão. No seu tempo, e indo elle lá em pessoa, se fez a guerra do rio Real, onde os Padres tinham edificado algumas igrejas e ajuntados muitos Indios nellas, como se verá largamente no papel que com este vai.

Na era 1574 veio o Dr. Antonio Salema com alçada a todo o Brasil e com titulo de governador geral das capitancias do sul, sc: Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente, ordenando El-rei D. Sebastião de boa memoria que se repartisse a governança do Brasil em duas partes. Depois de fazer seu officio da alçada em algumas partes da costa, se foi residir ao Rio com o dito titulo e poderes de governador em sua repartição. Ainda no seu tempo estavam em pé os Tamoyos do Cabo Frio, grande acolheita dos Francezes, d'onde vinham a fazer saltos dentro do mesmo Rio, pelo qual se determinou de lhes dar guerra e assim, com favor da capitania de S. Vicente da qual veio o capitão Jeronymo Leitão, com a maior parte dos Portuguezes e muitos Indios christãos e gentios, e com esta ajuda commetteu a empreza e acabou de destruir toda a nação dos Tamoyos, que ainda estava mui soberba e forte com muitas armas dos Francezes, espadas, adagas, montantes, arcabuzes e tiros grossos, sem lhe ficar aldeia que não sujeitasse até á ilha de Santa Anna, que é o cabo dellas, que são algumas 30 leguas do Rio de Janeiro. Muitos dos Indios matou na primeira aldeia, que era a mais forte, e depois disto se

lhe entregaram os outros quasi sem guerra, muitos dos quaes se ajuntaram na aldeia dos Indios christãos, que eram dantes seus inimigos, e se baptisaram e ainda alguns vivem.

Com esta nova vieram alguns Tamoyos do sertão, moradores da Parahyba, a lhe pedir pazes e se juntaram com os outros. Com estas victorias ficou toda aquella terra despovoada e tirado aos Francezes o principal porto que tinham para seus tratos que é o Cabo Frio. Acabou Antonio Salema sua governança vindo Lourenço da Veiga por governador e tornou a ficar a costa toda debaixo de um governador geral como dantes.

No principio do anno de 1578 veiu por governador Lourenço da Veiga, o qual por si mesmo visitou as aldeias da doutrina que estão a cargo dos Padres, com muito gosto e lagrimas de devoção, vendo as doutrinas, procissões, disciplinas e communhões dos Indios e as missas officiadas em canto de órgão, com frautas, pelos filhos dos mesmos Indios. Favoreceu a christandade no que pôde, mandando ir para as ditas aldeias dos Christãos alguns Indios que os Portuguezes trouxeram do sertão enganados e nunca os quiz mandar entregar aos que os pretendiam por mais que nisto insistiram, e assim muitos delles morreram baptisados e alguns vivem ainda e trabalhou sempre de conservar a liberdade de todos os Indios. Morreu na Bahia no anno de 1581 4).

No anno de 1583 veiu por governador Manuel Telles Barreto. Prazerá ao Senhor que ajudará muito a christandade e favorecerá a liberdade dos Indios, como El-Rei Nosso Senhor muito lhe encommenda.

DOS CAPITÃES DAS OUTRAS CAPITANIAS.

Da capitania de Pernambuco foi senhor e povoador Duarte Coelho. Nunca nella houve conversão de gentio; guerras muitas e alguns combates de Francezes em vida de Duarte Coelho, e muitas mais em tempo de seu filho Duarte Coelho, o qual dee tanta guerra aos Indios com favor de um clérigo que se tingu por nigromatico que destruiu toda a sua capitania e assim desda

4) Na sua *Historia do Brasil*, Liv. III, Cap. XXVI, infelizmente ainda inedita, escreve Frei Vicente de Salvador que «Lourenço da Veiga, como se prezava de Portuguez, senti tanto haver seu irmão Tristão Vaz da Veiga entregue a torre de S. Gião (aos Hespanhoes) que ouvindo a nova enfermou e morreu.»

No capitulo anterior diz ainda o mesmo escriptor: «Tinha o governador Dom Lourenço da Veiga uma cousa e era que, por mais negocios que tivesse, não deixava de ouvir missa e, para não obrigar alguém a que o acompanhasse, ia e vinha sempre a cavallo.»

o rio de S. Francisco até lá, que são 50 leguas, não ha povoação de Indios, e fica agora sem nenhuma ajuda delles, e é agora aquella capitania com a de Itamaracá, que toda se reputa por uma, mui molestada dos Indios Pitiguaras, moradores do rio chamado Parahyba, onde têm grande commercio os Francezes por causa do pau de brasil, e os ajudam nas guerras e fazem muito mal por terra e por mar aos Portuguezes, os quaes não têm Indios amigos que os ajudem porque os destruíram todos.

Na capitania do Espirito Santo, que é de Vasco Fernandes Coutinho, houve muitas guerras com o gentio, em algumas das quaes elles foram vencedores e mataram muitos Portuguezes, mas tambem se vieram a sujeitar e agora estão pacíficos. Houve nella e ainda ha muita conversão.

Na de S. Vicente, que é de Martim Affonso de Souza 5), á qual elle mesmo foi ter com a armada, depois de haver nella alguns poucos e antigos moradores e accrescentou muito, houve capitães ordinariamente assim como nas mais capitánias postos pelos senhorios; nunca nella houve guerras com os Indios naturaes que chamam Tupis, que sempre foram amigos dos Portuguezes, salvo no anno 1562, que uns poucos do certão por sua maldade (ficando a maior parte amiga como d'antes) deram guerra a Piratininga, villa de S. Paulo, onde ha casa da Companhia, 10 leguas da povoação do mar de S. Vicente, mas logo o segundo dia foram fugindo para suas terras pela resistencia que acharam nos Portuguezes e Indios christãos que foram contra seus mesmos pais, filhos e irmãos em defensão da igreja 6). Dahi a pouco tempo morreram os mais destes levantados e tornaram a ficar as pazes e amizades fixas como dantes.

Dos Tamoyos do Rio de Janeiro, que são inimigos mortaes dos Tupis, foi sempre combatida a capitania de S. Vicente, em que lhe mataram muitos homens e levaram captivas as mulheres, filhas, e filhos e escravos, tomando-os em suas mesmas fazendas e casas. Algumas guerras deram os Portuguezes a estes, ajudados dos Tupis, seus amigos, de que sahiram mal, mas em tres lhe destruíram tres aldéas fortissimas cercadas, que eram fron-

5) Martim Affonso de Souza, primeiro donatario, não era então vivo. Desde 1572, succedera-lhe seu filho, Pedro Lopes de Souza, cuja doação e foral foram confirmados por D. Sebastião a 25 de Julho de 1574. Por fallecimento deste segundo donatario, lhe succedeu na capitania de S. Vicente seu filho Lopo de Souza, quem el-rei D. Felipe confirmou a mesma doação e foral por carta passada a 8 de Agosto de 1587. (Taques, *Rev. do Inst.*, IX, pg. 151.)

6) Este facto que se passou a 10 e 11 de Julho acha-se minuciosamente narrado em uma carta de Anchieta, publicada em 1840 por Januario da Cunha Barbosa na *Rev. do Inst.*, II, pg. 541 et seq.

teiras, uma na costa e as outras duas no certão de S. Paulo, em que mataram muita gente e os mais trouxeram captivos por escravos.

Pela grande oppressão que estes Tamoyos davam, fizeram os Portuguezes na barra da Bertioga, que é um dos portos daquella capitania e a principal entrada dos Tamoyos, em que iam e vinham em canoas muito ligeiras, duas torres á sua custa e com seus trabalhos, sem ficar nenhum que não trabalhasse nellas, e ficaram tão fortes que defenderam aquella entrada dos inimigos e dos Francezes, que ás vezes vinham com elles a os ajudar. Mas com tudo isto sempre eram salteados dos Tamoyos por diversas partes, de maneira que já quasi desesperavam de se poder valer com elles até que se povoou o Rio de Janeiro.

No anno de 1564 chegou Estacio de Sá, sobrinho do governador Men de Sá, ao Rio de Janeiro, com a armada que trouxe de Portugal e muitos moradores do Brasil, assim Portuguezes como Indios christãos, e não indo bem fornecida do necessario para aquella empreza, se foi a S. Vicente, onde esteve apercebendo-se de mantimentos e do mais necessario. E fez canoas ligeiras em que no Janeiro seguinte com muita gente de S. Vicente, Portuguezes, Mamalucos e Indios, tornou ao Rio de Janeiro com os mais navios da armada, e no principio de Março 7) tomou logo terra ao longo do porto, que chamam Pão de Assucar, na entrada da barra, e fez casas de madeira e cerca, onde se recolheu com parte da gente, ficando a outra nos navios, e d'alli com as canoas começou a conquistar os Tamoyos e os foi levando pouco a pouco, havendo muito notaveis e milagrosas victorias, lançando tambem fóra 150 Francezes que havia dentro em uma nau, aos quaes deixou ir em paz por serem mercadores e ao parecer catholicos, que não vinham a povoar e depois houve outros encontros com naus que vieram de novo de França, e, as fez tornar para fóra maltratadas. E assim sustentou a povoação e guerra continua dos Tamoyos que de todas as partes se ajuntavam a lh'a dar, padecendo grandissima fome por falta dos mantimentos até todo o anno de 1566, no fim do qual partiu o governador Men de Sá da Bahia com outra armada que El-Rei lhe mandou, cujo capitão-mór era Christovão de Barros, e chegou lá no Janeiro de 67, vespera de S. Sebastião, cujo nome tinha tomado a pobre cidade que tinham feito á honra deste santo martyr e por respeito d'el-rei D. Sebastião. Depois de

7) Estes successos, a que esteve presente Anchieta, vêm largamente narrados em uma carta sua escripta da Bahia aos 9 de Julho de 1565, publicada na *Rev. do Inst.*, III, pg. 248/258.

Por esta carta vê-se que a cidade do Rio de Janeiro começou a ser fundada a 4 de Março daquelle anno,

destruir duas aldeas, como acima se apontou, em uma das quaes morreu seu sobrinho Estacio de Sá de uma frechada, e então mudou a cidade ao logar onde agora está, que sempre foi em crescimento ainda que por duas vezes teve combates das naus francezas e Tamoyos do Cabo Frio que cuidaram levar-nas unhas, mas foram lançados dalli com ignominia e morte dos seus.

A capitania de Porto Seguro é do Duque de Aveiro. A dos Ilheos é de Francisco Giraldes. Houve guerras com os Indios naturaes em ambas; mas com as ajudas que tiveram dos Governadores da Bahia se defenderam e estão agora em paz. Verdade é que se foi consumindo o gentio daquellas terras, chamado Tupinaquis, que era muitos e mui guerreiro, parte com doenças, parte com o maltratamento dos Portuguezes, como em todas as partes, salvo S. Vicente, de maneira que ficaram sem gentio. E mandou-lhes Deus um açoute crudelissimo, que são uns selvagens do matto que chamam Aimurés, homens robustos e feros, aos quaes, enquanto houve Indios amigos, sempre lhe resistiram; mas faltando-lhes estes, foram e são tão acoissados dos selvagens, que já a capitania de Porto Seguro está meio despovoada e a dos Ilheos em grandissimo aperto, sem se poder defender delles nem dar-lhes guerra, porque sempre andam pelo matto, no qual quatro bastam para destruir um grande exercito, como já fizeram, quasi sem verdes que vos mata, e já esta praga chega pelo Camamú até perto da Bahia, de maneira que já os homens buscam ilhas em que fazer suas fazendas, porque não ousam estar na terra firme.

DOS BISPOS E PRELADOS DO BRASIL.

O primeiro bispo do Brasil foi D. Pedro Fernandes, que servira já de provisor ou vigario geral da India. Este veiu no anno de 1552 á Bahia, cujo bispo se intitula e commissario geral de toda a costa, e assim mesmo todos os mais, e esteve nella até o de 1556, no qual se partiu para Portugal com licença d'El-Rei. E dando a nau com a tormenta á costa, entre o rio de S. Francisco e Pernambuco, foi morto pelos Indios com a maior parte da gente que com elle ia, em que entrou o primeiro provedor-mór desta provincia, Antonio Cardoso de Barros, que veiu com o primeiro governador Thomé de Souza. Na vacante deste veiu por visitador e commissario geral de toda a costa, o Dr. Francisco Fernandes, que regeu a igreja brasilica até á vinda de D. Pedro Leitão.

D. Pedro Leitão, tambem clerigo, foi o segundo bispo e veiu no anno de 1559. Este visitou toda a costa do Brasil, chris-

mando e dando ordens e muitas vezes visitava as aldéas dos Indios christãos e baptisava e casava muitos por si mesmo e lhes era muito affeçoado, ajudando muito sua conversão e conservação. No seu tempo se fez uma synodo, na qual não se acharam sinão os seus clérigos, nenhum dos quaes era lettrado. Algumas Constituições se fizeram nella, posto que em todo o Brasil sempre se guardaram as de Lisboa, ordenando alguns dias santos de novo. Morreu na Bahia no anno de 1573. Deixou sua livraria ao Collegio da Companhia de que foi muito devoto e amigo.

O terceiro bispo, que agora rege a igreja do Brasil, é D. Antonio Barreiros, do habito de Aviz. Veiu no anno de 1575; faz seu officio como os passados, posto que não se mostre tão zeloso pela conversão dos Indios, nem faz muita conta da sua christandade, tendo-os por gente boçal e de pouco entendimento, e comtudo já foi visitar suas aldéas e chrismou os que tinham necessidade deste sacramento.

Com Lourenço da Veiga, governador, veiu no anno de 1578 por Administrador o licenciado Bartholomeu Simões Pereira, clérigo, para residir na cidade de S. Sebastião no Rio de Janeiro, com jurisdição separada do Bispo e com todos os poderes que elle, salvo dar ordens. A' sua jurisdição pertencem as quatro capitancias da banda do sul, *scilicet*: Porto Seguro, Espirito-Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente. As outras ficam à jurisdição do Bispo. Este se mostra affeçoado e zeloso da conversão dos Indios e acode por elles muitas vezes onde falta a justiça secular, por serem pessoas miseraveis e que têm particular necessidade da protecção do braço ecclesiastico. Tem visitadas por si mesmo todas as capitancias que estão a seu cargo.

Officio da Inquisição não houve até agora, posto que os Bispos usam d'elle quando é necessario por commissão que têm, mas dando appellação para o Santo Officio de Portugal, e com isto se queimou já na Bahia um Francez herege. Agora tem o bispo D. Antonio Barreiros este officio para com os Indios sómente e é nomeado por seu coadjutor o padre Luiz da Grã, da Companhia, que é agora reitor do collegio de Pernambuco.

DA PRIMEIRA ENTRADA DOS FRANCEZES NO BRASIL 8).

Na éra de 1504 vieram os Francezes ao Brasil a primeira vez ao porto da Bahia, e entraram em Paraguaçu, que está dentro da

8) Este francez que esteve na Bahia em 1504 pôde ter sido Binot Paulmier, de Gonnevillle (*D'Avesac, Campagne du navire l'Espoir d'Honfleur*, Paris, 1869, pg. 83) ou Jean Denis, d'Honfleur, que

mesma Bahia, e fizeram seus resgates e tornaram com boas novas à França, donde vieram depois tres naus e estando no mesmo lugar em resgate, entraram quatro naus da armada de Portugal e queimaram-lhe duas naus e outra lhe tomaram com matar muita gente, alguma da qual todavia escapou em uma lancha e achou na ponta da Itapoama, 4 leguas da Bahia, uma nau dos seus que se tornou para França, e nunca mais tornaram a Bahia, até agora porque sempre foi crescendo com o trato dos assucares e naus que vêm de Portugal.

Os Francezes não desistiram do commercio do Brasil, e o principal foi no Cabo Frio e Rio de Janeiro, terra de Tamoyos, os quaes, sendo d'antes muito amigos dos Portuguezes, se levantaram contra elles por grandes aggravos e injustiças que lhes fizeram, e receberam os Francezes, dos quaes nenhum aggravo receberam, e iam e vinham, e carregavam suas naus de pau do brasil, pimenta, passaros, bogios e outras cousas da terra, e davam roupa e todo o genero de armas aos Indios e os ajudavam contra os Portuguezes, e deixavam moços na terra que aprendessem a lingua dos Indios, e homens que fizessem ter prestes as mercadorias para quando viessem as naus 9).

D'ahi a muito tempo, que parece que foi no anno de 1557, começaram a fazer povoações no Rio de Janeiro, e então se fez aquella fortissima torre com baluartes e muita artilharia e casas de moradores, cujo autor foi Nicolau de Villegaignon 10), cavalleiro de Malta, e fundou-a em uma ilha que está à entrada da barra no principio daquella bahia, a qual ficou com o nome de

andou pelo Brasil antes de 1508 (Ramuzio, *Viagi*, III, pag. 354). Recentemente Ch. Bréard publicou alguns apontamentos sobre Binot Paulmier (*Notes sur la famille du Capitaine Gonnevillle, navigateur normand au XVI siècle*, Rouen, 1885), dos quaes resulta que o navegador normando chamava-se Robinet le Paulmier, que não tinha o titulo de nobreza que lhe attribuiram seus descendentes, que é provavelmente o mesmo que em 1478 occupou o cargo de escabino (*cochevin*) na confraria de Charidade fundada na igreja de Nossa Senhora de Honfleur. Em tal caso ao fazer sua viagem ao Brasil, deveria elle ter cerca de 60 annos. Quanto a Jean Denis de Honfleur, apenas se conhece o nome.

9) As relações seguidas dos Francezes com os Brasis datam aproximadamente de 1525 (Gaffarel, *Brésil Français*, Paris, 1876, pg. 445). Os maus tratos e sem razões feitas a elles, partiram ou da colonia deixada por Amerigo Vespuccio em 1504 no Cabo Frio, ou de outra que, segundo todas as probabilidades, houve no local da cidade Rio de Janeiro. Resta saber si as duas não são a mesma.

10) Villegaignon chegou ao Rio de Janeiro a 10 de Novembro de 1555, como se vê da carta de Nicolas Barré, que com elle veio, (Gaffarel, op. c., pg. 379.)

Villegaignon. Esta lhe destruiu Men de Sá no anno de 1560, como acima se disse, sendo o Villegaignon em França e com esta nova não tornou mais ao Brasil, sinão alguns que se ficaram entre os Indios, tomando seus costumes e amancebando-se com as Indias, e faziam roçarias de pimenta e ajuntavam outras mercadorias da terra para dar aos seus quando viessem. Estes depois se tomaram todos pouco e pouco nas guerras de Estacio de Sá.

A maior parte dos Francezes desta torre e povoação eram hereges de diversas seitas e os principaes eram uns ministros de Calvino que pregavam e ensinavam. De Nicolau de Villegaignon affirmavam todos elles ser catholico e muito douto e grande cavalheiro; castigava mui rijamente e creio que com pena de morte os que peccavam com Indias pagãs; tambem trabalhava de resgatar os Portuguezes que os Tamoyos tomavam em seus saltos que davam em S. Vicente. Era muito zeloso de se guardar a fé catholica, mas como não podia com tantos dissimulava até ver se podia fazer a sua. Tornou-se para França, dizem que chamado d'El-Rei para as guerras contra os hereges, em que morreu 11); e com autoridade d'El-Rei, posto que secretamente, fazia aquella povoação e pretendiam povoar a terra dos Tamoyos e fazer alli naus e buscar minas de prata e ouro, em cujo rasto já andavam e assim lhe chamavam já a França Antartica. Sua ida para França parece que foi no anno de 1559, porque no de 1560, em que Men de Sá tomou a torre, já elle ahi não estava por especial providencia divina, porque todos affirmam que, si elle estivera presente, não se tomara, por ser mui grande cavalheiro, posto que sua tomada mais foi por especial ajuda divina que por forças humanas, como todos viram claramente no combate, e não foi a menor que tiveram de Deus ser-lhe tirado d'alli este capitão.

Um dos moradores desta torre era um Joannes de Bolés, homem douto nas lettras latinas, gregas, hebraicas e mui lido na escriptura sagrada, mas grande herege. Este, com medo de Villegaignon que pretendia castigal-o por suas heresias, fugiu com alguns outros para S. Vicente nas canoas dos Tamoyos que iam lá à guerra com titulo de os ajudarem, e chegando a fortaleza da Bertioga se mettu nella com os seus e se ficou em S. Vicente. Alli começou logo a vomitar a peçonha de suas heresias, ao qual resistiu o padre Luiz da Grã e o fez mandar preso a Bahia e dahi foi mandado pelo bispo D. Pedro Leitão a Portugal e de Portugal à India e nunca mais appareceu 12).

11) Segundo Gaffarel (op. c.) em Janeiro de 1571.

12) Candido Mendes com razão considera este trecho prova cabal de que não é exacta a execução de J. Bollés por Anchieta, que os seus biographos lhe attribuem (*Rev. do Inst., XLIII, parte II, pg. 141/205.*)

Não fica agora trato aos Francezes no Brasil sinão no rio de Parahyba, 18 leguas de Pernambuco para o Norte, onde ajudam os Indios contra os Portuguezes e lhe fazem muito mal como acima se notou.

DOS FRADES QUE ANTES E DEPOIS DA COMPANHIA VIERAM AO BRASIL.

Os primeiros religiosos que vieram ao Brasil foram da ordem de S. Francisco, os quaes aportaram a Porto Seguro não muito depois da povoação daquella capitania, e fizeram sua habitação com zelo da conversão do gentio, e, ainda que não sabiam sua lingua, de um delles se diz que lhe lia o Evangelho e, como lhe dissessem os Portuguezes que para que lh'o lia pois o não entendiam ? respondia : *Palavra de Deus é ella, tem virtude para obrar nelles*. Um delles na passagem d'um rio se afogou d'onde lhe ficou o nome o rio do Frade; todos os mais mataram os Indios levantando-se contra os Portuguezes. E depois, não sabendo o que passava, veiu ter ahi uma nau, e os Indios vestidos nos habitos com os breviarios nas mãos passeavam pela praia como os Religiosos soiam fazer, para com isto fazer cilada aos do mar e matal-os, mas quiz Deus que entenderam a falsidade e escaparam. Nunca mais vieram cá religiosos até que veiu a Companhia.

No anno de 60 ou 61 segundo parece, vieram sete ou oito frades de habitos brancos, Francezes, ao Rio de Janeiro depois da fortaleza destruida, porque, como Nicolau de Villegaignon era catholico, tornando a França trabalhou de mandar religiosos ao Rio de Janeiro, assim para redução dos hereges como para conversão do gentio.

Com este desejo se foi a um collegio da Companhia em França onde, depois de confessado e commungado, pediu Padres para esta empreza, dizendo que tinha na India ou Brasil 200 leguas de terra povoadas de gentio sujeito e pacifico: os Padres muito alvorçados com esta nova, responderam que mandariam recado ao Padre Geral e pedir licença para isso e, como isto não se effectuou pela Companhia, trabalhou de mandar estes outros religiosos, como já disse.

Estes, como se soube dos mesmos Tamoyos, fizeram seu recolhimento entre elles mesmos, apartados dos Francezes, e ensina-

Que o João de Bollés de nossos chronistas era o Jean Cointa de Lery demonstraram-no o Dr. Ramiz Galvão (*Rev. Brasil.*, vol. I, Rio, 1879 pg. 283) e Candido Mendes no trabalho citado.

vam alguns meninos do gentio e os traziam vestidos com seu habito. Mas como Villegaignon, sabida a destruição de sua torre, não quiz tornar ao Brasil, ficaram os religiosos sem amparo e não sómente desfavorecidos mas perseguidos dos hereges. E um dia, queimando uma roça que faziam junto de sua casa para alguma horta, pegou-se-lhe o fogo à casa e queimou-lhe tudo, o qual depois contava um Francez herege não com pouco gosto seu. Assim que, neste mesmo anno ou no seguinte, os tornaram os Francezes a levar a França com a mais gente que alli ficou da fortaleza acolhida entre os Tamoyos, e querem dizer que a nau fez naufragio no caminho ou que os hereges lançaram os Frades ao mar 13).

No anno de 1581 vieram em companhia de Fructuoso Barbosa, que vinha a povoar o rio da Parahyba, tres frades do Carmo e dous ou tres de S. Bento a Pernambuco. Mas como não se povoou a Parahyba, não fizeram mais que pregar e confessar sem fazerem mosteiro. Veiu tambem em sua companhia um de S. Francisco que tambem pregou algum tempo em Pernambuco e tornou-se para o reino.

No anno de 83 vieram dous de S. Bento com ordem de seu Geral. A estes se deu um bom sitio na Bahia e uma egreja de S. Sebastião e fazem já mosteiro: são tres por todos até agora e começam a receber alguns outros a ordem.

Na mesma cidade, no mesmo anno, se deu sitio e casa a uns dous de S. Francisco, que vieram mandados por El-rei para o rio da Prata com outros; mas estes ficando-se na capitania do Espirito Santo, como ficaram outros em S. Vicente, que vieram na armada do Estreito. Praza a Deus que todos vão adiante para sua gloria.

DA VINDA DOS PADRES DA COMPANHIA AO BRASIL.

No anno de 1549, o primeiro de Fevereiro, dia de S. Ignacio martyr, partiram de Belém em companhia de Thomé de Souza, o primeiro governador do Brasil, por mandado de el-rei D. João III e por ordem de nosso Padre Ignacio de Loyola, quatro padres da Companhia, *scilicet*: o padre Manuel da Nobrega, superior, o padre João de Aspilcueta Navarro, o padre Leonardo Nunes e o padre Antonio Pires e dous irmãos, *scilicet*: Diogo

(13) Em uma carta de Anchieta publicada no vol. II dos *Annaes da Bibliotheca Nacional* pelo Dr. Teixeira de Mello acham-se noticias mais desenvolvidas a este respeito. (p. 91/92.)

Jacome e Vicente Rodrigues. Todos estes são mortos na Companhia em seus ministerios, salvo Vicente Rodrigues que ainda é vivo e sacerdote.

No anno seguinte de 1550 vieram quatro padres, *scilicet*: o padre Salvador Rodrigues, que falleceu na Companhia no anno 1553, dia da Assumpção de Nossa Senhora, de que era muito devoto, e o padre Manuel de Paiva que falleceu no Espirito Santo a 21 de Dezembro de 84, os padres Affonso Braz e Francisco Pires que ainda vivem.

No anno de 1553 vieram seis da Companhia com o segundo governador D. Duarte da Costa, *scilicet*: o padre Luiz da Grã, o padre Braz Lourenço e o irmão João Gonçalves, o qual morreu depois de sacerdote na Companhia com muita santidade, e os irmãos Antonio Blasques, Gregorio Serrão, José de Anchieta e todos os cinco ainda vivem, todos sacerdotes.

Depois destes por diversos annos vieram outros Padres e Irmãos ao Brasil que passariam de setenta, os mais delles já recebidos lá e outros para cá se receberem, entre os quaes vinham muito bons latinos, outros philosophos, outros theologos e pregadores: entre estes vinham Italianos, Hespanhóes, Flamengos, Inglezes, Hibernios e os mais delles Portuguezes. Muitos destes são ainda vivos na Companhia do Brasil e se occupam com fructo nos ministerios della. Alguns falleceram nella com mostras de muita virtude. Outros muitos se receberam cá na Companhia assim dos que vinham de Portugal como dos nascidos na terra.

Antes da vinda dos Padres não havia christandade nem quem pregasse o Evangelho no Brasil: elles o começaram a pregar de proposito, com que se fez muito fructo nas almas, como se vê pelo progresso da Companhia e conversão na Bahia e mais capitancias da costa até este presente anno de 1584, e na Bahia foi a primeira entrada e casa dos Padres e principio da propagação da Companhia e algum começo da conversão do gentio, ao menos nos filhos dos Indios, porque os paes estavam ainda então muito duros e agrestes.

No mesmo anno de 1549 que chegou o padre Manuel de Nobrega ao Brasil, mandou o padre Leonardo Nunes e o irmão Diogo Jacome á capitania de S. Vicente, que é a ultima da costa, onde foi recebido dos Portuguezes como anjo ou apostolo de Deus e vivendo elles dantes tão mal ou peor que os Brasis, fizeram tão grande mudança de vida que ainda agora se enxerga naquella terra um *nescio quid* de mais virtude, devoção e afeição á Companhia que em toda a costa, porque tambem a vida do padre Leonardo Nunes era muito exemplar e convertia mais com obras que com palavras.

Aqui fizeram os moradores uma casa á Companhia, que foi a segunda que houve no Brasil. Aqui se receberam logo á Companhia o irmão Pedro Corrêa e o irmão Manuel de Chaves,

homens antigos na terra e linguas, e com ajuda delles se começou a ensinar a doutrina na lingua do Brasil aos Mamalucos e Mamalucas, filhos dos Portuguezes e aos escravos da terra, que havia muitos, com que começou de haver alguma luz no Brasil pelas muitas prêgações que o irmão Corrêa lhe fazia em sua lingua. Aqui finalmente se entendeu mais de proposito na conversão do gentio, o qual, como foi sempre muito amigo dos Portuguezes, deram muitos delles de boa vontade seus filhos ao Padre para que fossem ensinados, dos quaes ajuntou muitos e os baptisou, ensinando-os a fallar portuguez, ler e escrever, e sustentou do necessario para o corpo com grandissimo trabalho seu e dos irmãos até o anno de 1554, que foram passados ao campo de Piratininga onde ha muito mantimento.

Este se pôde chamar o primeiro collegio dos cathecumenos que houve no Brasil, o qual o padre Manuel de Nobrega, indo aquella capitania no anno 1553, levou por diante, ordenando que fosse confraria do Menino Jesus, juntando-lhe alguns dos moços orphãos que vieram de Portugal no tempo do padre Pedro Domenico e alguns mestiços da terra, onde todos eram doutrinados como dito é: e os de Portugal aprendiam a lingua da terra.

Esta maneira de confraria se ordenou tambem na Bahia e na capitania do Espirito Santo, mas depois, vindo as Constituições e por ordem de Roma, se desfizeram, e tornou tudo o que tinham à Companhia, na qual ficaram muitos destes orphãos que vieram de Portugal, e alguns dos de cá recolhidos que foram e ainda são grandes obreiros nella, occupando-se na conversão do gentio com a lingua que sabem e o sacerdocio que receberam.

No anno de 1554, mudou o padre Manuel de Nobrega os filhos dos Indios ao campo, a uma povoação nova chamada Piratininga, que os Indios faziam por ordem do mesmo Padre para receberem a fé. Tambem mandou alguns 12 Irmãos para que estudassem grammatica e juntamente servissem de interpretes para os indios, e assim aqui se começou o estudo da grammatica de proposito e a conversão do Brasil, porque naquella aldêa se ajuntaram muitos Indios daquella comarca e tinham doutrina ordinaria pela manhã e a tarde e missa aos dias santos, e a primeira se disse no dia da conversão de S. Paulo do mesmo anno e se começaram a baptisar e casar e viver como christãos, o qual até aquelle tempo não se tinha feito nem na Bahia nem em alguma outra parte da costa.

A conversão destes não cresceu tanto como a da Bahia, porque nunca tiveram sujeição, que é a principal parte necessaria para este negocio, como houve depois na Bahia em tempo do governador Men de Sá. Mas, comtudo, perseveraram sempre estes e outros muitos que receberam a fé, e perseveraram até agora. E têm duas egrejas feitas em duas aldeias, onde cada domingo *alternatim*

são visitados dos Padres, e são em certa maneira mais de louvar, porque tudo o que dão de si é voluntario, sem medo de ninguem, porque ainda agora aquella gente está intacta, sem sentirem as tyrannias dos Portuguezes, nem creio que lh'as quererão soffrer, porque têm grandissimo sertão onde facillimamente se podem ir sem poderem ser molestados delles; mas, comtudo, como os Portuguezes trabalham muito por conservar sua amizade, sempre estão fixos no começado e vivem como christãos e trazem outros seus parentes do sertão a morar comsigo para que tambem recebam a fé.

Neste tempo de 1550 até 53 se fizeram casas da Companhia em Porto Seguro e no Espirito Santo. Em Porto Seguro, uma legua da povoação dos Portuguezes, se fez a casa de Nossa Senhora d'Ajuda, onde milagrosamente ella deu uma fonte d'agua que parece que procede de debaixo de seu altar, onde se fizeram e fazem continuamente muitos milagres e é casa de grandissima romaria e devoção, porque quasi quantos enfermos lá vão e se lavam com aquella agua saram, e os que não podem lá ir mandam por ella e bebendo-a faz o mesmo effeito.

Depois se fez a casa da Companhia dentro da mesma villa dos Portuguezes e por ordem de nosso Padre Geral Everardo se deixou aquella igreja ao Bispo, mas ainda a Companhia tem lá uma casa onde se recolhem, indo todos os sabbados lá a dizer missa e fazer alguma pregação dos louvores de Nossa Senhora, por continuar a devoção da gente, que tem já nella feita confraria com bons ornamentos.

Depois se fizeram casas em Pernambuco, Ilhéos e Rio de Janeiro, e assim em todas as capitánias da costa ha residencia da Companhia e ella é a que acode a todas as necessidades espirituaes, assim de Portuguezes como de Indios, como mais miudamente se dirá no titulo seguinte.

DAS OCCUPAÇÕES E TRABALHOS DA COMPANHIA.

Para se entenderem as occupações e trabalhos dos da Companhia no Brasil, apontar-se-ão brevemente as povoações de Portuguezes e Indios que nelle ha, a todas as quaes os nossos acodem.

Na capitania de Pernambuco, além da villa principal chamada Olinda, ha outra que se chama Igaruçú, que dista della cinco leguas, onde está uma igreja de S. Cosme e Damião de grande devoção e se fazem nella muitos milagres pelos merecimentos destes Santos Martyres. Dahi a duas leguas está a ilha de Itamaracá com sua villa e igreja.

Item na dita capitania de Pernambuco ha muitas fazendas e alguns 60 ou mais engenhos de assucar a tres, quatro, cinco e

oito leguas por terra, cada um dos quaes é uma boa povoação com muita gente branca, Negros de Guiné e Indios da terra. A todos estes acodem os da Companhia com pregações, doutrinas e confissões, passando as grandes calmas daquella terra.

Na Bahia, além da cidade, ha nove freguezias e alguns 40 engenhos a 4, 8 e 12 leguas por mar e por terra, cheias de Portuguezes, Indios da terra e Negros de Guiné, a que os Padres acodem com seus ministerios, porque, ainda que têm curas, não sabem a lingua da terra nem se matam muito por acudir aos de Guiné, nem são para poder pregar aos Portuguezes. E isto além das aldeias dos Indios, de que têm particular cuidado os nossos em que sempre residem. Quatorze leguas da cidade para o norte se fez uma ermida da Conceição de Nossa Senhora, na fazenda de um homem dos antigos e principaes da terra mui perfeita e de muita devoção. Está em um alto sobre o mar, onde se vê dos navegantes, e através pelo sertão tem a aldeia dos Indios, chamada Santo Antonio 14).

Na capitania dos Ilheos ha alguns engenhos e fazendas a duas e mais leguas por mar e por terra, com Indios da terra e Portuguezes, aos quaes continuamente acodem os nossos.

Na de Porto Seguro, ha duas villas de Portuguezes quatro leguas uma da outra, e duas aldeias de Indios da doutrina a cinco leguas, de que os nossos têm particular cuidado, e outras sete ou oito aldeiasinhas a quatro, cinco e seis leguas por terra e dous ou tres engenhos de assucar junto dellas, ás quaes acodem de quando em quando, e de Porto Seguro ao rio das Caravellas ha 20 leguas por mar, onde está outra povoação de Portuguezes que tambem os Padres visitam.

Na capitania do Espirito Santo ha duas villas de Portuguezes perto uma da outra meia legua por mar. Em uma dellas, que está na barra e chamam Villa Velha por ser a primeira que alli se fez, está n'um monte mui alto e em um penedo grande uma ermida de abobada que se chama Nossa Senhora da Penna, que se vê longe do mar e é grande refrigerio e devoção dos navegantes e quasi todos vêm a ella em romaria, cumprindo as promessas que fazem nas tormentas, sentindo particular ajuda na Virgem Nossa Senhora, e diz-se nella missa muitas vezes. Esta ermida edificou-a um Castelhana com ordens sacras chamado

14) «Aqui (Tatuaparà) tem Garcia d'Avila, que é um dos principaes e mais ricos moradores da cidade do Salvador, uma povoação com grandes edificios de casa de sua vivenda, e uma igreja de Nossa Senhora, mui ornada, toda abobadada, em a qual tem um capellão que ministra todos os Sacramentos.» (Gabriel Soares, *Tratado descriptivo do Brasil*, Rio, 1851, p. 48.)

fr. Pedro, frade dos Capuchos, que cá veiu com licença de seu Superior, homem de vida exemplar, o qual veiu ao Brasil com zelo da salvação das almas e com elle andava pelas aldeas da Bahia em companhia dos Padres. Desejando de baptisar alguns desamparados e como não sabia letras nem a lingua, porque este seu zelo não fosse, *non sine scientia*, baptisando alguns adultos sem o apparelho necessario, admoestado dos Padres, lhes pediu em escripto algum apparelho na lingua da terra para poder baptisar alguns que achasse sem remedio e os Padres não pudessem acudir e assim remediava muitos innocentes e alguns adultos. Com este mesmo zelo se foi á capitania do Espirito Santo onde fez o mesmo algum tempo, confessando-se com os Padres e commungando a miudo, até que começou e acabou esta ermida de Nossa Senhora com ajuda dos devotos moradores, e ao pé della fez uma casinha pequenina á honra de S. Francisco, na qual morreu com mostras de muita santidade 15).

Ha mais nesta capitania quatro ou cinco engenhos a tres e quatro leguas, por mar e por terra, com Indios. Ha ao longo da costa, 8 leguas para o Sul e outras 8 para o Norte, quatro ou cinco aldeias de Indios que os nossos visitam por mar e ás vezes por terra, onde ha conversão e se baptizam e casam ordinariamente. Além destas tem duas aldeias muito populosas de Indios, algumas 3 leguas da villa por agua com suas egrejas, as quaes ha muitos annos que sustentam e têm nellas residencia, e onde se tem ganhado e ganham muitas almas e sempre do certão vêm Indios á fama dellas a morar com seus parentes e fazer-se christãos.

No Rio de Janeiro está a cidade e muitas fazendas pela bahia dentro que deve de ser de algumas 20 leguas em roda. Além della têm os Padres duas aldeias de Indios, uma defronte da cidade em que têm residencia desde o principio da povoação do Rio, e outra dahi cinco leguas por terra e por mar que se visita a miudo.

Na capitania de S. Vicente, dentro da ilha que é a que primeiro se povoou, ha duas villas de Portuguezes, duas leguas uma da outra, por terra, e ha tres ou quatro engenhos de assucar e muitas fazendas pelo reconcavo daquella bahia e tres ou quatro leguas por mar. Item, em frente tem a ilha de Guaibe, no cabo da qual, para o Norte, tem uma barra com as fortalezas da Bertioga quatro e seis leguas das villas, e da parte do Sul, que é a outra barra, tem o forte que agora se fez por Diogo Florez, general, com gente de guarnição, e dentro da mesma ilha estão moradores com a egreja de S. Amaro.

15) Frei Pedro de Palacios foi enterrado a 2 de Maio de 1570. (Jaboatão, *Orbe Seraphico*, livro ante-primo, cap. XII.)

Ao longo da praia, na terra firme, nove ou dez leguas da villa de S. Vicente para o Sul, tem uma villa chamada Itanhaen de Portuguezes e junto della, da outra banda do rio como uma legua, tem duas aldeias pequenas de Indios christãos. Nesta villa tem uma igreja de pedra e cal, na qual, quando se reedificou, o Administrador deitou a primeira pedra com toda a solemnidade: é da Conceição de Nossa Senhora, onde de toda a capitania vão em romaria e a ter novenas, e fazem-se nella milagres.

Para o certão, caminho do Noroeste, além de umas altissimas serras que estão sobre o mar, tem a villa de Piratininga ou de S. Paulo, 14 ou 15 leguas da villa de S. Vicente, tres por mar e as mais por terra, por uns dos mais trabalhosos caminhos que creio ha em muita parte do mundo. Este campo é mui fertil de mantimentos, criações de vaccas, porcos, cavallo, aves, etc. Dá-se nella muito vinho, marmellos e outras fructas da Hespanha e trigo e cevada, posto que os homens não curam de o semear pela facilidade e bondade do mantimento da terra que chamam mandioca.

Esta villa antigamente era da invocação de S. André e estava tres leguas mais para o mar, na borda e entrada do campo, e no anno de 60 por mandado do governador Men de Sá se mudou a Piratininga, porque não tinham cura e sómente dos Padres da Companhia era visitada e sacramentada, assim os Portuguezes como os Indios seus escravos, como nem ainda agora têm outro cura sinão os da Companhia que lhe ministram todos os sacramentos por caridade; onde temos casa e igreja da conversão de S. Paulo, porque em tal dia se disse a primeira vez missa naquella terra numa pobre casinha, e em Piratininga, como acima se disse, se começou de proposito a conversão do Brasil, sendo esta a primeira igreja que se fez entre o gentio.

Junto desta villa, ao principio havia 12 aldeias, não muito grandes, de Indios, a uma, duas e tres leguas por agua e por terra, as quaes eram continuamente visitadas pelos Padres e se ganharam muitas almas pelo baptismo e outros sacramentos. Agora estão quasi juntas todos em duas: uma está uma legua da villa, outra duas, cada uma das quaes tem igreja e é visitada dos nossos como acima se disse. As fazendas dos Portuguezes tambem estão da mesma maneira espalhadas a duas e tres leguas e acodem os domingos e dias santos á missa.

Em todas as capitancias ha Casas de Misericordia, que servem de hospitaes, edificadas e sustentadas pelos moradores da terra com muita devoção, em que se dão muitas esmolas, assim em vida como em morte, e se casam muitas orphãs, curam os enfermos de toda a sorte e fazem outras obras pias, conforme a seu instituto e a possibilidade de cada uma e anda o regimento dellas nos principaes da terra. Ha tambem muitas confrarias em que se esmeram muito e trabalham de as levar adiante com muito cuidado e devoção.

A todas estas capitánias desta maneira divididas acodem sempre os nossos com seus ministerios e quanto aos Portuguezes elles levam *pondus diei et æstus* nas prêgações, confissões, doutrinas, etc., porque tirando a Bahia e Pernambuco (posto que tambem nestas a maior parte das confissões e prêgações é dos Padres) em todas as mais quasi nunca ha prêgação sinão da Companhia e quasi toda a gente se confessa com ella e são notados os que com a Companhia se não confessam, de maneira que não têm os curas mais que fazer que dizer suas missas, baptisar crianças e dar o sacramento da Eucharistia e Extrema Unção, e enterrar e ainda nisto muitas vezes são relevados pelos nossos por elles não poderem acudir.

Quanto aos escravos dos Portuguezes, Indios da terra, desde que o Brasil é povoado nunca se disse missa nem por cura nem por mandado de Bispo algum por respeito delles, antes em partes onde não ha casas da Companhia nunca a ouvem, nunca por cura foram confessados porque lhe não sabem a lingua, sinão algum agora nestes tempos que ha já algum mestiço sacerdote.

Nos baptisados que se faziam, como não levavam nenhum apparelho nem conhecimento das cousas da Fé, nem arrependimento de peccados, não sómente não recebiam graça, mas muitas vezes nem caracter pela grande ignorancia delles que não sabiam o que recebiam e dos que lh'o davam sem lh'o dar a entender, e desta maneira viviam e vivem ainda agora muitos em perpetuas trevas sem terem mais que nomes de christãos, de maneira que assim se haviam com elles e ainda agora se hão, como que não fossem suas ovelhas; nem os Bispos fazem muito caso disso, pois com os Indios livres visto está que se não faz diligencia nenhuma no que toca a sua salvação, quasi como de gente que não tem alma racional nem foi creada e redimida para a Gloria.

Toda esta carga tomou a Companhia a seus hombros, porque, desde que entrou no Brasil, logo ordenou que se dissesse cada domingo missa particular para os escravos e isto continuou até agora em toda a costa, doutrinando-os cada dia, instruindo-os para o Baptismo, casando-os e confessando-os, nem se sabe em toda a terra chamar outrem para lhes acudir sinão os nossos.

Os perigos e trabalhos que nisto se passam, pela diversidade dos logares a que acodem, se pôdem conjecturar: perigos de cobras, de que ha grandissima cópia nesta terra, de diversas especies, que ordinariamente matam com sua peçonha, de que frequentissimamente quasi por milagre são livrados e alguns mordidos sem perigar; perigos de onças ou tigres, que tambem são muitos pelos desertos e matos por onde é necessario caminhar; perigos de inimigos de que algumas vezes por providencia divina têm escapado; tormentas por mar e naufragios, passagens de rios caudalosos, tudo isto é ordinario; calmas muitas vezes excessivas que parece chegar um homem a ponto de morte, de

que vêm a passar gravissimas enfermidades ; frio principalmente na capitania de S. Vicente, no campo, onde já por vezes se acharam Indios mortos de frio e assim acontecia muitas vezes, ao menos aos principios, a maior parte da noite não poder dormir de frio nos mattos por falta de roupa e de fogo, porque nem calça nem sapato havia, e assim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas muitas e mui grossas e continuas, e com isto grandes enchentes de rios e muitas vezes se passam aguas muito frias por longo espaço pela cinta e às vezes pelos peitos; e todo o dia com chuva muito grossa e fria gastando depois grande parte da noite em enxugar a roupa ao fogo, sem haver outra que mudar. E contudo, nada disto se estima e muitas vezes por acudir a baptisar ou confessar um escravo de um Portuguez se andam seis e sete leguas a pé, e às vezes sem comer ; fomes, sedes *et alia hujusmodi* ; e finalmente, a nada disto se negam os nossos, mas sem differença de tempos, noites nem dias, lhes acodem e muitas vezes sem ser chamados os andam a buscar pelas fazendas de seus senhores, onde estão desamparados. E quando ha doenças geraes, como houve cá muitas vezes de bexigas, priorizes, tabardilho, camaras de sangue, etc., não ha descansar, e nisto se gasta cá a vida dos nossos, com que se tem ganhado em todo o Brasil muitas almas ao Senhor.

Acompanharam algumas vezes nas guerras justas os governadores e capitães onde remedeam as almas dos Portuguezes e dos escravos Indios, baptisando e confessando, e além disso por seu meio se têm alcançadas victorias mui notaveis estando os Portuguezes em evidentes perigos de ser destruidos, como se viu na guerra que fez Antonio Salema ao Cabo Frio, onde na primeira aldeia que era fortissima e da melhor gente que havia em toda a terra que estava alli junta, estavam já em grande tribulação e o Indio principal della, ouvindo e conhecendo as palavras de um nosso Padre, se entregou a si e a toda a aldeia e dalli se sujeitou todo o Cabo Frio sem trabalho.

O mesmo foi na capitania do Espirito Santo: estando quasi todos os moradores sobre uma forte aldeia dahi 30 leguas, já desconfiados e em perigo de se perder, pelas palavras de outro nosso Padre se entregou aquella aldeia e outras. E assim aconteceu n'outras em S. Vicente, pois no Rio de Janeiro, temendo-se os Portuguezes que estava o sertão alevantado, acorreram-se aos Padres e assim pelo bem commum foi lá mandado um Padre lingua muito doente que havia muitos annos que lançava sangue pela boca e entrou muitas leguas pelo sertão, passando aquellas serras que são as maiores que ha no Brasil e esteve lá seis mezes e pacificou o sertão e trouxe consigo algumas 600 almas de Indios, passando grandissimos trabalhos e perigos, dos quaes Indios se fez uma das aldeias do Rio e são já quasi todos christãos.

O que os nossos têm feito e fazem na conversão dos Indios livres ver-se-ha por outra informação, que com esta vai, que

trata isso particularmente, dos quaes Indios têm feito muitos capazes do Santissimo Sacramento, que recebem com muita devoção, — capazes, digo, quanto ao conhecimento deste altissimo mysterio, que, quanto á vida, não tenho duvida que excede á maior parte dos Portuguezes do Brasil, porque muito menos peccados commettem que elles, e os peiores nesta parte são os que com elles têm mais trato e isto se lhe pega de sua conversação e exemplo. Naquella mesma informação se verão os inconvenientes que houve e ha para sua conversão e poucas ajudas e as causas da sua diminuição: della mesmo se pôde colligir o numero de christãos que são feitos e mortos, posto que, além dos proprios das aldeias, se tem feito outra grande multidão delles em missões e continuas visitas, como acima se tem tocado, e bem creio que chegarão a cem mil.

DOS COLLEGIOS DA COMPANHIA.

A casa de S. Paulo de Piratininga como foi principio de conversão, assim tambem o foi dos collegios do Brasil. Esteve esta provincia creio que até ao anno de 1554 ou 1555 subordinada a Portugal e neste mesmo anno foi nomeado por Provincial o padre Manuel de Nobrega, no qual tempo indo a S. Vicente o padre Luiz da Grã, seu collateral, em Janeiro de 1556, com seu parecer e conselho fez o padre Nobrega daquella casa collegio, applicando-lhe toda a fazenda movel e de raiz que havia na capitania de S. Vicente que pertencesse á Companhia.

Alli houve sempre estudo de latim para os Irmãos da Companhia e uma lição de casos que lhes lia o padre Luiz da Grã até ao anno de 1561, no qual se mudou o estudo para a villa de S. Vicente, porque havia já lá moços de fóra que podiam estudar, dos quaes se juntaram uns poucos que estudaram; mas com as guerras que sobrevieram do gentio, não se poude continuar sinão até ao anno de 62, e com tudo ficou a casa de S. Vicente com titulo de collegio mudado de S. Paulo para alli até á era de 1566, em que chegou lá o padre Ignacio de Azevedo, martyr, que vinha por Visitador e ordenou que dali por diante, si houvesse de haver collegio, se mudasse para o Rio de Janeiro, o qual se esperava que iria cada vez em maior augmento, por ser capitania d'Elrei e terra mais rica e fertil como depois se fez.

Ao tempo que chegou o padre Luiz da Grã a S. Vicente, no anno de 1556, estava o padre Manuel de Nobrega determinado de ir ao rio da Prata, em companhia de uns castelhanos que entravam pelo sertão, porque naquella terra havia grandissimas esperanças de grande conversão dos Indios Carijós, que são da

corôa de Castella. Mas, com ajuda do padre Luiz da Grã, que era seu collateral, se mudou o conselho, por ser aquelle reino estranho, e, deixando o dito Padre em S. Vicente, em seu lugar, se foi à Bahia, levando comsigo alguns Irmãos no anno de 56, e dalli por diante se começou alli o estudo da grammatica mais de proposito aos Irmãos da Companhia, e ordenou que aquella casa fosse collegio no anno de 1556, com algumas terras e vaccas que tinha, o qual depois se dotou para 60 irmãos por el-rei D. Sebastião, no anno de 1565.

Este collegio foi o segundo da Companhia no Brasil, e como a cidade da Bahia teve grandes augmentos nos engenhos de assucar e fazendas e muito tracto de Portuguezes, e como é o assento dos Governadores e Bispos, assim elle tambem cresceu muito, porque todos os Irmãos que eram mandados de Portugal vinham a elle e proseguiu seu estudo muito de proposito, abrindo-se escholas para todos os de fóra. Nelle ha de ordinario eschola de ler, escrever e algarismo, duas classes de humanidade, leram-se já dous cursos de artes, em que se fizeram alguns mestres de casa e de fóra, e agora se acaba terceiro. Ha lição ordinaria de casos de consciencia, e, às vezes, duas de theologia, donde sahiram já alguns mancebos prégadores, de que o Bispo se aproveita para a sua Sé, e alguns curas para as freguezias. A este collegio estiveram subordinadas todas as casas das capitánias, até que houve outros collegios, e agora não são mais a elle subordinadas que as do Ilhéos e Porto Seguro.

O segundo collegio é o do Rio de Janeiro, que se fundou e dotou para cincoenta por el-rei D. Sebastião no anno de 1567. Nelle houve sempre escola de ler, escrever e algarismo, uma classe de latim e lição de casos de consciencia para toda a sorte de gente e para aqui, como dito é, se mudou o primeiro collegio que houve em S. Paulo e S. Vicente: a este collegio estão subordinadas as casas de S. Vicente e S. Paulo de Piratininga e a do Espirito Santo.

O ultimo collegio é o de Pernambuco e foi fundado e dotado para vinte por el-rei D. Sebastião no anno de 1576. Nelle houve sempre escola de ler, escrever e algarismo, uma classe de latim, e uma lição de casos, de maneira que os collegios agora são tres: o primeiro e principal é o da Bahia, segundo o do Rio de Janeiro, terceiro o de Pernambuco, os quaes têm suas rendas.

As mais casas vivem de esmolas que lhes dão os moradores, fracamente, conforme a sua possibilidade, que é pouca; e porque elles não podem supprir a tudo por serem pobres, os collegios provêm as casas que lhe são subordinadas de vestido, vinho, azeite, farinha para hostias e outras cousas que não ha na terra e hão de vir necessariamente de Portugal. Em todas estas casas ha sempre escholas de ler, escrever e algarismo para os moços de fóra.

DOS PROVINCIASES DO BRASIL E REITORES DOS COLLEGIOS.

O primeiro Provincial foi o padre Manuel de Nobrega no anno de 1555, porque até então foi subordinada esta provincia à de Portugal; durou no cargo até ao anno de 1559.

No de 1559 foi o segundo Provincial o padre Luiz da Grã até ao anno de 1570 em que vinha por Provincial o padre Ignacio de Azevedo, martyr, que fica no terceiro logar.

No quarto logar foi outra vez nomeado o padre Manuel da Nobrega, mas era fallecido no mesmo anno que o padre Ignacio, martyr, e por tanto ficou por Vice-Provincial o padre Antonio Pires, que era superintendente do collegio da Bahia, e isto por ordem que assim deixou o padre Ignacio, martyr, em sua visita: teve este cargo nove mezes e falleceu em Março de 1572. Depois de sua morte, pela mesma ordem do padre Ignacio, martyr, ficou por Vice-Provincial o padre Gregorio Serrão, reitor do collegio da Bahia: teve este cargo um mez.

O quinto Provincial foi o padre Ignacio Tholoza, Hespanhol, no anno de 1572 até ao anno de 1577.

O sexto Provincial o padre José de Anchieta, Biscainho 16), o anno de 1577 e ainda tem o cargo neste presente de 1584.

Reitores dos collegios foram os seguintes: do da Bahia foram algum tempo os padres Francisco Pires, Manuel de Paiva, João de Mello, Portuguezes, depois foi o padre Gregorio Serrão, Portuguez, que teve o officio alguns 20 annos; e sendo elle eleito por Procurador para ir a Roma, teve o cargo pouco tempo o padre Luiz da Grã, Portuguez, e depois o padre Quiricio Caixa, Castelhana, dous annos, todo o tempo que o padre Gregorio Serrão, gastou na jornada, o qual veiu de lá outra vez, com o mesmo cargo, e até ao presente anno de 1584 persevera nelle, e por sua velhice e longa enfermidade foi eleito o padre Luiz da Fonseca, Portuguez, por vice-reitor, e já agora, porque o dito padre Gregorio Serrão não pôde fazer o seu officio, é reitor.

Do collegio do Rio de Janeiro foi o primeiro o padre Manuel de Nobrega que o começou a *fundamentis* e nelle acabou a vida, depois de deixar toda aquella terra sujeita e pacifica, com os Indios Tamoyos sujeitos e vencidos, e tudo sujeito a El-Rei,

16) Anchieta nasceu na capital da ilha de Tenerife a 7 de Abril de 1534. No texto diz que é biscainho, por causa de sua origem, pois seu pae, D. João de Anchieta, era da provincia de Guipuscoa na Biscaia. *Vie du vénérable Joseph Anchieta*, por Charles Sainte Foy, Paris-Tournai, 1858, pg. 45/46.

sendo elle o que mais fez na povoação della, porque com seu conselho, fervor e ajuda se começou, continuou e levou ao cabo a povoação do Rio de Janeiro. Depois lhe succedeu o padre Braz Lourenço, Portuguez, alguns annos e a elle o padre Pedro do Toledo, Castelhana, o qual primeiro foi vice-reitor e depois reitor. Agora tem o cargo de reitor o padre Ignacio de Tholosa.

Do collegio de Pernambuco foi o padre Agustin del Casti-lho, Castelhana, o qual ahi mesmo morreu, e depois o padre Luiz da Grã, que ainda agora tem o cargo.

DAS RELIQUIAS E INDULGENCIAS.

Pela benignidade de Deus, dos Summos Pontifices, da Imperatriz e de outros Senhores e Reis, vieram ao Brasil reliquias muito notaveis, a saber: o lenho da Cruz, seis cabeças das Onze Mil Virgens e as reliquias de S. Sebastião, S. Braz, S. Christovão, dos Martyres Thebeos e de outros muitos santos, *Agnus Dei* e Contas bentas, que estão repartidas pelos collegios e casas da Companhia, e com as quaes se excitou muito a devoção dos moradores do Brasil e se tem feito muito proveito nas almas.

Assim mesmo muitas Indulgencias plenarias e Jubileus que se ganham muito frequentemente, assim pelos Portuguezes como pelos Indios, e é tanta a misericórdia de Deus nesta parte e a liberalidade dos Summos Pontifices seus vigarios, que cada mez ha jubileu em nossos collegios, com grande frequencia de confissões e communhões para gloria do mesmo Deus e proveito das almas e os mesmos soldados das armadas e marinheiros vão de cá enriquecidos com *Agnus Dei*, Contas bentas, e Indulgencias plenarias que se lhes concedem pelos Padres da Companhia.

DOS COSTUMES DOS BRASIS.

Desde o rio do Maranhão, que está além de Pernambuco para o Norte, até a terra dos Carijós, que se estende para o Sul desde a alagão dos Patos até perto do rio que chamam de Martin Affonso, em que pôde haver 800 leguas de costa, e em todo o sertão della que se estenderá como 200 ou 300 leguas, tirando o dos Carijós, que é muito maior e chega até ás serras do Perú, ha uma só lingua,

Todos estes ordinariamente andam nus, ainda que os Carijós e alguns dalli para avante, por ser terra muito fria, usam de pelles de veados e outros animaes que matam e comem, e as mulheres fazem umas como mantas de algodão que cobrem meio corpo.

Todos os da costa que têm uma mesma lingua comem carne humana, posto que alguns em particular nunca comeram e têm grandissimo nojo della. Entre os Tapuyas se acham muitas nações que não a comem, nem matam os inimigos sinão no conflicto da guerra.

A maior honra que têm é tomar algum contrario na guerra e disto fazem mais caso que de matar, porque muitos dos que o tomam os dão a matar a outros, para que fiquem com algum nome, o qual tomam de novo quando os matam, e tantos nomes têm quantos inimigos mataram, posto que os mais honrados e estimados e tidos por mais valentes são os que os tomam. Naturalmente são inclinados a matar, mas não são crueis; porque ordinariamente nenhum tormento dão aos inimigos, porque si os não matam no conflicto da guerra, depois tratam-os muito bem, e contentam-se com lhes quebrar a cabeça com um pau, que é morte muito facil, porque ás vezes os matam de uma pancada ou ao menos com ella perdem logo os sentidos. Si de alguma crueldade usam, ainda que raramente, é com o exemplo dos Portuguezes e Francezes.

Casamentos de ordinario não celebram entre si e assim um tem tres e quatro mulheres, posto que muitos não têm mais do que uma só e, si é grande principal e valente, tem dez, doze e vinte. Tomam umas e deixam outras: verdade é que em muitos ha verdadeiros matrimonios *in lege naturae*, e assim muitos mancebos até que casem, por ordem e conceito de seus pais servem ao sogro ou sogra que ha de ser, antes que lhe dêem a filha, e assim quem tem mais filhas é mais honrado pelos genros que com ellas adquirem, que são sempre muito sujeitos a seus sogros e cunhados, os quaes depois dos pais têm grandissimo poder sobre as irmãs e muito particular amor, como ellas tambem toda a sujeição e amor aos irmãos com toda a honestidade. Todos os filhos e filhas de irmãos têm por filhos e assim os chamam; e desta maneira um homem de 50 annos chama pai a um menino de um dia, por ser irmão de seu pai e por esta ordem tem grande reverencia a todas as mulheres que vêm pela linha dos machos, não casando com ellas de nenhuma maneira, ainda que sejam fóra do quarto grau. As sobrinhas, filhas de irmãs e *deinceps*, têm por verdadeiras mulheres, e commummente casam com ellas, *sine discrimine*.

Os de uma nação são muito pacificos entre si, e de maravilha pelezam, sinão de palavra e ás punhadas, e si alguma hora com a quentura demasiada do vinho vai a cousa muito avante, as mulheres logo lhe escondem as frechas e outras armas, até

os tições de fogo, porque se não matem e firam, porque de uma morte destas ás vezes acontece dividir-se uma nação com guerra civil, e matarem-se e comerem-se e destruir-se, como aconteceu no Rio de Janeiro.

São muito dados ao vinho, o qual fazem das raizes da mandioca que comem, e de milho e outras fructas. Este vinho fazem as mulheres, e depois de cosidas as raizes ou o milho, o mastigam porque com isso dizem que lhe dão mais gosto e o fazem ferver mais. Deste enchem muitos e grandes pótes, que sómente servem disso e depois de ferver dous dias o bebem quasi quente, porque assim não lhe faz tanto mal nem os embebeda tanto, ainda que muitos delles, principalmente os velhos, por muito que bebem, de maravilha perdem o siso, ficam sómente quentes e alegres. Com o vinho das fructas que é muito forte se embebedam muito e perdem o siso, mas deste bebem pouco, e sómente o tempo que ellas duram; mas o vinho commum das raizes e milho bebem tanto que ás vezes andam dous dias com suas noites bebendo, e ás vezes mais, principalmente nas matanças de contrarios e todo este tempo cantando e bailando sem cansar nem dormir. Este vinho commummente o fazem grosso e basto, por que juntamente lhes serve de mantimento e quando bebem nem uma outra cousa comem. E da mesma maneira quando comem não curam de ter vinho nem agua para beber, nem têm trabalho nisso e algumas vezes acabando de comer, si não têm agua em casa, se vão á fonte a beber, e ás vezes de noite com um tição de fogo na mão, principalmente os que não têm mulher, mãe, ou irmã que lhe traga agua. E nisto nenhum trabalho têm, e quasi não fazem differença de boa ou má agua, com qualquer se contentam. Os moços pequenos não bebem aquelles vinhos, e quando algum mancebo ha de começar a beber, fazem-lhe grandes festas, empenhando-os e pintando-os como que então começam a ser homens.

Nenhuma creatura adoram por Deus, sómente os trovões cuidam que são Deus, mas nem por isso lhe fazem honra alguma, nem commummente têm idolos nem sortes, nem communicação com o demonio, posto que têm medo delle, porque ás vezes os matam nos matos á pancadas, ou nos rios, e, porque lhes não façam mal, em alguns logares medonhos e infamados disso, quando passam por elles, lhe deixam alguma frecha ou pennas ou outra cousa como por offerta.

O que mais crêm e de que lhe nasce muito mal é que em alguns tempos alguns de seus feiticeiros, que chamam Pagés, inventam uns bailes e cantares novos, de que estes Indios são mui amigos, e entram com elles por toda a terra, e fazem occupar os Indios em beber e bailar todo o dia e noite, sem cuidado de fazerem mantimentos, e com isto se tem destruido muita gente desta. Cada um destes feiticeiros (a que tambem chamam santidade) busca uma invenção com que lhe parece

que ganhará mais, porque todo este é seu intento, e assim um vem dizendo que o mantimento ha de crescer por si, sem fazerem plantados, e juntamente com as caças do matto se lhe hão de vir a metter em casa. Outros dizem que as velhas se hão de tornar moças e para isso fazem lavatorios de algumas ervas com que lavam; outros dizem que os que os não receberem se hão de tornar em passaros e outras invenções semelhantes. Além disto dizem que têm um espirito dentro de si, com o qual podem matar, e com isto mettem medo e fazem muitos discipulos communicando este seu espirito a outros com os defumar e assoprar, e ás vezes é isto de maneira que o que recebe o tal espirito treme e sua grandissimamente. De modo que bem se pôde crer que alli particularmente obra o demonio e entre nelles, posto que commumente é ruindade, e tudo por lhe darem os Indios o que têm, como sempre fazem, ainda que muitos não crêm cousa nenhuma daquellas, e sabem que são mentiras.

Estes tambem costumam pintar uns cabaços com olhos e bocca e os têm com muita veneração escondidos em uma casa escura para que ali vão os Indios a levar suas offeras.

Todas estas invenções por um vocabulo geral chamam *Caraiaba*, que quer dizer como cousa santa, ou sobrenatural; e por esta causa puzeram este nome aos Portuguezes, logo quando vieram, tendo-os por cousa grande, como do outro mundo, por virem de tão longe por cima das aguas. Estes mesmos feiticeiros e outros que não chegam a tanto, costumam esfregar, chupar e defumar os doentes nas partes que têm lesas e dizem que com isto os saram e disto ha muito uso, porque com o desejo da saude muitos se lhe dão a chupar, posto que os não crêm. Outros agouros e abusões têm em passaros e em raizes e finalmente em tudo, que são infinitos, mas tudo é cousa de pouco momento.

Têm alguma noticia do diluvio, mas muito confusa, por lhes ficar de mão em mão dos maiores e contam a historia de diversas maneiras. Tambem lhe ficou dos antigos noticias de uns dois homens que andavam entre elles, um bom e outro mau, ao bom chamavam *Çumé*, que deve de ser o apostolo S. Thomè, e este dizem que lhes fazia boas obras, mas não se lembram em particular de nada. Em algumas partes se acham pégadas de homens impressas em pedras, *maxime* em S. Vicente, onde no cabo de uma praia, em uma penedia mui rija, em que bate continuamente o mar, estão muitas pégadas, como de duas pessoas differentes, umas maiores, outras menores que parecem frescas como de pés que vinham cheios de areá, mas se verá ellas estão impressas na mesma pedra. Estas é possivel que fossem deste Santo Apostolo e algum seu discipulo.

O outro homem chamavam *Maira*, que dizem que lhes fazia mal e era contrario de *Çumé*; e por esta causa os que estão de guerra com os Portuguezes, lhes chamam Maira. Estes são os costumes mais de notar desta gente do Brasil, que para se fazer relação miudamente de todos era necessario um livro muito grande,

DOS IMPEDIMENTOS PARA A CONVERSÃO DOS BRASIS E, DEPOIS DE CONVERTIDOS, PARA O APROVEITAMENTO NOS COSTUMES E VIDA CHRISTÃ.

Os impedimentos que ha para a conversão e perseverar na vida christã de parte dos Indios, são seus costumes inveterados, como em todas as outras nações, como o terem muitas mulheres ; seus vinhos em que são muito continuos e em tirar-lh'os ha ordinariamente mais difficuldade que em todo o mais, por ser como seu mantimento, e assim não lh'os tiram os Padres de todo, sinão o excesso que nelles ha, porque assim moderado quasi nunca se embebedam nem fazem outros desatinos. Item as guerras em que pretendem vingança dos inimigos, e tomarem nomes novos, e titulos de honra ; o serem naturalmente pouco constantes no começado, e sobretudo faltar-lhes temor e sujeição, porque, como em todos os homens, assim nestes muito mais *initium sapientiae timor Domini est*, o qual lhe ha de entrar por temor da pena temporal, porque havendo isto tomam o jugo da lei de Deus e perseveram nelle ao menos com muito menos peccados que os Portuguezes, pois já o tornarem atraz da fé de maravilha se viu nelles, porque, como nada adoram, facilmente crêm o que se lhe diz que hão de crêr : mas por outra parte, como não têm muito discurso, facilmente se lhe metterá em cabeça qualquer cousa, ao menos de maus costumes. Ajunta-se a isto que são de uma natureza tão descançada que, si não forem sempre aguilhoados, pouco bastará para não irem à missa, nem buscarem outros remedios para a sua salvação.

Todos estes impedimentos e costumes são mui facéis de se lhe tirar si houver temór e sujeição, como se viu por experiencia desde do tempo do governador Men de Sá até agora ; porque com os obrigar a se juntar e terem igreja, bastou para receberem a doutrina dos Padres e perseverar nella até agora, e assim será sempre, durando esta sujeição, havendo residencia de mestres com elles que os não deixem cahir por sua natural frieza, e os incitem cada vez a maiores cousas, como se vê agora que são muito amigos de vir à missa todas as festas, e alguns pela semana, confessarem-se muitas vezes e serem muito capazes da Santissima Communhão, para a qual se apparelham com muita devoção, jejuando e disciplinando-se à vespera ; e os que não têm ainda commungado trabalham muito de se apparelhar para isso, fazendo tudo que se lhes ordena.

Por aqui se vê que os maiores impedimentos nascem dos Portuguezes, e o primeiro é não haver nelles zelo da salvação dos Indios, *etiam* naquelles *quibus incumbit ex officio*, antes os têm

por selvagens, e, ao que mostram, lhes pesa de ouvir dizer que sabem elles alguma cousa da lei de Deus, e trabalham de persuadir que é assim ; e com isto pouco se lhe dá aos senhores que têm escravos, que não ouçam missa, nem se confessem, e estêem amancebados. E, si o fazem, é pelos continuos brados da Companhia, e logo se enxerga claro nos tementes a Deus que seus escravos vivem differentemente pelo particular cuidado que têm delles.

Os que nesta parte mais padecem são os pobres escravos e os mais Indios livres que estão em poder dos Portuguezes, que não podem ser muitas vezes doutrinados dos Padres, e assim o maior mal que se faz aos Indios da doutrina, quando vão ajudar os Portuguezes em suas fazendas, é que alguns lhe dão as escravas, para com isso os prender mais tempo. Outros não n'o prohibem, e desta maneira os que peor vivem são os que mais tratam com os Portuguezes, ensinados de seu mau exemplo, e muitas vezes peor doutrina, em que os admoestam que não tenham dever com a doutrina dos Padres ; posto que destes não são sinão alguns desalmados, mas os de mau exemplo e pouco zelo são muitos.

O que mais espanta aos Indios e os faz fugir dos Portuguezes, e por consequencia das egrejas, são as tyrannias que com elles usam obrigando-os a servir toda a sua vida como escravos, apartando mulheres de maridos, pais de filhos, ferrando-os, vendendo-os, etc., e si algum, usando de sua liberdade, se vai para as egrejas de seus parentes que são christãos, não o consentem lá estar, de onde muitas vezes os Indios, por não tornarem ao seu poder, fogem pelos mattos, e quando mais não podem, antes se vão dar a comer a seus contrarios ; de maneira que estas injustiças e sem razões foram a causa da destruição das egrejas que estavam congregadas e o são agora de muita perdição dos que estão em seu poder.

Informação da provincia do Brasil para Nosso Padre.

Esta provincia do Brasil foi descoberta por acaso em o anno de 500 por Pedro Alvares Cabral, que ia á India Oriental e arribou a esta terra a um porto que chamou Porto Seguro e em elle poz um padrão por El-Rei de Portugal, e chamou a esta terra provincia de Santa Cruz 1).

Dista esta provincia de Lisboa 1500 leguas pouco mais ou menos. Divide-se em oito capitánias, *scilicet* : Tamaracá, Pernambuco, Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente. Todas são portos de mar e villas de senhores particulares, excepto a Bahia e Rio de Janeiro, que são cidades de Sua Magestade.

A Bahia é cabeça e metropole onde residem o Governador, Ouvidor geral, Provedor-mór, Thesoureiro e outros officiaes do Rei.

Tem um só bispo toda esta provincia, que tambem reside na Bahia, e tem a seu cargo Tamaracá, Pernambuco, Bahia e Ilhéos, e estas quatro capitánias visita por si ou por outro. As outras quatro, *scilicet* : Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de

1) Cabral, como se vê da carta de Caminha, poz á terra o nome de Vera-Cruz. Nas instrucções dadas em 1501 a João da Nova (Porto Seguro, *Hist. geral*, pag. 77), a terra chama-se ilha da Cruz. Na carta escripta por D. Manoel aos Reis Catholicos em 1501 chama-se de Santa Cruz (Navarrete, *Collec. de Viag.*, vol. III, pags. 94 e seg.); Empoli em 1504 chama-a Vera-Cruz ou Brasil (Ramusio, *Navig.*, I, pag. 145 a). Desde este anno, o nome de Brasil apparece em documentos portuguezes e allemães e cada vez se generalisa mais (Wieser, *Magalhães — Strasse und Austral-Continent*, Innsbruck, 1881, pags. 93/94).

Janeiro e S. Vicente, visita um sacerdote administrador ecclesiastico, que é como o bispo nos poderes, mas não dá ordens, e reside de ordinario no Rio de Janeiro.

Os Padres da Companhia vieram por mandado do rei D. João de boa memoria com o primeiro governador Thomé de Sousa, quando veiu povoar esta terra no anno de 1549.

Nesta provincia temos oito casas, *scilicet*: em Pernambuco, collegio; na Bahia, collegio, escola e noviciado; nos Ilhéos, casa; em Porto Seguro, casa; no Espirito Santo, casa; no Rio de Janeiro, collegio; em S. Vicente, casa; em Piratininga, casa. Vivem em todas ellas dos nossos 140, *scilicet*: 68 padres, 37 estudantes e 35 coadjutores.

TAMARACÁ.

Corre esta costa do Brasil do Norte a Sul e de Nordeste a Sudoeste, e começando do norte, por sua ordem, a primeira capitania é Tamaracá, villa de um André de Albuquerque 2).

Tem capitão que a rege sujeito ao governador da Bahia; terá 50 vizinhos de Portuguezes; tem seu vigario; é cousa pouca e pobre e vai se despovoando. Está a sete leguas de Pernambuco.

Aqui não temos casa; em missão vão lá os nossos muitas vezes, e se faz fructo com os moradores, e Indios christãos, que são poucos.

PERNAMBUCO.

Pernambuco é capitania de um Jorge de Albuquerque; é villa chamada Olinda; tem capitão que a governa sujeito ao Gover-

2) « Fallecendo Martim Affonso de Souza, donatario da capitania de Santo Amaro e filho de Pedro Lopes de Souza e D. Isabel de Gambôa, lhe succedeu na doação das 80 leguas sua irmã D. Jeronyma de Albuquerque de Sousa, estando já viuva de seu marido D. Antonio de Lima, e tendo deste matrimonio a filha D. Isabel de Lima, mulher de André de Albuquerque, todos moradores na villa de Setubal». (Taqes, *Historia da capitania de S. Vicente*, Revist. Inst., IX (1847), pag. 162.

nador da Bahia; dista da Equinocial oito graus e da Bahia cinco ; está situada em logar eminente de bom prospecto para o Oriente, tem mui ruim porto, e as naus grandes quedam cerca de uma legua da barra, por causa dos baixos e arrecifes ; terá mil visinhos com sua comarca de Portuguezes, com seu vigario e outros clerigos seculares. Junto a ella cinco leguas está uma villeta que tem 110 visinhos de brancos com seu vigario.

E' Pernambuco terra rica, de muitos mercadores, trata com assucar e pau vermelho, o mais e melhor da costa, no commercio é uma nova Luzitania, e mui frequentada.

Tem 66 engenhos de assucar, e cada um é uma grande povoação e para serviço delles e das mais fazendas terá até 10.000 escravos de Guiné e Angola e de Indios da terra até 2.000.

COLLEGIO DE PERNAMBUCO.

O collegio de Pernambuco está situado em logar eminente, de bom prospecto. O edificio é velho, tem 19 camaras de sobrado, as janellas ao mar para o Oriente, as officinas pequenas e velhas e não tão accommodadas, a igreja pequena, mas ornada de bons ornamentos. Tem cerca grande com uma fonte, e um poço, e nella tem muitas parras de Portugal, muitos coqueiros, laranjas e hortaliça com outras arvores de fructo ; não têm outro logar de recreação ; a cerca ainda que grande está toda cercada de parede de t'jollo.

Vivem neste collegio dos nossos 20 de ordinario ; 11 Padres, os demais Irmãos. Têm de dote para sua sustentação mil ducados que lhe ha dotado el-rei D. Sebastião 3) ; pagam-se bem em 900 arrobas de assucar, as 800 de assucar branco, mascavado, alto e malo, e as 100 em assucar negro de sinos ou retames, e pagam-se em certos engenhos que os Padres assignalam cada anno, como lhes parece, e se arrecadam por um homem de fóra. Vendidos na mesma terra importarão em 1.500 ducados, e enviando-se a Portugal por nossos, e a nosso risco importarão, *deductis expensis*, quasi 2.000 ducados.

3) Em carta escripta de Olinda em 18 de Novembro de 1578 a El-Rei de Portugal, diz Christovão de Barros, então provedor-mór da fazenda : « Acho que devo advertir a Vossa Alteza de alguns inconvenientes que não fazem a bem da vossa fazenda, pelo que quiz avisar

Têm a sete leguas da villa duas leguas de terra em quadro, que não rendem nada por não estar aquelle logar ainda bem povoado e seguro por causa dos indios Pitiguaras que são contrarios 4).

Item algumas cabeças de bois e vaccas de sua criação, de que se sustentam, por não haver matadouro na villa, e si assim não o fizessem, não teriam que comer.

Para as obras do edificio futuro têm 166 ducados de esmola que lhe fez el-rei D. Sebastião, e por se pagar mal e por não haver tanta commodidade de officiaes e cal, o edificio não se começa.

Além dos Irmãos, têm 30 pessoas de serviço, de escravos de Guiné e da terra: todos sustentam-se mediocremente ainda que com trabalho por as cousas valerem mui caras, e tresdobro do que em Portugal.

Suas occupações com os proximos são uma lição de casos que ouvem os nossos, e de fóra dous a tres estudantes e às vezes nenhum; uma classe de grammatica que ouvem até 12 estudantes

do que me pareceu mais accomodado a vosso serviço, entre os quaes entendi que uma provisão que Vossa Alteza passou aos Padres da Companhia deste collegio de Olinda foi sem a informação que no caso se requeria, porque lhe dota Vossa Alteza mil cruzados cada um anno, os quaes lhe serão pagos em assucar, assim como valeu por massa os annos passados que teve muito menos preço. Mas a razão que tenho para entender que estes mil cruzados não sejam pagos em assucar é que, arbitrados a como valeu em massa para os haverem de cobrar nos engenhos, conforme a Provisão, é detrimento notavel da vossa fazenda, porque seguindo a informação que disto tomei perde Vossa Alteza em cada um anno mais de tres mil cruzados, porque não haverá pessoa que queira arrendar com esta condicção dos Padres: por onde, si a tenção de Vossa Alteza é dotar aos Padres mil cruzados que pelo respeito desta ordem fiquem mais avantajados visio os gastos e careza da terra, entendia eu que Vossa Alteza os devia melhorar em mais dinheiro, sendo servido e não pela maneira que tanto custa.» Mss. do Inst. Hist., Doc. 170, fl. 143 v., e 144 r.

4) Borges da Fonseca na sua *Nobliarchia Pernambucana* diz que «no archivo do collegio de Olinda que foi dos Padres Jesuitas, se achou uma carta de sesmaria passada por D. Brites de Albuquerque, capitão e governador de Pernambuco a 24 de Julho de 1579, na qual confirma a data de uma legua de terra em Camaragibe que aos Padres do dito collegio de Olinda havia dado D. Christovão de Mello, quando foi governador.» *Rev. do Inst. Arch. Geogr. Pernambucano*, IV, pg. 95. Provavelmente esta terra fazia parte das duas leguas a que se refere o Autor.

de fóra, e tambem os casos e grammatica estudam alguns de casa; escola de ler e escrever, que terá até 40 rapazes filhos dos Portuguezes.

Item: prégam em nossa egreja de ordinario, e na matriz e em outras egrejas a miudo, confessam a maior parte de 8.000 Portuguezes, que haverá naquella villa e comarca; são consultados frequentemente em casos de importancia por a terra ter muitos mercados e trato; andam em continuas missões aos engenhos, que estão alguns a quatro, oito e quatorze leguas da villa; catechisam, baptisam e acodem a outras necessidades extremas, não sómente dos Portuguezes, mas principalmente dos escravos que de Guiné serão até 10.000, e dos Indios da terra até 2.000, como acima se disse, e como os clerigos não os entendem nem sabem sua lingua, os nossos os ajudam em tudo, e ensinam como si fossem seus curas e padecem nisso grandes trabalhos de caminhos que andam a pé, calores, chuvas, passando rios muito perigosos e outros muitos descommodos e perigos de cobras, porém de tudo se serve Deus Nosso Senhor e os Padres estão bem empregados e se dá remedio a tantas almas desamparadas, pelo que seja honra e gloria a Sua Divina Magestade.

BAHIA.

Distá a Bahia da Equinocial 13 graus e meio, e de Pernambuco 100 leguas. E' intitulada cidade do Salvador, é cabeça e metropole, nella residem o Governador e o Bispo.

Está mal situada em um monte, tem mui aprásivel prospecto para o mar ao Poente, e Oriente; a barra tem quasi tres leguas de boca, e faz uma enseada de 10 até 12 leguas em extensão, e em roda e contorno quasi 30; tem algumas ilhas pelo meio que lhe dão graça; esta enseada se diz bahia de Todos os Santos e neste circuito e contorno que faz o mar entram da terra muitos rios caudalosos, de grandes bosques e arvoredos, e notavel frescura.

Tem 46 engenhos de assucar com muitos cannaviaes do mesmo. A cidade não é mui grande, porque a maior parte da gente vive fóra em seus engenhos e fazendas: terá em toda sua comarca quasi 2.000 visinhos de Portuguezes, dos quaes haverá 10 ou 12.000 pessoas, e para o serviço dos engenhos e mais fazendas tem até 3.000 escravos de Guiné, e de Indios christãos da terra cerca de 8.000 entre escravos e livres. Os de Guiné e escravos da terra vivem na cidade e nos engenhos e fazendas de seus senhores, e os Indios livres alguns em casas dos Portu-

guezes e outros entre aldeas de que os nossos Padres têm cuidado, e dalli vão a servir os Portuguezes, *scilicet* por seu estipendio.

Nesta cidade temos collegio, o maior e seminario da provincia, tem casa de provação junto ao collegio, habitação distincta e escolas. Está situado em logar mui amplo, eminente ao mar, tem de novo feito um claustro de pedra e cal, e no quarto da parte de Leste, fica a egreja e sacristia: a egreja é rasoavel, bem acabada, com seu choro, é bastante por agora para a terra, e bem ornada de ricos ornamentos, cruz e thuribulo de prata com muitas reliquias encastoadas em prata, onde entram tres cabeças das Onze Mil Virgens, e outras peças, que tudo é grande consolo para os desta terra, de casa e de fóra. O outro quarto de parte do Sul tem por de cima capella e enfermaria de boa grandura, por debaixo despensa e adega.

O quarto da parte do Poente tem 19 camaras: nove por de cima e por debaixo dez com as janellas sobre o mar, com tres outras janellas grandes que fazem cruz nos corredores.

O quarto da parte de Nordeste tem sete camaras por decima e seis por debaixo: todas são forradas, de cedro, e amplas mais que as de Coimbra, os portaes de cantaria, e é edificio bem accommodado, excepto que está por aperfeiçoar, e forrar os corredores e guarnecer. Não tem ainda officinas novas, nem provação, nem escolas, por ser tudo velho de taipa, e vai tudo devagar por não se pagar bem as rendas, e cento e sessenta ducados de esmola que el-rei D. Sebastião fez para as obras, mas sempre se faz algo.

Vivem neste collegio sessenta dos nossos de ordinario. Este collegio ha dotado el-rei D. Sebastião com tres mil ducados de renda para os sessenta em cada um anno que seus officiaes pagam mui mal, pelo que o collegio está endividado.

Item: tem tres quartos de meia legua da cidade, meia legua de terra da melhor da Bahia, de muitas aguas e frescos bosques de arvoredos; nesta fazenda se fazem os mantimentos de farinha e beijús de mandioca para os Irmãos. Em uma parte tem um tanque grande de peixes, e alli vão nos assuetos ter recreação. Poderá render a roçaria que alli têm cem mil maravedis, *deductis expensis*, em cada um anno.

Item: doze leguas de terra em quadro no Camamú que dista 18 leguas por mar desta cidade, a qual terra com suas aguas deu de esmola o governador Men de Sá; rende pouco e ainda se gasta muito nella com medições, e outros beneficios de que até agora se saca pouco fruto, por não estar povoada de Portuguezes, e mesmo é cheia de uns Indios contrarios que chamam Guamuré, que são como selvagens, comem carne humana de ordinario e vivem pelos desertos, sem povoações como bichos e são mui temidos dos Portuguezes por sua crueldade e ferocidade. Si esta terra fóra povoada, era cousa mui rica e quasi como a Bahia, por ter uma barra de tres leguas de boca com bom porto, e faz uma

enseada e contorno de quasi vinte leguas em roda e circuito, e tem pelo meio mais de quarenta ilhas, ainda que são algumas pequenitas, todas de grande frescura e arvoredos. E nesta enseada entram muitos rios caudaes, de muitos pescados, e mariscos em grande abundancia, e poderá ter até dez engenhos de agua de assucar, e as terras são mui ferteis, e em que se dão mui bem os cannaviaes e a mandioca.

Item: em Japacê, duas leguas de terra em quadro, que ainda não rendem nem estão povoadas.

Item: outros pedaços de terra que houveram de esmolas que rendem pouco.

Item: em certa terra de um amigo nosso que nos faz esta esmola algumas cabeças de vacas e bois de sua criação de que comem por não achar-se à comprar.

Item: Além dos irmãos, cento e cincoenta pessoas de serviço, entre escravos e escravas de Guiné, e alguns Indios e Indias da terra, escravos e livres, e quasi todos vivem casados na fazenda que está junto da cidade em uma povoação com sua igreja, onde os Padres lhes ensinam a doutrina e dizem missa e d'alli se repartem e vêm à casa trabalhar nas obras e em outros varios officios.

Tem este collegio tanta gente por ser seminario, e nelle se criam os noviços, escolares, linguas, e estão os velhos, que ha muitos annos que trabalham, e quanto aos escravos são tantos porque muitos não fazem por um, e tambem são officiaes de varios officios, como pedreiros, carpinteiros, ferreiros, carreiros, boieiros e alfaiates, e é necessario comprar-lhes mulheres por não viverem em mau estado e para este effeito na roça têm a dita povoação com suas mulheres e filhos, as quaes tambem servem para plantar e fazer os mantimentos, lavar a roupa, annilar e serem costureiras, etc. Junto ao collegio temos cerca mui larga com muitas laranjas, limões, bananeiras e outras arvores de fructo, laranjal e hortaliça, e por ella se vão os nossos embarcar em nosso porto quando vão para fóra, porque quasi todo o serviço desta Bahia é por mar e a agua bate na parede da cerca.

As occupações dos nossos com os proximos são: uma lição de theologia que ouvem dous ou tres estudantes de fóra, outra de casos de consciencia que ouvem outros tantos e uma e outra alguns de casa, um curso de artes que ouvem dez de fóra e alguns de casa, escola de ler, escrever e contar que tem até setenta rapazes filhos dos Portuguezes, duas classes de humanidades, na primeira aprendem trinta e na segunda quinze escolares de fóra e alguns de casa.

Os estudantes nesta terra, além de serem poucos, tambem sabem pouco, por falta dos engenhos e não estudarem com cuidado, nem a terra o dá de si por ser relaxada, remissa e melancolica, e tudo se leva em festas, cantar e folgar. Porém,

por ser nesta terra, não se faz pouco fructo com elles e já ha alguns casuistas que são vigarios, e alguns artistas mestres nellas, e dous ou tres theologos prégadores que prégam na cathedral desta cidade e conegos da igreja-mór, e vigarios das parochias.

Prégam os nossos em nossas egrejas, na Sé e em outras parochias, confessam as tres partes da gente portugueza que são mais de dez mil pessoas, afóra as que vêm em armadas, que todo o anno se confessam com os nossos; são consultados em muitos casos de consciencia por ter a terra muitos tratos e mercadores; andam em continuas missões aos engenhos e fazendas dos Portuguezes a confessal-os, ensinar, baptisar e casar os seus escravos, acudir-lhes em suas necessidades espirituas, que são muitas e extremas, por não haver curas bastantes, e acontece estarem um e dous annos sem confissão nem missa, até que os nossos por alli vão. Estas missões são não sómente de grande edificação para todos, mas tambem de tanto fructo que quinze dias que por lá anda um Padre com um Irmão, faz de ordinario duzentos baptismos de escravos adultos e innocentes, de Guiné e da terra, e até cem casamentos, sacando-os do mau estado, dando-lhes conhecimento do Creador e cousas de sua salvação, além de muitas confissões e communhões que se fazem e de tudo se serve muito Sua Divina Magestade com grande consolo dos nossos e não pequena edificação de toda a terra.

Têm este collegio tres aldeias de Indios christãos livres a seu cargo, que terão duas mil e quinhentas pessoas, *scilicet*: Espirito Santo que dista sete leguas d'aqui, S. João que dista oito e Santo Antonio que dista quatorze; nellas residem de ordinario até oito dos nossos, dous ou quatro em cada uma.

Têm nellas suas casinhas, cobertas de palmas, bem accommodadas e egrejas capazes, onde ensinam aos Indios as cousas necessarias á sua salvação, lhe dizem missa e ensinam a doutrina christã duas vezes cada dia, e tambem em cada uma ensinam aos filhos dos Indios a ler, escrever, contar e fallar portuguez, que aprendem bem e fallam com graça, ajudar as missas, e desta maneira os fazem polidos e homens. Em uma dellas lhes ensinam a cantar e têm seu choro de canto e flautas para suas festas, e fazem suas danças á portugueza com tamboris e violas, com muita graça, como si fossem meninos portuguezes, e quando fazem estas danças põem uns diademas na cabeça de pennas de passaros de varias côres, e desta sorte fazem tambem os arcos e empennam e pintam o corpo, e assim pintados e mui galantes a seu modo fazem suas festas muito apraziveis, que dão contento e causam devoção por serem feitas por gente tão indomita e barbara, mas, pela bondade divina e diligencia dos nossos, feitos já homens politicos e christãos.

RESIDENCIAS DA BAHIA.

Ilhéos.

Tem o collegio da Bahia duas residencias: a primeira na capitania dos Ilhéos que é de um Francisco Giraldes, tem capitão que a governa, sujeito ao Governador da Bahia, da qual dista por mar 30 leguas, e 15 graus da Equinocial. Está situada em logar eminente sobre um rio caudal que quasi a cerca. E' de muito bom prospecto para o mar ao Oriente, tem muito perigosa barra cheia de baixios e recifes, e as naus grandes ficam uma legua antes de chegar ao porto; terá 150 visinhos de Portuguezes com seu vigario, seis engenhos de assucar a uma e duas leguas da villa. Tem gente honrada, mas vive em aperto por ser muito infestada de uns que chamam Guaimures, que são como selvagens e vivem nos desertos sem casas, como bichos, comem carne humana, e por esta razão não se estendem os Portuguezes alli pela terra dentro mais que meia ou uma legua; é terra abastada e de algum trato, por causa do assucar.

Aqui têm os nossos casa annexa á Bahia, onde residem de ordinario seis, tres Padres e tres Irmãos: vivem de esmola, ajudados do collegio da Bahia, no que toca ao vestido, calçado, vinho, azeite, vinagre e outras cousas que não ha na terra. Têm quatro camaras assobradadas e forradas, suas officinas accomodadas e egreja, ainda que pequena, bem accomodada de bons ornamentos. O sitio da casa é de bom prospecto para o mar, situada em logar eminente, tem sua cerquinha com algumas arvores de fructo.

Suas occupações com os proximos são: ensinar os meninos dos Portuguezes a ler e escrever, prègar em nossa egreja e matriz, confessar os Portuguezes, que serão quasi 1.000 pessoas, e os escravos e Indios que estão pelos engenhos e fazendas, e estão alli bem recebidos os nossos e fazem muito fructo.

Porto Seguro.

E' capitania e villa do Duque de Aveiro, dista da Bahia para o sul 60 leguas e da Equinocial 16 graus e meio, tem capitão que a governa sujeito ao governador da Bahia, é situada entre dous rios caudaes de grandes bosques e arvoredos, em logar eminente de bom prospecto para o mar ao Oriente, tem uma

planície muito ampla e chã que podera estar alli uma grande cidade, terá 50 visinhos de Portuguezes com seu vigario.

Antes desta villa quatro leguas, na costa do mar, está uma povoação de Portuguezes que se diz Santa Cruz, o primeiro porto que se descobriu nesta provincia; terá outros 50 visinhos com seu vigario. E' terra pobre por não ter engenhos de assucar, ainda que é fertil de farinha e algodão e criação de cavallo, porém vai-se cada dia despovoando, por estarem já as terras muito gastas e cansadas, e não se podem estender pela terra dentro por causa dos Guaimures.

Aqui temos casa em que vivem de ordinario seis dos nossos: tres Padres e tres Irmãos; vivem de esmolas ajudados da Bahia, como a casa dos Ilhéos. O sitio é amplo, de bom prospecto ao mar, tem quatro camaras terras forradas e officinas accommodadas. A igreja é pequena, bem acabada, ornada de bons ornamentos, tem sua cerca grande com muitas laranjas, coqueiros, limões e outros fructos.

Suas occupações com os proximos são: ensinar os rapazes a ler e escrever, prégar em nossa igreja e matriz, confessar os Portuguezes, ensinar e administrar os sacramentos aos escravos de Guiné e Indios da terra: têm a seu cargo duas aldeas de indios, umas cinco leguas da villa para o Sul, outras quatro para o Norte; não residem nellas, mas visitam-as a miúdo e tambem visitam outras mais longe, que são de christãos e pagãos, com muitos trabalhos e perigos por causa dos calores e das chuvas e rios caudalosos que passam, e por causa dos Guaimures. Não estão muito bem recebidos na terra por causa dos capitães e outros homens que não nos são muito benevolos, mas bem empregados, maxime em attender aos Indios, porque com os Portuguezes não se tira muito fructo.

ESPIRITO SANTO.

E' capitania e villa de Vasco Fernandes Coutinho, que reside nella e a rege, mas sujeito ao Governador da Bahia. Dista della 120 leguas e da Equinocial 20 graus; é porto de mar, situado em logar baixo e pouco aprazivel, cercado de um rio caudal e de grandes montes; terá mais de 150 visinhos de Portuguezes com seu vigario; é terra rica de assucar, tem seis engenhos, muitos gados, fertil de algodão, tem muito balsamo, que se tira de umas arvores grandes, e a gente é rica e honrada, e a terra frequentada de tres ou quatro navios que cada anno vão alli de Portugal.

Aqui temos uma casa onde residem de ordinario oito, cinco Padres e tres Irmãos. O sitio não é muito sadio nem aprazivel por estar em logar baixo; tem oito camaras assobradadas e

officinas bem acomodadas; a igreja é nova, mui capaz para a terra e bem ornada; tem tambem uma cerquilha com algumas arvores de fructo, como laranjas, limas doces, limões e outros fructos. Suas occupações são: pregar, confessar, ensinar os meninos a ler e escrever, exercitar os mais ministerios do nosso Instituto com os Portuguezes, escravos e Indios da terra, que são muitos e os mais domesticos da costa e alli são bem recebidos e fazem muito fructo. Têm, tres ou quatro leguas da villa, por um rio muito ameno a riba, uma aldeia de Indios da invocação de Nossa Senhora da Conceição, e outra a meia legua desta que se diz de S. João: nellas haverá cerca de 3.000 Indios christãos; na da Conceição residem de ordinario dous dos nossos, e a de S. João visitam quasi cada dia.

Além destas visitam outras seis aldeias mais longe que são de Indios christãos e pagãos, e terão até 1.500 almas, e com estas occupações estão bem empregados, são amados do povo como tenho dito.

E' o Espirito Santo a terra mais acomodada e aparelhada para a conversão que ha em toda a costa, por haver ainda muito gentio e não tão escandalizado dos Portuguezes. Vivem os desta casa de esmolos, ajudados do collegio do Rio de Janeiro, ao qual é annexa, no que toca ao vestir, calçar, vinho e azeite, e outras cousas que não se dão em esmola.

RIO DE JANEIRO.

O Rio de Janeiro é capitania de El-Rei, tem governador sujeito ao da Bahia. E' cidade intitulada de S. Sebastião, que fundou el-rei D. Sebastião, de boa memoria, que elle determinava fazer muito nobre por ser de seu nome e a primeira que havia fundado. Dista do Espirito Santo 60 leguas e da Bahia 180, e da Equinocial 23 graus e meio no Tropico austral.

E' porto de mar, a cidade não mui bem assentada em um monte, mas de mui bom prospecto ao mar, tem uma bahia mui formosa e ampla, cheia pelo meio de muitas ilhas, não tão grandes como apraziveis, e é a mais airosa e amena bahia que ha em todo o Brasil, tem em circuito mais de 20 leguas e o porto é tão fundo que as naus mui grandes estão com a prôa em terra em 14 braças.

Tem uma fortaleza cheia de muito boa artilharia, com outros tres ou quatro fortes que a fazem muito defensavel; terá 150 visinhos de Portuguezes e tem seu vigario com outro coadjutor sómente, e aqui reside de ordinario o Administrador, que é como o bispo.

E' terra de grandes e altissimos montes e penedias, e ao entrar da barra tem uma pedra mui larga ao modo de um pão de assucar e assim se chama, e de mais de 100 braças em alto, que é cousa admiravel. Destas terras descem muitos rios caudaes que se vêem despenhar e correr ao mar de duas e tres leguas, e por estar debaixo do Tropico tem calores e frios quasi tão rijos como em Portugal. O inverno é mui aprazivel e como primavera na Europa, no verão chove muito e quasi cada dia; é terra rica, abastada de gados e farinhas e outros mantimentos, tem tres engenhos de assucar; achou-se agora nella noz moscada e pau d'aquila, não tão fino como o da India Oriental, mas de mui suave olor e em tanta quantidade que fazem os navios delle; é abundante de cedros e arvores de sandalos brancos mui finos; dão-se nella uvas, trigo e outras cousas de Portugal; de pescado é mui abundante e o clima é muito saudavel.

Aqui temos collegio, está bem situado em logar eminente, de bom prospecto ao mar, tem feito um quarto do edificio e parte do outro; os cubiculos que estão feitos são 10 a 12 assobradados e forrados de madeira de cedro, a igreja é pequena e velha, e as officinas, ainda que estão bem accommodadas, são mui velhas. Sempre se faz algo no edificio, ainda que devagar por não haver tanta commodidade de cal e officiaes, e por não se pagarem 166 ducados que El-Rei D. Sebastião lhe deu de esmola para as obras. Tem junto ao collegio cerca muito grande com um tanque e fonte de agua salobra; nella têm uma vinha como em Portugal, e outras arvores de laranjas, limas, limões, bananeiras e de outros fructos, é mui amena e de grande recreação; defronte do collegio está uma ilhota que serve de recreação nos assuetos, vão a ella por mar e está do collegio um quarto de meia legua 5).

Meia legua da cidade tem duas leguas de terra em quadro das melhores da terra; nella se fazem mantimentos e roçaria e residem os escravos e Indios da casa que são mais de 100, de Guiné e indios da terra com suas mulheres e filhos, e uma igreja em que lhes ensinam a doutrina christã, e destes a maior parte grangeiam aquella fazenda e outra que têm a sete leguas da cidade, que é muito maior e mais fertil, de tres leguas em largo e quatro para o sertão, e outros são carpinteiros, carreiros, etc. 6).

5) Provavelmente a ilha das Cobras, então chamada da Madeira (G. Soares, *Tratado*, pag. 84), vendida mais tarde aos Benedictinos em 1589.

6) A terra a meia legua da cidade p'de ser o Engenho Velho: a que fica a sete leguas com certeza não é Santa Cruz, em que os Jesuias só entraram em 1596. Em 1578 possuíam elles terras no rio Macacú.

Vivem dos nossos neste collegio de ordinario 24 : 10 Padres e os demais Irmãos. Tem de renda 2.500 cruzados que lhe dotou el-rei D. Sebastião para 50, e os dois mil se pagam na Bahia ainda que mal e tarde, e os quinhentos na capitania do Espirito Santo, e com esta renda e com a roçaria que hei dito, e com algumas cabeças de bois e vaccas que têm de sua criação, se sustentam muito bem e aos escravos que tem, e ajudam as residencias ao collegio annexas.

As occupações dos nossos com os proximos são : uma lição de casos de consciencia que ouvem de ordinario um ou dous estudantes de fôra e às vezes nenhum, mas sempre se lê aos de casa ; uma classe de grammatica aonde estudam 10 ou 12 meninos e alguns de casa, escola de ler e escrever que tem cerca de 30 meninos, filhos de Portuguezes.

Item : pregam e confessam e, como ha poucos clerigos, os nossos confessam a maior parte dos Portuguezes, e estão alli bemquistos e fazem fructo.

Além disso têm a seu cargo duas aldeias de Indios christãos : a primeira se diz S. Lourenço que está uma legua da cidade de frente do collegio, vai-se a ella por mar e nella residem de continuo tres dos nossos, e todos são Padres ; a outra é de S. Barnabé, dista da cidade sete leguas e por mar : esta visitam a miudo e entre ambas terão quasi 3.000 Indios 7).

S. VICENTE.

E' capitania de um Martim Affonso de Sousa ; tem quatro villas e capitão que a rege sujeito ao da Bahia ; a primeira e mais antiga, e que foi fundada primeiro que todas as cidades e villas desta provincia, se diz Nossa Senhora da Assumpção e toma o nome commum de toda a capitania, que é S. Vicente ; dista do Rio 40 leguas, da Bahia 220 e da Equinocial 24 graus menos alguns minutos, e do Rio de Janeiro corre a costa até S. Vicente de Leste a Oeste, e por isso ainda não cresce meio grau nas 40 leguas que dista do Rio.

V. Norberto, *Aldeias de Indios do Rio de Janeiro*, Rev. do Inst., XVII (1854), pag. 346. Talvez sejam estas.

7) O logar onde foi aldeia de S. Lourenço ainda conserva este nome e fica junto a Nyterôï ; a de S. Barnabé, fundada primeiro no Cabuçú, foi depois transferida para as vizinhanças do rio Macacú, proximo á capella de Itamby ; expulsos os Jesuitas, foi em 1773 elevada á villa pelo Marquez de Lavradio com o nome de Villa Nova de S. José d'El-Rei ; rebaixada a villa em 1834 pela assembléa provincial, faz hoje parte do municipio de Itaborahy (Norberto, op. c., p. 172/178).

E' situada em uma ilha que terá seis milhas em largo e nove em circuito; antigamente era porto de mar e nelle entrou Martim Affonso de Sousa a primeira vez com sua frota, mas depois com a corrente das aguas e terra do monte se tem fechado o canal, nem podem chegar as embarcações por causa dos baixos e arrecifes; terá 50 fogos de Portuguezes com seu vigario, e por estarem as terras gastas e não ter porto se vai despovoando pouco a pouco.

Nesta mesma ilha está outra villa que se diz Santos e é porto de mar, aonde entram as naus ainda grandes, tem 100 visinhos com seu vigario e para ella se vêm muitos dos moradores de S. Vicente, por ser mais rica e abastada e mais accommodada por causa do porto que tem para os seus tratos e ganancias. Ao entrar da barra, em um monte alto de outra ilha chamada Guaibe, em certa ponta fez agora o general de Sua Magestade uma fortaleza e lhe deixou 100 soldados de guarnição com seu capitão e alcaide, e d'ahi a quatro leguas para o Norte, na outra ponta desta mesma ilha de Guaibe, está uma fortaleza e em frente desta está outra situada na terra firme, muito mais forte e formosa, e ambas fundaram os moradores, com ajuda de El-Rei de Portugal, para defender-se dos Francezes e Inglezes e dos Indios naturaes, que punham em aperto aquella terra, principalmente a Santos, porque navegando pelo rio da Bertioiga lhes tomavam os filhos e mulheres com muita crueldade.

Caminhando pela praia para o Sudoeste, 10 leguas de S. Vicente está uma villeta chamada Itanhaen: terá 30 visinhos de brancos, não tem vigario.

Todas estas tres villas são pobres, de poucos mantimentos e gado, porém abundantes em assucar. Em todas ellas ha quatro engenhos de assucar, que é a mercadoria da terra.

Em S. Vicente temos casa, mas ha licença do padre Everardo, de boa memoria, para mudar-se para a villa de Santos que está, como tenho dito, seis milhas de S. Vicente, e agora o padre visitador Christovão de Gouvêa a poz em execução a pedido dos moradores, para o que logo deram o sitio e a cadeia publica em uma parte de bom prospecto junto ao mar, e ja se começa o edificio, para o qual dão suas esmolas e ajudas, com grande desejo de ter alli os nossos.

Residem de ordinario em S. Vicente sete dos nossos: cinco Padres e dous Irmãos. Suas occupações são ensinar os meninos a ler e escrever, pregam, confessam os Portuguezes e Indios; estão alli benevolos e fazem fructo, e, como não ha mais que um vigario, têm a maior parte do trabalho. Além disso visitam e vão em missão a Santos e a Itanhaen, aonde por não ter vigario lhes administram quasi todos os sacramentos. Visitam e confessam os soldados da guarnição do forte de Sua Magestade, visitam algumas das aldeias de Indios e pagãos que estão 10 e

12 leguas da villa. Estes Padres se sustentam de esmolas com não pequeno trabalho por a terra ser pobre, e são ajudados do collegio do Rio.

PIRATININGA.

A quarta villa da capitania de S. Vicente é Piratininga, que está 10 ou 12 leguas pelo sertão e terra a dentro. Vão lá por umas serras tão altas que difficulosamente podem subir nenhuns animaes, e os homens sobem com trabalho e às vezes de gatinhas por não despenharem-se e por ser o caminho tão mau e ter tão ruim serventia padecem os moradores e os nossos grande trabalho. E' intitulada villa de S. Paulo, situada junto a um rio caudal; terá 120 fogos de Portuguezes; não tem cura nem ha outros sacerdotes sinão os nossos, nem os Portuguezes os querem aceitar; é terra de grandes campos, fertilissima de muitos pastos e gados, de bois, porcos, cavallo, etc., e abastada de muitos mantimentos. Nellas se dão uvas e fazem vinho, marmellos em grande quantidade e se fazem muitas marmelladas, romãs e outras arvores de fructo da terra de Portugal.

Item: se dão rosas, cravinas, lyrios brancos. E' terra muito saudavel e aonde vivem os homens muito, maxime os velhos.

Aqui residem seis dos nossos: Padres quatro e dous Irmãos: têm uma casa com oito camaras de sobrado forradas e suas officinas bem accomodadas. Todo o edificio é novo, feito de taipa, a egreja não é muito grande. Tem cerca cheia de fructos da terra e marmellos, rosas, cravinas, etc., e no claustro um poço de boa agua.

Suas occupações são: confessar e pregar, ensinar os meninos a ler e escrever, e são como curas dos Portuguezes e lhes administram todos os sacramentos, são mui amados de todos e comp pais daquella gente. Têm duas aldeias de Indios a seu cargo: uma intitulada da Conceição de Nossa Senhora dos Pinheiros, que dista uma legua da villa, e a outra intitulada de S. Miguel, que dista duas leguas. Entre ambas terão 1.000 pessoas, e ha nesta terra muito bom apparelho para a conversão por haver ainda grande numero de gentio não muito longe.

Os nossos se sustentam de esmolas muito bem por a terra ser abastada, excepto que o vestido, vinho, azeite e farinha para hostias lhes dá o collegio do Rio.

CLIMA.

O clima desta provincia do Brasil é geralmente muito temperado, de bons e delicados ares e mui sadios, aonde os homens vivem muito, até oitenta, noventa e mais annos, e a terra está

cheia de velhos. Não tem frios nem calores grandes, os ceos são mui puros, maxime à noite; a lua é mui prejudicial à saúde e corrompe muito as cousas, as manhãs são salutíferas, tem pouco de crepusculo porque em amanhecendo logo sae o sol e em pondo-se anoitece.

O inverno começa cá em Março e acaba em Agosto; o verão começa em Setembro e acaba pelo fim de Fevereiro, e por isto o Advento, e o Natal são em summo estio. Das férias gozam os estudantes em Dezembro e Janeiro. Os estudos começam em 4 de Fevereiro.

Os dias e noites são todo o anno quasi iguaes. Chove muito no inverno com grande serenidade, sem tempestade nem torvelinhos e é tanta a chuva que parece *rumpuntur cataractae caeli et fontes abyssi*, porém não faz frio. O verão é algo quente, mas temperado e não ha mez em que não chova muitas vezes; todo o anno trazem os homens pouca roupa.

E' terra desleixada e remissa e algo melancolica e por esta causa os escravos e os Indios trabalham pouco e os Portuguezes quasi nada e tudo se leva em festas, convívios e cantares, etc., e uns e outros são mui dados a vinhos e facilmente se tomam delle e os Portuguezes não o têm por affronta e deshonra e os convívios que se dão nesta terra, além de serem muitos e ordinarios, são de grande custo e nelles se fazem muitos excessos de comeres exquisitos, etc.

E' terra humida, prejudicial à vista e às feridas das pernas e não ficam bons dellas tão cedo, maxime se lhes chega o rocio da manhã. Para as cabeças é mui salutifera, e por mais feridas que uma pessoa tenha na cabeça logo fica sã.

Algumas terras são mais saudaveis que outras. Na Bahia se criam mal os meninos e morrem muitos, mas os que chegam à idade perfeita vivem muito, mas não sem doenças por não ser tão sadia como as demais capitánias.

Os nossos Padres e Irmãos de ordinario têm saúde, nem deitam de ordinario sangue pela bocca, nem tem catarros, dor de pedra, colica, dor de cabeça e de peitos, nem outras enfermidades que tem muitos dos nossos em Portugal, e si alguns as tem é de muitos trabalhos que hão passado ou muita velhice; de quentura são as vezes enfermos, maxime na Bahia.

No verão se levantam os nossos às quatro e se deitam aos tres quartos para as nove, e no inverno só levantam às cinco e deitam-se aos tres quartos para as 10. Comem o jantar no verão às 10 e ceia às seis; e no inverno jantam às 11 e ceiam às 7 da noite.

COUSAS QUE PERTENCEM AD VESTITUM.

As casas nesta terra algumas são de pedra e cal cobertas de telha, mas as communs são de taipa cobertas de palma e deervas e cascas de paus.

Para vestir ha muito algodão que se encontra em umas arvores frescas como sabugueiros e todos os annos dão uns folhelhos ou capuchos cheios de algodão. As mais cousas de vestir vem da Europa, isto é, velludos, razes, damascos, tafetás, pannos finos e baixos de toda sorte, hollandas e lenços de linho.

Os homens e mulheres portuguezes, nesta terra se vestem limpamente de todas as sedas, velludos, damascos, razes e mais pannos finos como em Portugal, e nisto se tratam com fausto, maximé as mulheres, que vestem muitas sedas e joias e creio que levam nisto vantagem, por não serem tão nobres, ás de Portugal e todos, assim homens como mulheres, como aqui vêm, se fazem senhores e reis por terem muitos escravos e fazendas de assucar por onde reina o ocio e lascivia e o vicio de murmuração geralmente.

Os Indios da terra de ordinario andam nus e quando muito vestem alguma roupa de algodão ou de panno baixo e nisto usam de primores a seu modo, porque um dia saem com gorro, carapuça ou chapéu na cabeça e o mais nú; outro dia com seus sapatos ou botas e o mais nú, outras vezes trazem uma roupa curta até á cintura sem mais outra cousa. Quando casam vão ás bodas vestidos e á tarde se vão passeiar somente com o gorro na cabeça sem outra roupa e lhes parece que vão assim mui galantes.

As mulheres trazem suas camisas de algodão soltas até o calcanhar sem outra roupa e os cabellos soltos e quando muito entrançados com uma trançadeira de fita de seda ou de algodão; mas homens e mulheres de ordinario andam nus e sempre descalços.

Os nossos Padres e Irmãos vestem e calçam propriamente como em Portugal dos mesmos pannos que lá, mas faltam-lhes muitas vezes, mas não se amofinam, porque a terra não pede muita roupa e quanto mais leve e velha tanto é melhor e folgam com ella; e o andarem descalços é uso da terra e não lhes dá tanta pena e trabalho como se fóra na Europa e desta maneira o fazem tambem os mui ricos e honrados da terra.

O QUE PERTENCE AD VICTUM.

O pão commum desta terra é de raizes de mandioca. A mandioca é como arvore, cresce com os seus ramos e folhas à altura de 10 a 12 palmos. Para se plantar cortam grandes arvoredos e depois lhes poem fogo e plantam uns paus dos ramos de comprimento de um palmo; em seis ou nove mezes deitam mui grandes raizes, as quaes deitam de molho até ficarem podres e as expremem e fazem farinha que fica como cuscús de farinha de trigo. Tambem cruas se ralam e expremem-se e fazem-se uns beijús que são como obreias do tamanho de um prato mas mui alvo: é mantimento de pouca sustancia, insipido, mas são e delicado.

Esta mandioca tem algumas cousas notaveis: os homens que a comem crua ou bebem sua agua arrebantam e morrem; os animaes que a comem crua engordam com ella e é ordinario mantimento dos cavallos, porcos e outros animaes. Os animaes que bebem a agua que della se expreme morrem logo. Si se põe ao fumo depois de podre, fica tão saudavel que bebida, em agua ou vinho, é remedio presentissimo contra a peçonha e fazem-se della certos calditos como de amido ou tisana de cev da até para os doentes e são, mas é cousa muito mais delicada e proveitosa para o peito e febres. Tambem se faz outro genero de farinha que chamam de guerra para as armadas e gente de serviço e dura muito tempo.

Estas raizes de mandioca estão quatro, cinco ou seis annos dentro da terra e não são necessarios celeiros, como para o trigo, porque não tem mais que tirar da terra cada dia e comer-se a farinha e beijús frescos.

Tambem se faz farinha de outras raizes que chamam aipim; são como as de mandioca propriamente, mas não matam e tambem se comem assadas. Seu sabor é como de castanhas.

Ha outras raizes como batatas, carà, mangará. Estas se comem assadas e cozidas, são de bom gosto, servem de pão a quem não tem outro. Parece que não são estas raizes das que comiam os Santos Anacoretas no deserto, pois são tão boas e de tão boa substancia que sustentam sem milagre.

Alguns ricos comem pão de farinha de trigo de Portugal, maximé em Pernambuco e Bahia, e de Portugal tambem lhes vem vinho, azeite, vinagre, azeitonas, queijo, conserva e outras cousas de comer.

Tem esta terra muitas e boas aguas e sadias. Para os enfermos não faltam regalos que se fazem de assucar, que ha muito, e assim fazem laranjada, cidrada, aboboradas e tallos de alface e outras conservas. Em Piratininga se faz muita carne de marmello ou cotonatã (?) e assucar rosado alexandrino.

Os nossos comem da farinha da terra e dos vinhos e azeites de Portugal, que de lá lhes vem quando lhes vem, porque muitas vezes faltam estas cousas.

CARNES.

Ha nesta terra abundancia de gados, como bois, porcos, galinhas, perús, patos, e carneiros e cabras, ainda que não muitos, porque começam agora e tudo isto veiu do Reino. Da terra não faltam porcos montezez, os quaes tem o umbigo nas costas, antas que são como vaccas bravas, gallinhas montezez, rolas, faisões, avestruzes, garças, aguias, coelhos e perdizes em muitas partes e outras muitas caças em abundancia, etc., e ainda que isto de ordinario não se ache para comprar, todavia não falta na terra.

Os nossos comem de ordinario vacca, que é tenra e sadia, ainda que não muito gorda, por não ser a terra fertil de pastos. Os doentes comem gallinha e carne de porco, que nesta terra todo o anno é melhor que gallinha em saudavel e gosto; porém os que são mais fracos e velhos padecem algo, porque gallinhas e porcos não os ha para tantos e a vacca lhes faz mal.

PESCADOS.

Como estas capitánias todas sejam portos de mar, ha abundancia de pescado, tão bom e são que se come sobre tudo e sobre leite, e ás vezes sem azeite nem vinagre e dá-se aos enfermos de febre como gallinha ou outras aves. Entre estes pescados ha muitos peixes de preço e reaes, como baleias, tantas e tão grandes que é para ver. Aqui na Bahia das janellas dos cubiculos as vemos andar saltando e por toda a costa ha muitas.

Nos rios caudaes que entram no mar ha peixes-bois que têm de peso 20 e 30 arrobas. Dentro do cerebro destes se acha uma pedra mui medicinal para quem tem dôr de pedra e a carne é de preço, cosinha-se com couves e sabe á carne de vacca; si com especiaria, sabe a carneiro e tambem a porco e faz-se chacina muito boa. Outros que chamam meros são tão grandes que alguns têm sete quintaes de peso.

Ha muitas tartarugas, que são como lagados, Tomou-se uma os dias passados que 20 homens não a podiam volver. Nestes rios ha porcos d'agua quasi da mesma maneira que os da terra. Junto à Bahia tres leguas, está um lago que tem cães marinhos e está um bom pedaço longe do mar em logar mui eminente, é de agua

doce, mas enche e vasa com o mar Oceano. Além disto, ha muitos mariscos em toda a costa, como lagostins, ostras, carangueijos, breguiões, camarões, que são alguns de um palmo, e as ostras são em tanta quantidade que se acham ilhas cheias das cascas e faz cal para os edificios que é tão boa como a de pedra.

Aos nossos de ordinario não falta pescado fresco e secco, ainda que o secco não seja tão bom nem de tanta sustancia como o secco de Portugal; mas o fresco é muito mais leve e são e se dá aos doentes de febre, porém tudo vale caro, por falta de redes e pescadores.

FRUCTOS.

Nesta terra se dão bem arvores de espinho, que vieram de Portugal, como laranjeiras, cidreiras, limoeiros, limeiras e todo o anno têm fructos e bons sem ser regados; porque o céu tem este cuidado e é a terra tão fértil destas arvores que se dão pelos montes e campos sem beneficio que se lhes faça.

Da terra ha muitos fructos e alguns de preço e que não dão vantagem ás peras melacotores de Portugal, *scilicet*: mangabas, que são como albicorques amarellas, não têm caroço sinão umas pevides pequenas e são de bom gosto e mui sadias; mocujês, que são como peros bravos de Portugal, mas de grande gosto e preço e ao comer se sorvem como sorvas; acajús, que são como peros repinaldos e dão uma castanha no olho, melhor que as de Portugal; araticús, a arvore é como limoeiro, o fructo como pinha; naná, dão-se em uns como cardos e as folhas como herva babosa, o fructo é à moda de pinha, ainda que maior, dão-se todo o anno, é fructo de muito preço e real, sabem e cheiram a melões, mas são melhores e muito mais odoríferos e têm muito summo, são bons para quem tem dor de pedra: o vinho que os Indios fazem delle é muito forte e se toma a miudo delle; com as cascas se limpam as manchas de azeite e quando se os cortam fica a faca limpa e asseada.

Estes fructos dão nas hortas e pelos campos e bosques em grande abundancia e delles se fazem conservas, como laranjada, cidradas, limões, naná em conserva e outros, e cruas não faltam aos nossos para antepasto.

LEGUMES.

Da terra ha poucos legumes, mas de Portugal ha muitos, *scilicet*, couves, rabãos, alfaces, pepinos, aboboras, gravaços, lentilhas, perexil e herva boa e outros muitos e em Pernambuco e Rio de Janeiro muitos melões e da terra e Guiné ha muitas

aboboras e favas, que são melhores que as de Portugal e são tão sans como ervilhas, feijões e outros legumes, e todo o anno não faltam de ordinario aos nossos e muitos delles têm em suas roças.

BOSQUES.

Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosque e não se vê em todo o anno arvore nem herva secca. Os arvoredos se vão ás nuvens de admiravel altura e grossura e variedade de especies. Muitos dão bons fructos e o que lhes dá graça é que ha nelles muitos passarinhos de grande formosura e variedade e em seu canto não dão vantagem aos rouxinoes, pintasilgos, colorinos e canarios de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar ao Senhor, e os bosques são tão frescos que os lindos e artificiaes de Portugal ficam muito abaixo. Ha muitas arvores de cedro, aquila, sandalos e outros paus de bom olor e varias côres e tantas differenças de folhas e flores que para a vista é grande recreação e pela muita variedade não se cansa de ver.

BICHOS.

Ha nesta terra innumeraveis bichos e serpentes e muitos delles tão peçonhentos que mettem espanto, *scilicet* : cobras de muitas castas, umas tão grandes que tragam um homem ou veado inteiro, como por vezes se ha achado nellas, e outras tão ferozes que em vendo uma pessoa se atiram a ella para tragal-a e destas são muitas e de muitas castas. Outras que chamam jararacas, mais pequenas, tem um dentinho na bocca, óco por dentro, cheio de peçonha ; si morde em alguma pessoa, morre-se em 24 horas, e antes, si não lhe acodem com remedios, e destas ha tantas que estão pelas casas e cahem dos telhados sobre as camas, e quando os homens despertam se acham com ellas enroscadas no pescoco e nas pernas e quando se vão a calçar pela manhã as acham nas botas.

Ha outras que têm na cauda um cascavel que tange e tambem são venenosas, e algumas destas jararacas têm no ventre trinta a quarenta cobras que parem.

Ha muitos sevandijas como lagartos, assim da terra como d'agua ; os da agua são tão grandes que matam um homem e o comem. Ha muitas lagartixas, em tamanha quantidade que andam pelos buracos das casas, innumeraveis como pardaes em Portugal. Nas florestas ha muitas onças de grand ferocidade

e também uns animalejos que chamam tatús; parecem-se com leitões e por de cima são cheios de umas conchas como cavallos armados e furam tanto pela terra que muitos homens a cavar não os podem tomar e si lhes deitam agua na cova, logo os tomam e não podem mais cavar. Ha muitos monos e micos de muitas castas.

Outros animaes que chamam quatis parecem-se com rapozas, mas fazem tanta festa e brincam como uns gatinhos ou cachorrinhos e tudo revolvem e furtam quanto acham e são muito travessos que não ha viver com elles, e são de estima por estas e outras habilidades que têm.

Ha outros que chamam preguiça do Brasil e são muito nomeados por ser animal muito para ver; parecem-se com cães felpudos como os perdigueiros que ha em Portugal; são muito feios e a cara parece de mulher velha mal toucada, as mãos e pés curtos, têm grandes unhas e nellas andam com o peito pelo chão e com os filhos abraçados na barriga e andam tão de vagar e com tanta preguiça que parece não moverem-se e é necessario muito tempo para subir em uma arvore. Seu principal alimento são certas folhas de figueiras e, como não as têm e pela grande melancolia natural, vivem mui pouco tempo em casa depois que as tomam.

Finalmente este clima parece influir peçonha nos animaes e serpentes e assim cria muitos immundos, como ratões, morcegos, aranhas muito peçonhosas.

As formigas que tem esta terra não se pôde dizer, são innumeraveis e innumeras as castas e suas especies; são destruição desta terra, porque não ha viver com ellas. Minam as casas, as egrejas, as camaras pelas paredes até o telhado. Toda a noite andam os lavradores com uns fochos de fogo á caça das formigas porque, si as deixam, em uma noite não fica folha nos roçados de mandioca e nas parras, laranjas, limões, e hortaliças de Portugal e nestas cousas acham tanto gosto que não ha defender-lhes estas arvores e em uma noite tragam toda uma parra ou laranjeira e por esta causa não ha nesta terra vinhas e outros frutos de Portugal em abundancia e os que ha, principalmente na Bahia, é com muito trabalho e com ter-lhes sempre agua ao pé e outros defensivos. Finalmente nos roçados de mandioca lhes dão os lavradores de comer, e nisto se occupam muitas pessoas e o têm por mais barato que deixal-as comer e destruir as fazendas. Em algumas capitánias são menos as formigas e não fazem tanto damno.

INDIOS.

Os Indios desta provincia são innumeraveis [pela terra a dentro, de varias nações e costumes e linguagem e muitos

delles são como selvagens e não se lhes pôde entender sua lingua e ha pouco remedio para sua salvação, excepto alguns innocentes ou adultos que se baptisam *in extremis* e se vão para o ceu.

Os mais politicos entre elles são os Tupinambás, senhores da Bahia, e Tupinaquins e outros que se convertem, que d'antes viviam pela costa do mar e ainda todos estes são gente de mui pouca capacidade natural, si bem que para sua salvação têm juizo bastante e não são tão boçaes e rudes como por lá se imagina.

Não têm escripta, nem caracteres, nem sabem contar, nem têm dinheiro; *commutatione rerum* compram uns aos outros; sua lingua é delicada, copiosa e elegante, tem muitas composições e sincopas mais que os Gregos, os nomes são todos indeclinaveis, e os verbos têm suas conjugações e tempos. Na pronunciação são subtis, fallam baixo que parece que não se entendem e tudo ouvem e penetram; em sua pronunciação não põem F, L, Z, S e RR, nem põem muta com liquida, como Bra, Craze.

Fazem muito caso entre si, como os Romanos, de bons linguas e lhes chamam senhores da falla e um bom lingua acaba com elles quanto quer e lhes fazem nas guerras que matem ou não matem e que vão a uma parte ou á outra, e é senhor de vida e morte e ouvem-no toda uma noite e ás vezes tambem o dia sem dormir nem comer e para experimentar si é bom lingua e eloquente, se põem muitos com elle toda uma noite para o vencer e cansar, e si não o fazem, o têm por grande homem e lingua.

Por isso ha pregadores entre elles muito estimados que os exhortam a guerrear, matar homens e fazer outras façanhas desta sorte.

São como vermelhos de côr, de mediana estatura, a cara e os mais membros mui bem proporcionados; o cabello é corredio de homens e mulheres, são grandes pescadores e como peixes no mar e vão ao fundo e estão lá de espaço até trazerem o que buscam.

Nos campos e florestas andam e rompem como bichos; são guerreiros e grandes frecheiros; basta ver um olho só descoberto a um homem para lhe pregar; são tão dextros que não lhes escapa passarinho que não matem, e á frechadas matam o peixe na agua; andam nus, são dados a vinhos que fazem á seu modo, são algo melancolicos e si querem morrer com apprehender sómente a morte na imaginação ou com comer terra; ou lhe digam que se hão de morrer ou lhe ponham medo si morrem brevissimamente.

De dia e de noite fazem seus comeres, cantares e festas até a manhã, andam muitos dias sem comer si não o têm, mas quando o têm não descansam sem acabal-o *et vivunt in diem*, não guardando as cousas para o outro, casam sem dote e ás vezes servem aos pais por casar com as filhas, como fez Jacob a Labão, amam muito os filhos, mas não procuram deixar-lhes heranças,

dormem em redes de fio de algodão no ar, por causa das cobras, têm grande candura natural e com andar nús *non verecundant*, parece que representam o estado de innocencia.

Não têm juramentos nem idolos, alguns feiticeiros ha entre elles a que chamam Pagé. A estes, para alcançar saude, se dão a chupar e consentem que lhes façam outras ceremonias, mas não acreditam nelles. Não são demandões, mas bemfazejos e caritativos; todos os que lhes entram em casa comem com elles sem lhes dizer nada.

Não casam de ordinario até que tomem ou matem algum homem e, si o matam, tomam por insignia *sarjar-se* o corpo por tal modo e artificio que ficam muito galantes e pintados e nisto têm grande primor. Vivem muitos juntos em umas casas mui grandes de palma que chamam ócas e com tanta paz que põem espanto, e com terem as casas sem portas e suas cousas sem chave por nenhum modo furtam uns aos outros.

E têm outras cousas e costumes mui notaveis que por brevidade deixo.

CONVERSÃO.

A conversão nestas partes floresceu já muito, porque sómente na Bahia havia mais de 40 mil christãos e agora não haverá 10 mil, porque têm morrido de varias enfermidades e não se fazem tantos de novo, porque têm fugido pela terra a dentro por causa dos aggravos que recebiam dos Portuguezes, que os captivavam, ferravam, vendiam, apartando-os de suas mulheres e filhos com outras injurias que elles sentem muito e agora não se acham d'aqui duzentas e trezentas leguas pelo sertão a dentro, que é grande detrimento para a sua salvação e augmento de nossa Santa Fé, nem terá isto remedio si não vier a lei que pedimos a Sua Magestade que não sejam captivos, nem os possa ninguem ferrar, nem vender.

Em todo o Brasil poderão ser baptisados, desde que os Padres vieram á elle, mais de 100 mil pessoas e destes haverá até 20 mil. Depois de christãos têm algumas cousas notaveis e a primeira é que são *tanquam tabula rasa* para imprimir-se-lhes todo o bem, nem ha difficuldade em tirar-lhes rito nem adoração de idolos porque não os têm e os costumes depravados de matar homens e comel-os, ter muitas mulheres e embriagar-se de ordinario com os vinhos e outros semelhantes, deixam-nos com facilidade e ficam mui sujeitos a nossos Padres como si fossem religiosos e lhes têm amor e respeito e não movem pé nem mão sem elles; comprehendem muito bem a doutrina christã e os mysterios de nossa Fé, o catechismo e apparelho para a confissão e communhão e sabem estas cousas tão bem ou melhor que muitos Portuguezes.

Vivem nas aldeias de que os nossos têm cargo, como em communidade, em umas casas mui grandes, com um principal de sua nação a que obedecem em algumas cousas, e com viverem juntas nestas casas cento e duzentas pessoas, maridos, mulheres e filhos, não ha entre elles todo o anno queixas nem falsidades e com andarem nús não ha homem que ponha o olho em mulher alheia. São mui modestos de seu natural e andam mui direitos e pelos caminhos sempre vão em fileiras, a mulher diante do marido, e andam á grande pressa. São devotos e os que communham derramam muitas lagrimas quando o fazem, e nisto da communhão ha algumas particularidades edificantes, porque, si acerta alguma pessoa dizer-lhes que tomem vingança de outro, respondem: Sou da communhão, não tenho de fazer isto, e antes da communhão se disciplinam os homens e jejuam as mulheres um ou dous dias por sua devoção. Têm certo modo de chorar quando chega algum parente seu de fóra e é que a parenta se lança a seus pés e as mãos postas nelle ou os braços no pescoço do parente, chora em voz alta, de maneira que parece que lhe morreu o marido ou filho, e isto fazem de contentamento por festa e regalo.

Acabado o pranto, limpa logo as lagrimas e se põe muito alegre a fallar, comer e beber como si não houvera chorado.

Ouvem missa cada dia sem fallar, com modestia e devoção, e ora de joelhos, ora de pé, com as mãos sempre estendidas para o ceu e são tão affeiçoados á egreja e culto divino que estariam ali todo o dia.

Os Padres lhes pregam nas festas principaes e lhes ensinam a doutrina christã duas vezes ao dia, pela manhã acabada a missa em portuguez, e em sua lingua, e á tarde, acabados seus serviços, o dialogo da fé e apparelho da communhão e confissão, e todos, solteiros e casados, mulheres e meninos, respondem ás perguntas com grande candura. Os filhos dos Indios apprendem com os nossos Padres a ler e escrever, contar, cantar e fallar portuguez e tudo tomam muito bem.

Por Agosto passado 8) enviei a Vossa Paternidade outra informação mais breve das casas e collegios desta provincia, com

8) No Catalogo dos Mss. de Evora esta carta vem como datada de 1583. Esta data é, porém, falsa, porque Anchieta refere-se á mudança do collegio de S. Vicente para Santos, por ordem do padre Christovam de Gouvêa, mudança que só se effectuou em Março de 1585,

o numero dos Padres e Irmãos que vivem nella, mas, por não ser tão larga, me pareceu enviar agora esta com alguma noticia das cousas da terra, para que Vossa Paternidade tenha tudo presente e com maior luz e claridade entenda as cousas desta sua provincia, á qual pedimos deite de lá sua santa benção, tendo juntamente memoria em seus santos sacrificios destes seus indignos filhos, para que assim animados e consolados de Vossa Paternidade cheguemos á perfeição de nosso Instituto, á maior gloria da Divina Bondade e augmento de sua Santa Fé nestas partes.

Da Bahia de Todos os Santos o ultimo de Dezembro de 1585.

como o attesta Cardim, que esteve presente. (*Narrativa epistolar*, Lisboa, 1847, pag. 108).

Aproveito a occasião para rectificar um erro que têm commettido muitos biographos, dizendo que Anchieta foi Provincial do Brasil só até 1584. Em fins de 1585 dá-lhe ainda este titulo o padre Fernão Cardim. Além disso, o padre Marçal Beliarte, nomeado para substituí-lo, só chegou á Bahia, onde tomou posse do logar, a 20 de Janeiro de 1588 (*Narrativa epistolar*, pag. 114.)

Comparando a presente *Informação* com a de Fernão Cardim, notam-se muitas semelhanças nas descripções e é natural que se procure nella uma das fontes da *Narrativa epistolar*. Tal conclusão tem, porém, contra si o facto que a primeira carta de Cardim é anterior á presente *Informação*, pois que é datada de 16 de Outubro de 1585. D'ahi podem tirar-se duas consequencias, ambas plausiveis: ou que Anchieta, satisfeito com a vivacidade e tom alegre de Cardim, copiou-o insensivelmente, ou que ambos se apoiaram na *informação* mandada em Agosto. Si nos lembrarmos que no *Treatise of Brasil written by a Portuguese which has long lived there*, publicado por Purchas, em 1625, já se encontram muitas das comparações communs a Cardim, e Anchieta; si se conceder que aquella obra é de Fernão Cardim, como por mais de uma vez tenho procurado proval-o, e que foi escripta em 1584, a primeira hypothese é muito mais verosimil.

Fragmentos historicos

Na *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil* refere-se muitas vezes o padre Simão de Vasconcellos a uns *Apontamentos* de Anchieta que serviram-lhe na confecção de seu livro. Os logares em que os cita são : livro I, § 83, 95, 136, 169, 171, 176, 180, 184 ; livro II, § 25, 48, 72 ; livro III, § 5, 32, 71, 80, 105, 127 ; livro IV, § 118, 134, 135, 140, 144 e 145. Talvez haja outros que escapassem.

Nos §§ 83 e 136, elle cita a pag. 32 livro II e pag. 37 e 38 dos *Apontamentos*. Quer isto dizer que o trabalho era bastante volumoso, pois que então costumavam escrever em papel de folha, sem margens, com as palavras em breve.

Na *Vida do Padre João de Almeida* diz-nos o mesmo autor que Anchieta occupava-se de Nobrega, Leonardo Nunes, Pero Correia, João de Souza, Manuel de Chaves, Gaspar Lourenço, Francisco Pires, Manuel de Paiva, Simão Gonçalves, Manuel Viegas, Gregorio Serrão e Ferrão Luiz.

Depois de Simão de Vasconcellos, menciona os mesmos *Apontamentos* o Padre Antonio Franco em diversas passagens da *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Collegio de Coimbra*. D'ahi as transcrevemos, deixando de fazer o mesmo com os fragmentos publicados por Simão de Vasconcellos, por serem insignificantes umas vezes, e outras não ser facil saber-se si as citações são tiradas dos *Apontamentos* ou si de outros escriptos. Segundo Franco, foi levado de Fernão Cardim o exemplar que alli encontrou (op. c., II, pag. 192). A obra foi escripta depois de Novembro de 1586, como se vê adiante pag. 76.

PADRE MANUEL DE NOBREGA.

A vida do padre Manuel de Nobrega foi insigne e tanto mais quanto menos conhecida dos homens, os quaes elle amava intimamente, desejando e procurando a salvação de todos para

gloria de Deus, que elle, cheio de seu amor, sobretudo tinha diante dos olhos; para dilatação do qual e conhecimento de seu nome, todo o Brasil lhe parecia pouco, o qual, como dava pouco de si ao principio, pretendia que fosse sua fê pregoada por outras regiões que pareciam dar mais de si. Fazendo, porém, grande caso do que tinha entre mãos, nisso se empregava todo, e além do principal, que era a conversão dos Brasis, em particular acudia a todas as necessidades espirituaes e temporaes dos proximos com quanto podia, como se viu claramente em dar sua vida pela de muitos, pondo-a nas mãos dos Tamoyos, confiando muito que a Divina Providencia tiraria disso para os Portuguezes e Brasis muito fructo que depois se seguiu.

Era pai de desamparados, fazendo casar muitas orphãs com esmolas que lhes havia e tirando d'entre os Indios alguns filhos e filhas dos Portuguezes, que lá andavam perdidos do tempo antigo, e dando-lhe vida, além dos pequenos que tirava com tempo e os fazia criar por pessoas virtuosas. Tinha mui especial caridade com os enfermos, acudindo-lhe com a pobreza que havia em casa e quando os visitava parecia que se derretia com piedade, principalmente com os pobres Brasis. Uma noite, vindo chamar um Padre para um homem que estava quasi morto ás estocadas e sem falla, elle mesmo lhe foi acudir e fazendo-lhe coser as tripas que tinha rotas, começando o ferido a fallar, tomou o Padre juramento de segredo ao cirurgião e a outro que lh'o ajudava a curar e logo diante d'elles o confessou, curando-lhe a alma, enquanto elles curavam o corpo, o qual depois viveu.

Disse-lhe uma vez um moço de casa que na villa de Santos, duas leguas de S. Vicente, havia pranto: cuidou o Padre Nobrega, que seria fallecido um homem honrado e rico, que de ordinario andava mal disposto, o qual, posto que nos fazia algumas charidades, comtudo no tocante á sua consciencia era pouco lasso devoto e mui afastado da confissão. Logo no outro dia lhe fez um officio de defuntos de nove lições com muita solemnidade. Indo lá um homem da dita villa, perguntava quem morrêra, por quem faziam aquelle officio? E ouvindo que por aquelle homem, disse elle: *Agora o deixo eu vivo e são em sua casa.* Foi-lhe dizer o que o padre Nobrega fizera. Ao que elle respondeu: *Quem isso me faz cuidando ser eu morto, sendo eu vivo, não quer herdar minha fazenda, mas deseja a salvação de minha alma.*

Dalli por diante deu tal volta á vida que foi um exemplo para todos: tomou particular cuidado de prover os Padres, quando iam pregar e confessar áquella villa; ainda que se detivessem lá muitos dias, continuamente lhes mandava o jantar e a ceia de sua casa mui bem concertada e ás vezes por sua propria mão, porque era solteiro. Quando lhe parecia que eram horas, mandava logo um escravo que espreitasse os Padres quando vinham da igreja de confessar, para logo vir a provisão.

.....

Por morte deixou parte de sua fazenda para a nossa igreja, que alli então se edificava; parte á Misericordia e a outra parte aos pobres. Houve neste homem, emquanto se não deu a Deus, soltura no vicio da luxuria; mas por respeito de Nossa Senhora nunca quiz peccar com mulher que tivesse o nome de Maria.

Com esta charidade e benignidade com que abraçava a todos, era muito amado dos bons e mui severo e rigoroso contra os vicios e peccados.

Os publicos publicamente os reprehendia, assim nas pregações como em particular. Achou-se uma vez em uma grave tormenta no mar e um marinheiro, tomando a véla, começou: *Apesar de S. Lourenço*. Ouviu-o o Padre e sahindo do camarote o reprehendeu asperamente fallando-lhe por tu; e virando-se ao Santo, posto de joelhos, lhe disse: *Bemdito sejas vós, Senhor S. Lourenço, rogae a Deus que não nos castigue pelas blasphemias que disse contra vós este maldito*. Com o que o homem ficou castigado e os mais que o ouviram, amedrontados e acudiu S. Lourenço á pressa em que estava com bonança.

Tendo avisado por vezes a um clerigo escandaloso, como se não emendasse, sabendo o Padre estar com a occasião do seu peccado, se foi á porta da casa, gritando a grandes vozes que acudisse gente, que estavam alli crucificando a Christo. Acudiu gente e ficaram tão espantados os dous peccadores que se apartaram e cessou o escandalo.

Era acerrimo defensor da liberdade dos Brasis, sem querer admittir á confissão algum que nisso fosse culpado. Sentia sumamente os roubos e assaltos que se faziam nelles: chorava-os, bradava sobre isso publicamente e para remediar o que podia da sua parte, se metteu com os Tamoyos, como dito é, para fazer pazes com elles e aplacar a justa ira de Deus contra os Portuguezes, pelos muitos roubos e mortes que tinham feito nelles. Com este zelo, pregando diante do capitão mór Estacio de Sá e de toda sua armada, que elle exhortava a povoarem o Rio de Janeiro e aplacarem com penitencia a ira de Deus pelos roubos feitos aos Indios da Bahia, que foram gravissimos, captivando-os e vendendo-os, trouxe a historia dos Gabaonistas, que pediam sete da geração de Saul, para enforcarem e com isso se aplacar a ira de Deus; concluiu com grande vehemencia: *Si agora tomassem sete destes ladrões salteadores que têm destruido os pobres Indios da Bahia e de toda a costa, Nosso Senhor se applicaria e seria favoravel para esta empresa que queremos fazer*.

Estas e outras semelhantes reprehensões e desenganos sabiam mal aos culpados e cubiçosos, principalmente porque em nenhuma maneira queria consentir em nenhum modo de captiveiro dos Brasis, salvo nos que fossem tomados com guerra justa. E assim dizia muitas vezes: «Não posso acabar com minha sciencia e consciencia approvar os remedios que se buscam para captivar os Brasis, ainda que venha da Meza da Consciencia, porque lá

não são informa-los na verdade. Porque nunca se achou que pae no Brasil vendesse filho verdadeiro, porque os amam grandissimamente. Os que dizem que se vendem a si mesmos, fazem-no ou porque não entendem que cousa é vender a liberdade, ou induzidos com mentiras e enganos e ás vezes com muitos açoites (como confessam os mesmos línguas do Brasil) e assim os pobres, achando-se alcançados, fogem e antes querem ir a morrer por esses mattos e a mãos de inimigos que soffrerão grave captiveiro que têm.

« Pois obrígal-os a servir toda a vida com o titulo de livres, é verdadeiro captiveiro, porque não tem mais que o nome de liberdade, pois os deixam em testamento aos filhos que os sirvam toda a sua vida e assim os avaliam e vendem como escravos, com titulo de lhes venderem sómente o serviço. » *Equidquid sit de jure*, dizia elle que *de facto* constava o contrario: pois os homens pervertiam os remedios que se lhe buscavam, usando delles para sua perdição, e, si dous timoratos cumpriam as condicções que se punham, a maior parte as não guardava, e finalmente os Padres lettrados nisso se vêm a resolver, ensinados pela experiencia.

Contudo isto não deixava o Padre de buscar todo o remedio possivel a algumas pessoas que lhe pediam para restituição e satisfação do passado.

Porém para o futuro nunca de sua parte quiz abrir porta para se uzar de semelhantes remedios, que se buscavam para os homens poderem ter serviços com boa consciencia, comprando e vendendo Indios livres, dos quaes remedios dizia muitas vezes: *Praxa a Deus que por remediar os homens não nos vamos nós com elles ao inferno.*

Era tão inteiro que, como se fundava diante de Deus em uma verdade, bem se podia pôr todo o mundo contra elle, como foi nisto da liberdade dos Brasis, em defender as fazendas dos collegios, por serem bens da Egreja, sobre o qual era muitas vezes affrontado por palavras e escriptos em resposta de feitos muito feitos, que elle deixava passar sem nem um sentimento, proseguindo com muita paz a justiça dos collegios e orando pelos injuriadores e tratando-os com muito amor; em fazer com o governador Men de Sá, que usasse de força com os Indios da Bahia para se ajuntarem em aldéas grandes e egrejas para ouvirem a palavra de Deus, contra o parecer e vontade de todos os moradores, o qual depois se estendeu por toda a costa, que foi meio unico de salvação de tantas almas e propagação da Fé, e na constancia da povoação do Rio de Janeiro, que a experiencia tem mostrado ser elle movido com o espirito de Deus e puro zelo de seu serviço e salvação das almas.

Para estas cousas procurava o remedio com Deus por continna oração e dos reis, principalmente d'El-rei D. João o Terceiro e de sua mulher D. Catharina, por cartas, e El-Rei lhe escrevia

mui familiarmente, encommendando-lhe a conversão dos gentios e o mais tocante ao bom governo do Brasil e que o avisasse de tudo, e assim mais faziam por uma carta do padre Nobrega que por muitas outras informações e instrumentos.

For este seu grande zelo e constancia era dos que mal viviam murmurado, perseguido e tido por tyranno, e algumas vezes affrontado com palavras, em ausencia e presença de pessoas ainda baixas e vis. Em um certo tempo, porque o Padre estranhava muito em particular e em publico um caso feio de um poderoso e então Ouvidor da Capitania, que tinha tomado a mulher a um pobre, comparando-o com o caso de Herodes, houve muito provavel suspeita e indicios que se lhe machinava a morte, e assim dizia elle aos Irmãos: *Eu, si houver de ser martyr, ha de ser á mão de nossos Portuguezes christãos e não dos Brasis.*

Com tudo isso, a todos acudia em suas necessidades, quando havia mister sua ajuda. Entre estes, foi o sobredito poderoso, que, estando preso e indo-se já o Padre de Santos para S. Vicente, despedido do governador Men de Sá, que se embarcara e o deixava por alguns casos em poder do capitão da terra, de que elle, com razão, muito se temia, movido de compaixão, tornou do caminho e acabou com o governador que lhe desse remedio, que depois de sua partida nem um lhe ficava sinão ser muito vexado do Capitão.

Ao grande zelo da conversão dos Brasis ajuntava outro que lhe era consequente, convém a saber: grandissimo cuidado e diligencias de criar Irmãos da Companhia que pudessem ser instrumento desta conversão.

Por esta causa ajuntava em casa moços pequenos mestiços e outros de todo portuguezes, nascidos na terra, por serem linguas. E trabalhava pelos fazer chegar até onde alcançasse sua habilitade, assim no espirito como no estudo, e por não deixar cousa por intentar para este fim, determinava mandar a Portugal alguns de melhor indole e habilitade, para que de la viessem feitos bons obreiros, como em effeito mandou dois que morreram na Companhia, no collegio de Coimbra.

Era para com os Irmãos muito benigno e piedoso e pelas entranhas de amor com que os amava, sempre conservou a santa sinceridade antiga de Coimbra, falando a todos por *vós*; e além de lhe ser muito trabalho só de pronunciar este nome *Padre*, pelo impedimento da lingua, parece que o nome de *Irmão* lhe excitava mais amor e assim aos mesmos Padres fallava por estes termos dizendo: *Irmão, vós tal e tal.* E posto que os homens de fóra cuidavam que tratava com os Irmãos asperamente, pelo zelo que nelle conheciam, comtudo a benignidade passava sempre pela severidade para com elles, assim nas reprehensões e penitencias como nas praticas espirituaes, que fazia a miudo com muita suavidade e lagrimas.

Com as mesmas entranhas de caridade procurava todo o possível de conservar um na Companhia depois de admittido, ainda que não tivesse tantas partes e outros tivessem diverso parecer, confiando sempre em que não estava abreviada a mão de Deus. Um moço de boa habilidade tinha elle admittido quando chegou a S. Vicente o Padre Visitador Ignacio de Azevedo, o qual querendo-o despedir com parecer do Padre Provincial e de outros, com tudo o padre Nobrega com sua caridade intercedeu por elle, resignado, porém, na vontade e parecer do Padre Visitador, e tratou com elle que o levasse para a Bahia, porque lhe dava Nosso Senhor particularmente boas esperanças delle. E assim foi, que procedeu sempre muito bem em tudo, assim na virtude como nas letras, chegando a ouvir o curso e alguma theologia e neste tempo lhe deu Nosso Senhor bom fim na Companhia com edificação, consolação e sentimento de todos.

Procurava que houvesse muito exercicio de oração mental e vocal e mortificação. Aos estudantes fazia resar o Officio Divino. Aos pequenos não faltavam disciplinas quando era necessario, que lhes mandava dar, as quaes aceitavam com muita humildade, e com ser a pobreza muita e o comer muito fraco, fazia-os jejuar os dias que a Igreja manda e ainda toda a quaresma e para tudo lhes dava força Nosso Senhor. Com o grande desejo que tinha de acrescentar a Companhia no Brasil, deitando os olhos ao longe com grande espirito de providencia, logo em chegando á Bahia houve terras e algumas vaccas para fundação de collegios e o mesmo fez em S. Vicente e depois no Rio de Janeiro, e ainda que a alguns dos nossos parecia sobeja solicitude, por serem poucos os Irmãos daquelle tempo, dizia: *Não sabeis, Irmãos, o que dizeis; eu faço isto para os que hão de vir, porque ainda ha de haver grande multidão de Padres e Irmãos no Brasil que ajudem as almas.*

E bem se pôde cuidar que além do espirito de providencia foi isto mais particular lume de Deus, com quem elle conversava muito na oração, como tambem se viu em outras cousas, principalmente no cumprimento do que disse os Tamoyos que, si quebravam as pazes, haviam de ser todos destruidos. Tendo o padre Vicente Rodrigues grandissimas e quasi continuas dores de cabeça, muitos annos sem remedio algum, lhe disse o padre Nobrega: *Vós, irmão, não haveis de sarar sinão quando vos faltar todo o necessario e então vos cahirão os dentes.* E assim se cumpriu, porque na missão em que veiu acudir ao Rio de Janeiro no principio, onde se padeceu grandissima fome e falta de tudo, sarou da cabeça e começou a perder os dentes sem lhe ficar sinão dous ou tres.

De maneira que com a certeza que tinha da multiplicação dos Irmãos no Brasil, no principio em Piratininga ainda que se padezia muita fome, mui raramente mandava matar alguma rez, emquanto eram poucas as vaccas, para que multiplicassem

para os vindouros. Bem mostra a experiencia o espirito de Deus que o movia, porque ainda que os collegios da Bahia e Rio têm fundação d'El-Rei, comtudo era impossivel sustentarem-se com ella, si não foram as terras e vaccas que o padre Nobrega com tanta caridade foi grangeando, que é a melhor sustentação que agora têm, com que se criam tantos Irmãos que fazem tantos serviços a Deus no Brasil.

No culto divino, ainda que faltavam ornamentos ricos, procurava houvesse toda a perfeição. Dizia as missas cantadas com toda a solemnidade, com canto de órgão e frautas, por amor dos Indios, cujos filhos as ajudavam a officiar. Nunca deixava de lavar os pés aos Irmãos á quinta feira santa publicamente na igreja. Era tão zeloso de se pregar sempre a palavra de Deus que até aos Irmãos que lhe pareciam para isso, fazia pregar em portuguez e brasil, ainda que não fossem sacerdotes. Por este fim e por impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas, fez um anno com os principaes da terra que deixassem de representar um que tinham, e mandou-lhes fazer outro por um Irmão, a que elle chamava *Pregação Universal*, porque além de se representar em muitas partes da costa com muito fruto dos ouvintes que com esta occasião se confessavam e commungavam, em particular em S. Vicente, á fama delle, por ser parte na lingua do Brasil se ajuntou quasi toda a Capitania vespera da Circumcisão, e estando se representando á noite no adro da igreja, sobreveiu uma grande tempestade, pondo-se uma nuvem muito negra e temerosa sobre o theatro e começou a lançar umas gottas de agua muito grossas, mas logo cessou a chuva, perseverando sempre a nuvem, até que acabou a obra com muito silencio e todos se recolheram quietamente á suas casas e então descarregou com grandissima tormenta de vento e chuva, e a gente movida com muita devoção ganhou o Jubileu, que era o principal intento da obra.

Dizia sempre missa e como era muito gago, gastava de ordinario nella uma hora e ali se lhe communicava muito Nosso Senhor. Era mui solícito no resar do Officio Divino, no qual usava sempre do companheiro pelo mesmo impedimento da lingua; mas não bastava isso para deixar o officio da pregação, o qual exercitava visitando ás povoações dos Portuguezes a miudo, ouvindo juntamente suas confissões e remediando a todos; e as de suas mulheres, filhos, escravos e Indios livres ouvia por interprete, enquanto os Irmãos linguas não eram sacerdotes.

Era na pregação muito fervente e suave, e por uma parte movia muito á compaixão os ouvintes pelo trabalho que nella tinha, por outra á devoção. E não era muito abranger aos outros, pois nelle era tanta, que bem se lhe sentia nas palavras affectuosas, nos suspiros e colloquios com Nosso Senhor e lagrimas, as quaes, assim quando tratava com elle, como

compadecendo-se dos proximos em suas afflicções, facilmente derramava.

Algumas vezes, estando em Piratininga com poucos Irmãos, mais afastado de negocios, se mettia na sachristia com um devoto amigo, que lhe tangia uma viola às portas fechadas, e elle entretanto se estava desfazendo em lagrimas com muita serenidade. Quando deixou o Irmão companheiro entre os Tamoyos, indo-se para S. Vicente, os Tamoyos que lá estavam muito quietos, uma noite por lhe metter um escravo em cabeça que os queriam matar os Portuguezes, fugiram todos para suas terras. Sabendo-o o padre Nobrega, temendo-se que lhe mata-riam lá o Irmão, teve tanto sentimento e lagrimas que fez um grande pranto cheio de devoção diante de Nosso Senhor e dos Irmãos, arremessado sobre um leito, dizendo entre outras cousas: — *Ah! meu Irmão, que vos deixei só entre inimigos e não fui eu merecedor de morrer convosco por amor de Christo.*

Isto era com tanta desconsolação que não bastara a o consolar sinão o mesmo Deus, que ordenou que daquella fugida se tornassem alguns principaes para S. Vicente, com o qual se assegurou da vida do Irmão, e comtudo lhe escreveu uma carta sobre isso, cujo principio era: *Irmão, si ainda estais vivo.* Nos derradeiros annos, que andava já muito fraco em S. Vicente, com as muitas doenças que levou da Bahia, dormia um pouco à noite e o mais della gastava em oração, resar o Officio Divino, em cuidar e traçar as cousas do governo, não somente as tocantes à Companhia mas de tudo o que entendia pertencer ao bem commum, pretendendo em tudo o augmento da christandade e salvação das almas, e assim diziam delle pessoas graves que era para governar todo o mundo.

No tocante ao voto de castidade tinha especialissima vigilancia, engrandecendo muito a integridade e pureza da Companhia, tão conhecida e louvada de todos nesta parte, e assim dizia muitas vezes com grande sentimento: *Mal aventurado será aquelle por quem se quebrar o selto virginal da castidade da Companhia.* Achando-se uma vez no mar em uma grave tormenta, dizia que uma das cousas que mais o consolavam naquelle perigo era a guarda do voto de castidade. Nisso todo resguardo lhe parecia pouco, procurando que toda a especie de mal, ainda em cousas minimas, se evitasse. E com isto fez e faz Nosso Senhor mui especiaes mercês aos verdadeiros filhos da Companhia nesta parte, com não pequena admiração e louvor dos seculares.

O padre Ignacio de Azevedo, vendo as muitas e mui propinquas occasiões pelas quaes, quasi por fogo e agua, passam os nossos por amor das almas com victoria pela graça divina, dizia que era milagre a castidade dos da Companhia no Brasil.

.....
 Como os Padres sacerdotes não sabiam a lingua da terra, serviam os Irmãos de interpretes para as doutrinas e pregações

e confissões, ainda dos mestiços, mulheres e filhos dos Portuguezes, principalmente nas confissões geraes, para melhor se darem a entender e ficarem satisfeitos. Aconteceu que uma mulher casada das mais graves da villa, que fazia uma confissão geral com um Irmão que só então ali havia e tinha cargo da doutrina, veio um domingo à tarde perguntar algumas duvidas no confessorio e estando as tratando com elle, passou o marido pela egreja, acompanhado de muitos da villa, a tratar alguns negocios da republica com o padre Nobrega, e indo-se para fóra lhe disse o que o acompanhara : *Senhor, como consentis que vossa mulher esteja fallando com um mancebo no confessorio ?* Como o credito do Irmão era mui grande para com todos, não fez elle caso disto. Com tudo deu disso conta à sua mulher, ficando muito satisfeito com sua resposta. Ella contou o que passára ao mesmo Irmão e o Irmão sem mais detença ao padre Nobrega.

Posto que elle tinha tanta satisfação do Irmão nisto e em tudo o mais, como de sua propria pessoa, comtudo, pelo grande zelo que tinha da limpeza da Companhia nesta parte, alegrou-se muito e disse-lhe : « O Irmão, veio-nos Deus a ver com este aviso, não falleis mais com ella nem com outra no confessorio, sinão presente o sacerdote ou em publico na egreja, como costumais a fallar e a ensinar a todos. »

Finalmente não soffria nesta parte cousa, por pequena que fosse, procurando, conforme a perfeição que elle nisto tinha, que vivessem os Irmãos com tanto resguardo quanto demanda a castidade angelica que nosso padre S. Ignacio de Loyola pede nas Constituições.

Não tinha menos zelo e cuidado que a obediencia dos subditos para com os superiores fosse exacta em tudo e da sua parte a ensinava com o exemplo. Em cousas graves esperava, quanto era possivel, resposta de Roma ou Portugal, ainda que lhe parecesse que as podia determinar por si. Quando, depois de muito tempo encommendar o negocio a Deus, se resolveu de ir ao rio da Prata por terra, estava tão dependurado de querer saber a vontade de nosso padre S. Ignacio de Loyola, que esperava lhe seria clara como o parecer do padre Luiz da Grã, seu collateral, que estava ausente, que tinha promettido 20 missas de alviçaras a quem lhe dêsse novas de sua chegada a S. Vicente, e posto que estava já para se partir, por não perder a occasião boa, que então tinha daquella gente castelhana, principalmente para que com sua presença e autoridade que tinha com os Indios, os ajudar a passar para suas terras a salvamento, comtudo deixava ordenado que si chegasse o padre Luiz da Grã o fossem chamar a muita pressa, ainda que fosse muitas leguas pelo sertão a dentro.

Como Nosso Senhor ordenou que no mesmo dia que estava para partir lhe chegasse a nova, logo desistiu de tudo, até se

ver com elle. E chegando-lhe o recado a Piratininga ás 9 ou 10 horas antes do meio dia, logo no mesmo dia se partiu para o mar, sem querer deixar descansar o Irmão, que lh'o levava, e chegando a uma villa dahi a tres leguas a pousar, lhe mandou fazer a doutrina aos Indios da terra. Ao seguinte dia andou mui grande e aspero caminho a pé e mais do que pareciam soffrer suas forças e chegando quasi noite ao mar se embarcou em uma pequena canôa de casca, para passar umas tres leguas que havia até a villa. Sobreveiu a noite com grande escuridade, tormentas e chuva e foi forçado recolher-se á terra.

Estava alli um homem poderoso pouco bem affecto ao padre Nobrega e que então de fresco estava mui indignado contra elle ; á casa deste se recolheu, atinando com a porta ás apalpa-dellas, confiando em Deus de o ganhar com isto e tornal-o a reconciliar e disse ao Irmão seu companheiro : *Ide vós adiante e dizei-lhe que estou aqui e faça elle o que quizer.* O homem, ouvindo o recado, esquecido de seus aggravos, sahiu logo acompanhado de seus escravos com muito lume e levou o Padre nos braços e o vestiu com seus proprios vestidos e o mesmo fez ao Irmão, agasalhando-os com muita caridade e queixando-se por querer passar o Padre com tal tempo, estando alli sua casa, e dalli por diante ficou grande amigo do Padre e da Companhia, na qual depois o mesmo Padre lhe recebeu um filho. Finalmente não descansou até o outro dia se ver com o padre Grã e tratando com elle o negocio, desfez logo toda a traça de sua ida ao rio da Prata, deixando seu proprio parecer e seguindo o do Padre, que logo se persuadiu seria mais conforme á vontade de nosso padre Santo Ignacio.

Ao padre Luiz da Grã, seu collateral, tratava com tanto respeito e reverencia como si fôra seu superior, não fazendo cousa de importancia sem seu parecer e conselho, o qual facilmente tomava e seguia. Depois que o Padre foi provincial, a todos dava exemplo de obediencia. Para elle bastava a minima significação da vontade de padre Luiz da Grã, provincial. Desejou muito e procurou que um Irmão pregasse em portuguez : o Irmão excusava-se ; finalmente vendo-se apertado, lhe respondeu : *O padre Luiz da Grã me disse á sua partida que não era nada dos Irmãos pregarem sem ordens por falta de autoridade.* Com isto se calou o padre Nobrega, sem insistir mais, como que fôra obediencia expressa, posto que tinha para si que nada faltava ao Irmão para isso. Dahi a algum tempo foi necessario acudir o mesmo irmão a pregar uma paixão, ao qual depois de a pregar, disse o Padre : *Vós haveis de dar conta a Deus, porque não quizestes pregar até agora.* E comtudo nunca mais o convidou para isso, pelo que tinha dito do padre Luiz da Grã.

Não era muito ter elle esta obediencia aos superiores, porque era tão humilde que aos mesmos subditos se sujeitava facilmente, seguindo o parecer delles, quando lhe davam boa razão,

e deixando o proprio. Estava elle muito determinado, quando se começou a povoação do Rio de Janeiro, de mandar um Padre e com elle um Irmão por superior; dissimulou o Irmão com isso por alguns dias e depois de encomendar a cousa a Deus, disse ao padre Nobrega que não devia mandal-o por superior por algumas razões que lhe deu. Ouviu-o o Padre e cuidando nisso mudou logo o parecer despachando-os para aquella missão, juntos os mais de casa, disse: *O Padre, por ser sacerdote será superior; mas lembrar-se-á, pois o Irmão foi seu mestre, do respeito e reverencia que se lhe deve ter e de tomar seus conselhos.*

Tomava muito bem e folgava que os Irmãos fossem avisados de outros Padres e Irmãos, que lhe parecia o podiam fazer ainda que fosse deante delle mesmo. Uma vez, queixando-se o Irmão mestre da grammatica de si mesmo, porque diante delle os reprehendia algumas vezes, respondeu-lhe o Padre: *Fazei-o assim, Irmão, fazei, folgo muito que nisso me ajudais.* Quando se achava alguns tempos só sem sacerdote, confessava-se com algum Irmão, desejando descobrir suas faltas e ser reprehendido e recebia delle a absolvição geral da missa. Uma vez com este espirito de humildade praticando com os Padres e Irmãos em um repouso, disse: «D'aqui por diante quero ter dous confessores, um Padre que me absolva e um Irmão que me reprehenda».

No tratamento pessoal era necessario terem cuidado delle, porque elle o não tinha de si. Seguia sempre a communitate sem singularidade alguma, salvo para mais estreiteza. Era de pouco comer; e ainda que de compleição delicada, nenhum trabalho receiava, como andar sempre a pé por caminhos muito asperos de matos e serras, com grandes frios, chuvas e alagadiços. E ás vezes, por não poder com o peso da roupeta, caminha sem ella, por excusar ser levado ás costas alheias. Seu vestido era o peor e não podia trazer roupa nova, sinão velha e remendada e sem uso de mantéu, porque então pela muita pobreza o não havia.

Quando andava fóra de casa, de toda a pessoa que lhe offerecia a pousada a accitava de boa vontade e jantava e dormia ahi todo o tempo que era necessario, assim por ser esmola, como porque com isso ganhava as vontades a todos; a uns para se tirarem do mau estado e a outros para no seu viverem conforme a lei de Deus e serem mais promptos para boas obras. Em especial usava disto com um vigário muito velho e honrado, que conformava pouco com o proceder da Companhia no governo de suas ovelhas, que achavam nelle refugio para suas consciencias, com pouco escrúpulo da verdade que dos Padres ouviam e criam. Com este pousava muitas vezes e recebia suas esmolas, advertindo-o do que tocava á sua consciencia e de suas ovelhas. E tendo elle alguns tempos impedimentos de enfermidade e outros, supria o padre Nobrega por si e pelos Padres nas missas e em tudo mais por elle e depois pondo-lhe embargo em sua paga pelos officiaes d'El-rei lhe fez pagar tudo.

Com estas boas obras o vigário se chegava cada vez mais aos Padres, até que já no cabo da vida fez uma confissão geral com um delles e por seu conselho deixou muitos mezes de dizer missa, por ser tremulo pela muita velhice e fazer o mais do seu officio, deixando tudo aos Padres, e com isto acabou em paz, com muita edificação de todas suas ovelhas, que com esta occasião se deixavam tambem reger pelos da Companhia. Era o padre Nobrega em suas enfermidades muito paciente, dando pouca occupação e trabalho aos Irmãos e como sua ultima idade foi uma continua doença, esta passou alguns annos com muita falta de remedios temporaes. E abraçado com esta pobreza deu com muita paz seu espirito ao Senhor.

(Franco, op. cit., v. II p. 183—192).

PADRE DIOGO JACOME.

Viveu sempre em toda a sujeição e obediencia, exercitando os officios baixos da Companhia, e entre elles foi fazer um torno de pé por mandado da santa obediencia, sem nunca ter aprendido aquelle officio; e fazia nelle muitos rosarios de contas, que se repartiam pelos Christãos, para se encommendarem a Deus e à Virgem Nossa Senhora.

Era isto mui commum naquelles tempos trabalharem os Irmãos de saberem alguns officios proveitosos para a communiidade. E assim o dito Padre e outros Irmãos aprenderam fazer alpargatas, porque então não havia sapato nem meia. Faziam muitos nos tempos que furtavam ao estudo da grammatica e outras mais graves occupaões, de que usavam nos caminhos, que são muito asperos de montes e serras e grandes alagadiços: a materia destes alpargotes é como linho mui rijo tirado de uns cardos, que os mesmos Irmãos tiravam do mato e deitavam na agua, até que a cabo de quinze ou vinte dias apodreciam e lhe tiravam o linho.

Com o mesmo desejo de servir aos Irmãos, um Padre de missa começou a fazer um banco sem nunca aprender officio de carpinteiro, e pouco a pouco, se fez official, de maneira que por suas mãos fez as casas e egrejas de Piratininga, S. Vicente e parte das do Rio de Janeiro, sem deixar por isso de acudir continuamente a missões e confissões, até que pela muita velhice não pôde trabalhar.

Viu-se sempre no padre Diogo Jacome um grande zelo da salvação dos Brasis, e por esta causa, ordenando-lh'o a Obediencia, estudou alguns annos grammatica com muita diligencia e trabalho, posto que pouco ajudado de engenho e memoria, para poder ser sacerdote e ajudar os Indios. Posto que

neste estudo trabalhou muito, comtudo muito mais trabalhava por saber a lingua da terra, e assim soube della o que bastava para ensinar os Indios e aparelhal-os para o baptismo e ouvir suas confissões.

Depois de ordenado sacerdote, foi posto pela Obediencia na capitania do Espirito Santo, onde havia duas aldeias de Indios com suas egrejas, uma das quaes teve a seu cargo muito tempo, exercitando com elles sua caridade, curando-os corporal e espiritalmente até à morte.

Esta se lhe gerou de uma grave doença de febres, em que padeceu muito por falta do necessario. Foi recolhido á casa da Companhia, que está na villa com os Portuguezes, e parecendo que já convalescia o tornou a mandar o Superior á sua egreja. E posto que elle sentia em si muita fraqueza e receiava que na aldeia tornaria a recahir de maneira que se lhe seguisse a morte, e assim o significou e propoz, comtudo, obedecendo com toda a promptidão e alegria, se foi lá, e logo recahiu de tal maneira que dali a cinco ou seis dias, tornando-o a trazer para casa, acabou, como obediente e verdadeiro filho da Companhia, em Abril de 1565, e está enterrado na nossa egreja de S. Iago daquella residencia do Espirito Santo (Franco, op. c. II, 203—204).

PADRE MANUEL DE PAIVA.

O padre Manuel de Paiva entrou já sacerdote de boa idade em Coimbra. Foi homem muito chão e candido em sua conversação, guardando sempre uma perpetua paz. Estando nos exercicios logo em entrando (como então era costume), o Irmão que o servia nelles esqueceu-se dous ou tres dias de o prover, e o Padre não curou de lh'o lembrar, cuidando que ou assim era regra da Companhia, ou que o não havia no collegio por ser pobre. Finalmente com este ultimo pensamento o lembrou ao Irmão dando-lhe umas luvas que comprasse alguma cousa de comer, já que o collegio o não tinha. O Irmão dissimulou e teve melhor cuidado dalli por diante.

Em chegando á Bahia, como a pobreza era muita, o padre Nobrega, com este pretexto, como era muito fervente no espirito da mortificação, tão exercitado dos Irmãos em Portugal, mandou vender o padre Paiva, entregando-o a um porteiro que o pregoasse pela cidade, si havia quem o quizesse comprar, e foi a cousa tão de sizo que se persuadiam todos ser verdade, e que por falta do necessario o vendiam, e não faltava quem desse cem e mais cruzados por elle, para o ter por seu capellão, espantados da obediencia e humildade do padre Paiva, o qual tambem se persuadia que de verdade o mandavam vender, e dizia aos homens que o comprassem, que os serviria

muito bem. Até que dali a alguns dias que o porteiro andou nisto, dando recado ao padre Nobrega do que passava e quanto subia o preço que davam por elle, entenderam o negocio, ficando todos mui edificados da maneira da Companhia.

Foi cura de almas antes que entrasse na Companhia ; não sabia muito latim, cousa de que naquelle tempo se fazia pouco caso e exame com os clerigos ; mas depois que veio ao Brasil trabalhou muito nisso, especialmente ao principio, que se começou o estudo de Piratininga, onde elle era Superior dos Irmãos, e com acudir a todas as necessidades dos proximos e ás mais obrigações de seu officio, estudava com elles, deixando de dormir muita parte da noite, depois de todos dormirem ; e ás vezes alta noite acordava o mestre para lhe declarar o que não entendia, e assim sahiu com seu intento de tal maneira que depois, estando na residencia do Espirito Santo, ensinou muitos moços com grandissimo zelo e diligencia, alguns dos quaes continuaram depois os estudos no collegio da Bahia, até ouvirem o curso e theologia. Com a muita caridade que tinha era nisto incansavel, por dar algum lume aos moços nascidos no Brasil, de que elles pouco curaram, e com isso desaffeioal-os dos costumes dos Brasis, a que são tão affeioados.

Posto que não era letrado, comtudo estava muito bem nos casos de consciencia, que com a mesma diligencia estudava por si e perguntando. Tinha grande pulpito, não tanto de letras como de fervor e desejo de aproveitar as almas, e assim a gente commum do povo lhe era muito affeioada, e se aproveitava muito de suas pregações, ás quaes elle fazia acudindo a pé a umas e outras povoações, oito e dez leguas. Era tal sua devoção, que uma vez pregou a Paixão não sei quantas horas de joelhos. Trabalhou por saber a lingua dos Indios, mas não chegou a mais que a saber ensinar a doutrina por escripto, ajudando os naturaes por interprete com praticas e confissões com muito zelo.

Com este zelo das almas trabalhava muito de as ajudar e tirar do peccado, ainda que alguns Portuguezes que viviam mal se offendessem disso, por ser elle causa de se lhe tirarem os cumplices do peccado, não faltando ameaças e injurias, nas quaes elle guardava sua costumada paz e quietação, como que si lhe não fizesse nada. Um homem casado, a quem elle com suas amoestações tinha tirada uma manceba, por respeito da qual dava má vida á sua mulher, e posta em bom estado de matrimonio, e por esta causa andava inchado contra elle, o encontrou só em um caminho e o começou a affrontar e a empunhar da espada todo enfiado ; mas o Padre, sem se mover, lhe disse com muita paz : *A mim, fulano ? a mim ?* Isto bastou para o outro ficar atado e deixal-o ir em paz seu caminho. Depois entrou em si e folgou de lhe ser tirada a occasião do mal e peccado em que estava.

Outro que tinha cargo de justiça principal na capitania, injuriou um dia ao Padre no meio da rua, diante de pessoas, com palavras feias e mui irado, ao qual elle nada respondeu, antes se foi muito quietamente passeando e ouvindo o que o vinha injuriando até se recolher na egreja. Chegou a desordem do outro a tanto que fez um auto do Padre com testemunhas, dizendo que lhe queria mal, mas com a paciencia do Padre se curou tudo. Da mesma maneira curou outra pessoa principal que o maltratava de palavras publicamente diante de muitos, dizendo-lhe que si não fóra Padre lhe houvera de fazer e acontecer. A isto o Padre respondeu: *Dai graças a Deus por que o sou.* Com o qual o outro ficou não sómente confuso, mas tambem cheio de temor e não sem causa, porque o Padre (posto que disso nem um caso fazia) era homem de grande esforço de animo e forças e conhecido de todos por tal, mas sua paciencia e paz interior com que isto curava era maior.

Era intrepido para todo o perigo corporal, especialmente si intervinha obediencia, na qual era promptissimo; tanto que um dia, indo por um monte abaixo muito ingreme com o padre Nobrega, lhe mandou o Padre que se deitasse por elle a rodar, o qual elle fez logo sem nem uma dilação, indo a tombos pelo monte abaixo, até que lhe disseram que bastava.

Ordenaram os capitães de S. Vicente duas guerras contra os Tamoyos; foi necessario mandar o padre Nobrega em sua companhia ao padre Paiva, o qual todo o caminho, que foi largo, lhes disse missa e pregou sempre, esforçando os Portuguezes e confessando-os e acudindo juntamente aos Indios christãos com o irmão Gregorio Serrão, que era o lingua que levava. Em uma guerra e em outra foi sempre o padre Paiva sem medo com cruz na mão diante até á cerca das aldeias, uma das quaes foi rendida de todo, e com o esforço do Padre se salvaram muitos dos nossos, que estavam a ponto de fugir com perigo certo das vidas; os quaes o Padre fez esperar até que de todo se renderam os inimigos, de que havia ainda boa cópia recolhidos em uma casa forte, e si sentiram covardia nos nossos, houveram de sahir e matar muitos nas canoas, em que se queriam ir com pouca ordem e com muitos já frechados.

Pelo grande perigo em que estavam, se poz o padre Paiva sem medo algum defronte daquella casa, donde se tiravam muitas frechadas, até que se tomaram os inimigos ás mãos e os nossos ficaram salvos. A outra aldeia não foi rendida, antes muitos dos nossos feridos, os quaes o padre Paiva ajudava a tirar do perigo presente de os acabarem de matar, e recolhendo-se todos para as canoas, elle fôo o ultimo que ficou no matto; porque, além de elle ser homem velho e pesado, quiz que todos fossem diante, e achando-o menos no porto, um Indio christão o veiu buscar e encontrando-o no matto já perto, o acompanhou até o embarcar com toda a gente.

Neste combate nunca o padre Paiva se apartou da cerca com a Cruz em a mão animando a todos, e depois os Tamoyos nos perguntavam quem era aquelle de uma roupa longa, que estava com uma cruz perto da cerca, porque lhe tiravamos muitas frechadas e nunca o pudemos acertar ? Desta maneira guardou Nosso Senhor por sua misericordia por meio do padre Paiva os nossos ; e não quiz que se destruísse aquella aldeia, porque depois esteve nella o padre Nobrega fazendo pazes com os Tamoyos, muitos dos quaes são agora christãos.

Finalmente o padre Paiva, que era na idade o mais velho dos da Companhia do Brasil, depois de muitos annos de serviço de Nosso Senhor, estando na capitania do Espirito Santo enfermou de uma doença prolongada, sem dar com ella trabalho a ninguém, e mandando-o a Obediencia que se fosse á casa de um homem muito nosso devoto a outra villa, para ver si se achava melhor, elle com a saudade da conversação dos Irmãos e desejo de outro recolhimento maior e mais necessario para tal tempo, não pôde lá aturar sinão dois dias e se veio para casa, e carregando a enfermidade em que teve grandissimo trabalho e paciencia, se foi para o Senhor dia de S. Thomé, Apostolo, no anno de 1584, e jaz sepultado na nossa igreja (Op. c., p. 212 — 214).

PADRE SALVADOR RODRIGUES.

No anno de 1550 vieram de Portugal quatro Padres, tres dos quaes são já fallecidos. O primeiro que foi o padre Salvador Rodrigues, foi homem de muita simplicidade e obediencia. Partindo o padre Manuel de Nobrega da Bahia para S. Vicente, o deixou enfermo e lhe disse que não morresse até sua tornada. Recebeu elle isto como mandado da Obediencia e estando depois á morte parecia-lhe que não podia morrer contra aquelle mandado ; até que o padre Luiz da Grã lhe tirou o escrupulo e lhe disse que bem podia, porque elle o desobrigava daquella obediencia, e com isso se determinou de morrer com muita alegria. Elle só era sacerdote, e comtudo ficou debaixo da obediencia do irmão Vicente Rodrigues, e dilatou-lhe Nosso Senhor a vida, até que chegou o padre Luiz de Grã com seus companheiros que supprissem por elle. Era em particular devotissimo da Assumpção da Senhora, tanto que Ascensão e Assumpção tudo na sua boca era Assumpção; e ainda que muitas vezes avisado, comtudo, pela muita devoção que lhe tinha, confundia os vocabulos e assim quiz Nossa Senhora leval-o no mesmo dia, porque depois de estar em cama vinte e tantos dias com muita paciencia, recebidos todos os sacramentos, expirou em dando meia noite, principio do dia da Assumpção de

1553. Foi o primeiro que morreu da Companhia no Brasil (Op. c., pg. 215).

PADRE FRANCISCO PIRES.

O padre Francisco Pires sempre viveu na Companhia com todo exemplo de virtude, occupado com o proximo em confissões, pregações, ensinar meninos, e outros ministerios da Companhia com muito fructo. Não soube a lingua de terra, posto que lhe não faltou diligencia para aprendel-a; comtudo por interprete ajudou muito os naturaes em doutrinas e principalmente em ouvir confissões, em que era mui continuo.

Foi Superior em muitas residencias da costa e residindo em Porto Seguro, logo no principio de sua vinda, na ermida de Nossa Senhora, que é da Companhia, que por sua ordem e de seus companheiros se fez, lhes fez Nossa Senhora mercê de abrir milagrosamente aquella fonte tão afamada por toda a costa do Brasil; em que se fizeram e fazem muitos milagres, sarando muitos de diversas enfermidades, onde vão de algumas partes da costa em romaria a buscar saude e a acham e outros para o mesmo effeito mandam buscar agua della.

Alguns annos nos principios do collegio da Bahia foi Reitor delle e depois de andar por todas as residencias da costa exercitando os ministerios da Companhia com muita satisfação, foi chamado de uma para o dito collegio, e enfermou no caminho lançando sangue pela bocca, por ser já velho, fraco e consumido de trabalhos. Depois de muitos dias, que esteve com esta enfermidade no collegio com muita paciencia e alegria e com muitos colloquios com Nossa Senhora, de que era devotissimo, morreu deixando muito edificados e consolados os irmãos no anno de 1586 em Janeiro (Op. c., pg. 215-216).

PADRE GREGÓRIO SERRÃO.

Um dos companheiros do padre Manuel de Nobrega, que ajudaram a edificar em seus principios a casa de Piratininga, foi o padre Gregorio Serrão, o qual entrou na Companhia em Coimbra o anno de 1550. Foi enfermeiro muito tempo com grande satisfação de todos, de muita diligencia, caridade e alegria para com os enfermos, e por serem conhecidas estas partes e outras virtudes nelle, o escolheu o padre Miram para enfermeiro do santo padre mestre Gonçalo (ainda que bem o senti-

ram os enfermos do collegio) e companheiro de uma ultima peregrinação que fez a S. Gonçalo de Amarante, donde tornou a Lisboa. Foi curado delle com singular diligencia e caridade, até que expirou.

Teve depois disto Gregorio Serrão muitas enfermidades, e como lhe aproveitassem pouco os muitos remedios que se lhe faziam, por parecer dos medicos foi mandado quasi por incuravel ao Brasil em companhia do padre Luiz de Grã o anno de cincoenta e tres. Quasi toda a viagem foi enfermo, mas comtudo muita parte della teve cuidado de servir e ministrar aos Padres. Da Bahia foi logo mandado a Porto Seguro, onde esteve alguns cinco mezes mui enfermo na casa de Nossa Senhora da Ajuda e no cabo delles, ainda muito fraco, foi passado para S. Vicente, onde continuou com suas enfermidades algum tempo. Dando-lhe Nosso Senhor alguma melhoria, começou a ser participante dos trabalhos de Piratininga, nos quaes era dos dianteiros: teve quasi sempre o cuidado de soto-ministro, cosinheiro, dispenseiro e finalmente de toda a casa. E com isso estudava latim com toda a diligencia sem faltar em nada e a lingua do Brasil, a qual soube de maneira que podia ensinar a doutrina, instruir para baptisar, confessar e ainda pregar.

Residiu em uma aldêa muito tempo, que se ajuntou duas leguas de Piratininga, com o irmão Manuel de Chaves, apprendendo alli a lingua e ensinando os meninos da escola, passando muito frio e fome. Pela muita pobreza que então havia de mantimento e vestido, nunca trouxe mais naquelle tempo que a roupeta velha sobre a camisa e ceroulas, dormindo em uma rede, tendo o fogo por cobertor. Aos domingos e dias santos lhes acudia um Padre de Piratininga a os confessar e dizer missa e algumas vezes vinham elles entre semana a ver os Indios. Nestas idas e vindas apprendia as regras da arte da lingua com grande cuidado e gosto, para poder com ella ajudar as almas, como sempre ajudou, visitando os Indios por suas aldêas e as villas dos Portuguezes com seus escravos, pregando em portuguez, que tinha para isso grande talento, e sendo interprete nas confissões dos escravos e das mestiças suas senhoras, e ensinando a doutrina.

Passados alguns annos nestes exercicios, foi mandado à Bahia, onde tomou ordens sacerdotaes e empregou seu talento com grande fructo das almas. Pregava de continuo com grande satisfação. Foi Reitor do collegio muitos annos, o qual acrescentou muito no temporal com sua grande industria e modo de tratar com os seculares, cujos animos attrahia com sua caritativa conversação e affabilidade de maneira, que lhe davam muitas e grossas esmolos com que sustentava o collegio. Era muito inteiro no seu officio, fazendo guardar as regras e Constituições com suavidade, não se esquecendo a seus tempos da severidade. Era verdadeiramente escravo e ministro com todos. Não se satisfazia quando alguns haviam de ir fora com os mandar aviar, mas elle

por sua mão lhes aviava todo o necessario, nem se esquecia de sua amada cosinha, antes muitas vezes a visitava e temperava o comer por sua mão e particularmente o fazia para os enfermos. Tinha particular cuidado de prover os Irmãos, que tratavam na conversão, visitava-os a elles e aos Indios, ajudando-os tambem a catechisar e apparellhar para o baptismo. E assim de uns e outros dos nossos e dos de fora era amado como verdadeiro pai.

Foi eleito por Procurador para Roma no tempo do nosso padre Everardo, o qual officio fez com muita prudencia, diligencia e edificação. Por ver nosso Padre tantas partes nelle o tornou a mandar ao Brasil com o cargo de Reitor do collegio da Bahia, no qual perseverou muitos annos, cada vez com mais exacção de diligencia e caridade, assim para os nossos como para os de fóra, aos quaes acudia com muita benignidade em seus negocios e necessidades, buscando remedio para os pobres e principalmente para casar orphãs, para o qual ajudavam os ricos devotos com muita liberalidade.

Tinha muita autoridade para com os Governadores e assim por seu respeito tinham muita conta com favorecer o collegio, e o negocio da conversão e liberdade dos Indios. Finalmente em tudo os achava benevolos, cuja amizade e autoridade e dos Bispos e mais Justiças elle por todas as vias trabalhava de conservar.

Andando assim occupado nestes officios e indo uma noite em um barco a fazer uma obra de serviço de Deus e misericordia como costumava, lhe deu o ar na cabeça, de que começou a enfermar, e pouco a pouco se foi alienando, mas nunca deixou de fazer seu officio, até que pareceu bem ao padre Christovão de Gouvêa, que então era Visitador, que tinha necessidade de ajuda, a qual lhe deu substituindo-lhe um Padre, ficando elle ainda com titulo de Reitor; mas como a enfermidade não tinha melhoria, antes cada dia se aggravava mais, o alliviou de todo.

Era elle muito escrupuloso para comsigo (ainda que para os outros escrupuloso largo) e nestes tempos que não governava tudo era entender comsigo, e expedir-se de cousas passadas no mundo, muito miudas, confessando-se muitas vezes, e porque já não podia dizer missa commungando, até que lhe deu Nosso Senhor muita paz interior e ficou muito socegado em seu espirito e de todo alienado junto com outras enfermidades velhas, que se lhe renovaram, mas sempre andou em pé conversando com os Irmãos.

Parecendo aos Superiores que se acharia melhor na banda do Sul, por ser aquella terra melhor, determinaram de o mandar ao Rio de Janeiro com esperanças de convalescer, porque ainda tinha boas forças. Dando-lhe o Provincial a nova, respondeu elle : *Sabe Vossa Reverencia como eu estou?* E dizendo-lhe : *Sim*, aceitou a ida de muito boa vontade, como que estivera em todo seu siso, despedindo-se dos Padres e Irmãos com lagrimas e embarcado em companhia de outros Padres e Irmãos, foi ter à capitania do

Espirito Santo, e esperando alli por tempo para cumprir sua viagem, quiz Nosso Senhor que cumprisse primeiro a de sua peregrinação, dando-lhe uma febre, a concluiu brevemente em um dia ou dous, acabando com muita paz a 25 de Novembro de 1586, tendo 36 annos de Companhia e 33 do Brasil. Jaz sepultado na nossa igreja de San-Tiago da mesma capitania (Op. c., pg. 217-219).

Esclarecimentos.

Francisco Pereira Coutinho, pag. 3.

Francisco Pereira Coutinho chegou à Bahia depois de 18 de Agosto de 1535, em que de lá sahiu a armada Simon de Alcaçova para a Europa (*Archivo de las Indias*, Madrid, 1874, V, pag. 115), e antes de 20 de Dezembro de 1536, em que concedeu sesmaria a Diogo Alvares (*Porto Seguro, Historia geral*, pag. 197). Acolheu-se da Bahia a Porto Seguro em 1545, como o demonstra a carta de Pero de Campos Tourinho, publicada na *Rev. do Inst.* X, (1848) pag. 134. Foi trucidado pelos Indios em fins de 1546 ou principio de 1547 (Porto Seguro, *Historia geral*, pag. 228).

Em uma colleção de papeis velhos existentes na Bibliotheca Nacional ha o seguinte extracto de uma carta do infeliz donatario, até agora inedito :

« 1536. Relação de Francisco Martins (*sic*) Coutinho, que chegando á terra do Brasil a primeira terra que vio foi um rio de agua doce tamanho como o de Lisboa e não consente maré em si que tamanha é esta corrente e de comprido pelo certão nove mezes de jornada e vindo deste rio pela costa se acha a melhor e mais limpa terra do mundo ; ao outro dia achou um rio de agua doce pequeno e ao seguinte dia uma angra com dois rios de agua salgada e de muita frescura ; d'ahi partindo-se ao outro dia foi ter a uma bahia em que agora está, que tem a entrada duas leguas de ponta a ponta, de baixa-mar tem quatro braças e meia, sem restinga nem baixo, podem entrar quantas naos ha no mundo, nem nunca se vio porto melhor nem mais seguro e ha dentro desta bahia treze ilhas em que ha ilha de nove leguas em roda, de barro e massapé (?) muito boa ; tem dentro cinco rios em que ha dois de agua doce e delles esteiros, as melhores aguas e ares que nunca se viram. Poz a villa no melhor assento que achou, em que tem feito casas para cem moradores e tranqueiras de redor e uma torre já no primeiro sobrado.

A terra muito pacifica ; obra de uma legua d'aqui ha uma aldeia com 120 ou 130 pessoas muito pacificas que vêm a sua casa por ração (?) e o principe delles com sua mulher, filhos e gente, querem já ser christãos. De uma parte de sua capitania se vêm quasi todos para elle, dizendo que querem ser christãos e não querem comer carne humana e trazem mantimentos: uma anta vale um vintem, um viado mesmo vintem, um porco montez mesmo vintem, um coelho dois vintens e muitas outras caças de muitas maneiras. O peixe é tanto que val de graça, peixe de oito palmos e mais que se toma ao anzol, muitas pescadas, salmonetes, linguados, sardinhas. A costa tem muito coral mas não tem inda com que o tire. A terra dará tudo o que lhe deitarem, os algodões são os mais excellentes do mundo, o assucar se dará quanto quizerem.»

Sobre a historia da capitania depols da morte do infeliz donatario, ha a seguinte averbação no livro VII da Chancellaria de D. João III, existente na Torre do Tombo:

« Por fallecimento de Francisco Pereira Coitinho pertenceram estas cincoenta leguas de costa do Brasil a Manoel Pereira seu filho herdeiro, e qual se concertou e fez contrato com El-Rei Nosso Senhor e lhe bargou o direito que havia na dita capitania e assim seu filho mais velho Miguel Coitinho e com outhorga de sua mulher Dona Felippa e todos desistiram da demanda que com o dito Senhor traziam sobre a dita capitania e o dito Senhor lhe fez mercê por um padrão de quatrocentos mil réis de juro no que render a redizima da dita capitania para sempre com as clausulas do dito contrato e doação que lhe disse passou e, vindo caso que a dita redizima não renda nada, Sua Alteza lhe pagará de sua fazenda... portanto se poz esta verba por mandado do dito Senhor, conteúda na carta que dos ditos quatrocentos mil réis de juro lhe foi passada, que foi feita em Lisboa a 6 dias de Agosto de 1576, a qual verba puz eu Christovão de Benaventura mestre em artes, escrivão da Torre do Tombo.»

Clerigo nigromatico pag. 5.

Sobre este personagem mysterioso, a que tambem se refere Fernão Cardim (*Indios do Brasil*, pg. 50), diz o seguinte Frei Vicente do Salvador: «e principalmente veiu um clerigo a esta capitania, a que vulgarmente chamavam o Padre do Ouro, por elle se jactar de grande mineiro, e por estas artes era muito estimado de Duarte Coelho de Albuquerque e o mandou ao sertão com trinta homens brancos e 200 Indios, que não quiz elle mais nem lhe eram necessarios, porque em chegando a

qualquer aldéa do gentio por grande que fosse, forte e bem povoada, depennava um frangão ou desfolhava um ramo e quantas pennas ou folhas lançava para o ar, tantos demônios negros vinham do inferno lançando labaredas pela boca, com cuja vista sómente se ficavam os pobres gentios machos e femeas tremendo de pés e mãos e se acolhiam aos brancos que o Padre levava consigo, os quaes não faziam mais que amarral-os e leval-os aos barcos, e aquelles idos, outros vindo, sem Duarte Coelho de Albuquerque, por mais reprehendido que foi de seu tio e de seu irmão Jorge de Albuquerque do Reino, querer nunca atalhar tão grande tyrannia, não sei si pelo que interessava nas peças que se vendiam, si porque o Padre magico o tinha enfeiticado, e foi isto causa para que el-rei D. Sebastião o mandasse ir para o Reino, d'onde passou e morreu com elle em Africa, e ficou a capitania a Jorge de Albuquerque Coelho, que tambem passou com El-Rei e foi captivo, ferido e aleijado de ambas as pernas, mas resgatou-se e viveu depois muitos annos casado com a filha de D. Alvaro Coitinho de Amourol, da qual houve dous filhos, Duarte de Albuquerque Coelho e Mathias de Albuquerque... e o Padre do Ouro tambem foi preso em um navio para o Reino, o qual arribou às Ilhas, donde desapareceu uma noite sem mais saber-se d'elle. (*Historia do Brasil, livro III, cap. XV*).

Rio do Frade, pg. 12.

Em carta escripta da Bahia em 1551 (Mss. da Bibliotheca Nacional), diz o padre Francisco Pires que, *pouco tempo antes*, em Porto Seguro, se afogara um Franciscano no rio, que por este motivo ficou chamado do Frade. Não se refere, porém, ao disfarce de que usaram os Indios, o que não deixaria certamente de fazer, si o facto alli se houvesse dado e fosse recente.

Entretanto, a circumstancia do disfarce é narrada por outros historiadores, entre os quaes frei Antonio da Piedade (*Chronica da Arrabida, parte I, livro III, cap. 40, n.º 603*), e Jaboatão (*Orbe Seraphico, livro ante primo, cap. IV*), que collocam o facto em Porto Seguro, mas a data em 1503.

Na segunda edição de sua *Historia Geral*, pg. 87, diz Porto Seguro que não crê que os Arrabidos, a que se referem Piedade e Jaboatão, estivessem em 1503 em Porto Seguro. Porque, não o diz.

Tambem sou desta opinião pelos seguintes motivos: Desde que os Frades eram Arrabidos, como affirmam os chronistas, é natural que se ligasse o nome delles a qualquer parte da terra, principalmente então que quasi toda estava por nomear. Ora,

em mappas antigos apparece o nome de *Santa Maria d'Arrabida*, um pouco ao Norte do cabo de Santo Agostinho. Portanto é ali que se deve localizar seu primitivo estabelecimento.

A que localidade corresponde actualmente este nome, não é facil dizer, mas parece-me que é a bahia da Traição. No *Esmeraldo de situ orbis*, importante codice da Bibliotheca Eborensis, escripto por Duarte Pacheco em 1506, e infelizmente ainda inedito, ha algumas latitudes do Brasil que serão publicadas em baixo, e de que mandou-me cópia Lino d'Assumpção. Ali lê-se: *Santa Maria d'Arrabida* 5.^o Ora, si compararmos esta latitude com a da bahia da Traição, não como a trazem as cartas actuaes, depois de tantas determinações astronomicas, mas com os documentos contemporaneos, encontramos na doação de Pero Lopes que a bahia da Traição é arrumada em 6.^o, isto em 1534, depois de muitas explorações, entre as quaes a de Diogo Leite em 1531. A posição é, pois, muito proxima entre os dous pontos.

Accresce ainda que o nome da bahia da Traição é muito antigo, tanto que já em 1534 era escolhida para limite de duas capitánias; e sendo admittido como veridico o disfarce de que usaram os Indios, está perfeitamente explicado o motivo da designação ominosa do logar. O pouco que a este respeito sabemos, que vem no Tratado de Gabriel Soares, em vez de estar em desaccôrdo com o facto, pelo contrario, combina perfeitamente com elle. « Chama-se bahia, diz elle á pag. 27 de seu *Tratado*, pelo gentio Pitiguar Acajutibiró e os Portuguezes, da Traição, por com ella matarem uns poucos de Castelhanos e Portuguezes que nesta costa se perderam ».

Contra a identificação entre Santa Maria de Arrabida e bahia da Traição, póde allegar-se que Cardoso no *Agiologio Lusitano*, vol. III, pg. 749, Soledade e Jaboação e outros, dizem que os Frades de 1503 foram mandados a Porto Seguro. Este argumento perde, porém, a força si nos lembrarmos que nos primeiros tempos era usual designar toda uma terra apenas por uma localidade mais conhecida, como succedeu, por exemplo, no Amazonas, onde a expressão Cabo do Norte significava toda a Guyana brasileira. Porto Seguro quer dizer portanto o mesmo que Brasil.

Admittidas estas ideias, temos pois que os Franciscanos vieram pelo menos duas vezes ao Brasil antes dos Jesuitas: a primeira em 1503, á Parahyba do Norte, como dizem os chronistas da ordem; e a segunda pouco antes de 1551 a Porto Seguro. E' a estes que se deve o nome do rio do Frade, como é aos primeiros que se prende o nome bahia da Traição, isto é, de S. Maria d'Arrabida.

Eis as latitudes do *Esmeraldo*, mandadas por Lino de Assumpção, e que merecem um estudo desenvolvido, que talvez n'outra occasião lhe seja dedicado:

Angra de S. Roque 3.^o,30'; Santa Maria de Arrabida, 5.^o;

S. Agostinho 8°, 15'; rio S. Francisco 10°; aguada de S. Miguel 10°; Porto Real 14°; Angra de Todos os Santos 15°, 40'; Porto Seguro 18°; rio de Santa Luzia 19°, 20'; ilha de Santa Barbara 20°, 20'; rio dos Refens 24°, 40'; ilha de Santa Clara 24°, 40'; Cabo Frio 25°; ilha de Fernambu 27°; ilha de Santo Amaro 28°, 30'; ilha da Ascenção 21°; Angra Formosa 15°; ilha de S. Lourenço 4°.



INDICE

	PAGS.
INFORMAÇÃO DO BRASIL E SUAS CAPITANIAS.....	1—30
Do Brasil em geral	1—2
Dos Governadores e Capitães.....	3—5
Dos capitães das outras capitanias.....	5—8
Dos bispos e prelados do Brasil.....	8—9
Da primeira entrada dos Francezes no Brasil.....	9—12
Dos frades que antes e depois da Companhia vieram ao Brasil.....	12—13
Da vinda dos Padres da Companhia ao Brasil.....	13—16
Das occupações e trabalhos da Companhia	16—22
Dos collegios da Companhia.....	22—23
Dos provinciaes do Brazil e reitores dos Collegios.....	24—25
Das Reliquias e indulgencias.....	25
Dos costumes dos Brasís.....	25—28
Dos impedimentos para a conversão dos Brasíz e depois de convertidos para o aproveitamento nos costumes e vida christã.....	29—30
INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL PARA NOSSO PADRE....	31—56
Do Brasil em geral.....	31—32
Tamaracá.....	32
Pernambuco.....	32—33
Collegio de Pernambuco	33—35
Bahia.....	35—38

Residencias da Bahia.....	39—40
Espirito Santo.....	40—41
Rio de Janeiro.....	41—43
S. Vicente.....	43—45
Piratininga.....	45
Clima.....	45—46
Cousas que pertencem <i>ad vestitum</i>	47
Cousas que pertencem <i>ad victum</i>	48
Carnes.....	49
P. scados.....	49
Fructos.....	50
Legumes.....	50—51
Bosques.....	51
Bichos.....	51—52
Indios.....	52—51
Conversão.....	54—56
FRAGMENTOS HISTORICOS.....	57—76
Padre Manuel da Nobrega.....	57—68
Padre Diogo Jacome.....	68—69
Padre Manuel de Paiva.....	69—72
Padre Salvador Rodrigues.....	72—73
Padre Francisco Pires.....	73
Padre Gregorio Serrão.....	73—76
ESCLARECIMENTOS.....	77—81
Francisco Pereira Coutinho.....	77—78
Clerigo nigromatico.....	78—79
Rio do Frade.....	79—81



